

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ALTIERE DIAS DE FREITAS

FUTEBOL TOTAL

Sociologia da formação de jogadores de futebol em um clube de bairro

RECIFE, 2013

ALTIERE DIAS DE FREITAS

FUTEBOL TOTAL

Sociologia da formação de jogadores de futebol em um clube de bairro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob orientação do Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes e co-orientação da Prof. Dr. Rosane Maria Alencar da Silva

RECIFE, 2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária, Divonete Tenório Ferraz Gominho CRB4-985

F866f Freitas, Altieri Dias de.

Futebol total : sociologia da formação de jogadores de futebol em um clube de bairro / Altieri Dias de Freitas. – Recife: O autor, 2013.

102 f. il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes.

Coorientadora: Profª. Drª. Rosane Maria Alencar da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2013.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Sociologia. 2. Futebol – Aspectos sociais. 3. Clubes de Futebol – Recife (PE). 4. Jogadores de futebol. 5. Formação profissional. I. Moraes, Josimar Jorge Ventura de (Orientador). II. Silva, Rosane Maria Alencar da (Coorientadora). III. Título. 301 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2013-89)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes

Prof. Dr. Arthur Fragoso de Albuquerque Perrusi

Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior

Recife, 2013

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só foi possível graças ao apoio que recebi do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE e da CAPES. Agradeço aos companheiros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do futebol (NESF) entre os quais tive a oportunidade de estudar o futebol de uma perspectiva sociológica. Gostaria de expressar minha gratidão aos amigos e colegas do curso de Ciências Sociais Luciano Laet, Raphael Soares, Marcelo Nery, Jair Rocha, Patrícia Geórgia, Juliana Cíntia, Acássia Souza, com os quais vivenciei os medos e angústias próprios da graduação, mas que também partilhei a paixão pelas ciências sociais. Agradeço também a todos meus colegas de mestrado e professores: professora Silke Weber, Cecília Rito, Juliana Guerra, Leonardo Lima. Um muito obrigado ao Professor Dr. Jorge Ventura, pela presteza na orientação e ao cientista político e pesquisador Túlio Velho Barreto, com quem aprendi muito sobre o que é pesquisa social. Desejo deixar uma carinhosa lembrança a amigos que participaram direta ou indiretamente desse processo: Felipe, Enilton, Amarildo, Andrine, Help, Renato, professor Ricardo Santiago, Terezinha de Jesus, Natália, Clécia, Felipe, Ângela. Devo muito do trabalho que se segue às pessoas que compõem o Internacional de Campina, especialmente os professores Valter e Ney e todos os garotos.

Agradeço por tudo a minha família. Pai, mãe, Aline, Érica, muito obrigado.

RESUMO

O trabalho que se segue busca compreender como garotos de um pequeno clube de futebol, o Internacional Clube do Recife, do Bairro de Campina do Barreto, são enquadrados em esquemas interpretativos que pressupõem a atualização de certos valores, ideais e protocolos de comportamento que dizem respeito a uma (im)provável carreira de jogador de futebol. A partir da teoria de Goffman, que defende ser possível observar uma série de rituais cotidianos que animam um sentido específico de “eu”, fiz uma observação participante entre os meses de abril e agosto de 2012. Além do diário de campo, o material que ora analiso foi erigido através de entrevistas e o uso de recursos audiovisuais. Ao longo do trabalho são descritos e analisados uma série de situações em que um conjunto de regras e valores do universo do futebol como elementos da fachada pessoal, preocupação com o corpo e com a presteza para as práticas ensinadas, são consagrados através de rituais levados a cabo por atores diversos em um delicado contexto de uma “instituição aberta”. Conclui-se que apesar de todos os elementos perturbadores que incidem sobre esse processo como a ausência de implementos, de tempo, de isolamento e as condições péssimas de trabalho, tais dramatizações fazem os indivíduos considerarem-se aptos e desejarem se realizar como esportistas. Um horizonte de prática social que faz sentido devido à importância central que o futebol tem para nós como povo.

Palavras chaves: Futebol; Rituais Cotidianos; Instituição aberta; Jogador de futebol; Campo.

ABSTRACT

The work that follows seeks to understand how boys from a small football club, the International Club of Recife, from the Recife's neighborhood Campina do Barreto, are framed in interpretive schemes which require the defense of certain values, ideals and behavior protocols related to an unlikely career of football player. Based on Goffman's theory, that advocates be possible to observe a series of daily rituals that animate a specific meaning of "Self", I did a participant observation between April and August of 2012. Besides the field diary, the material was erected through interviews and the use of audiovisual resources. Throughout the work are described and analyzed a number of situations in which a set of rules and values of the world of football, such as elements of the personal façade related to the body and with the practices taught, are consecrated through rituals led to out by different actors in a delicate context of an "open institution". We conclude that despite all the disturbing elements that intervene on this process as the absence of implements, lack of time, and poor working conditions, such dramatizations make the actors consider themselves able to perform as athletes. A social practice that makes sense because of the central importance that football has for us as a people.

Keywords: Football, Everyday Rituals; Open institution; Football player; Field.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I – Relato de Campo	14
Mito de Origem.....	15
Antecedentes.....	17
Início.....	19
Desenvolvimento.....	20
Dificuldades.....	21
Goffman.....	23
Instrumentos.....	26
Tédio de Campo.....	28
Notas Finais.....	29
Capítulo 2 – O Campo	32
Internacional.....	32
Trabalho Social.....	37
Internacional Futebol.....	42
Descrição do Campo.....	46
Capítulo 3 – Rituais Pré-treino	51
A sombra.....	52
Rituais de entrada.....	54
Vestindo-se.....	60
Bastidor.....	67
Cabras Machos.....	71
Disciplina.....	73
Histórias.....	77
Capítulo 3 – Dentre do Campo	81

Focando.....	82
Correndo.....	88
Treinando.....	93
Considerações Finais.....	100
Referências Bibliográficas	104
Anexos	106
Anexo I: Do campina, um Sketch.....	106
Anexo II: Fotos.....	113

Introdução

“o medo que tens, Sancho – Disse D. Quixote –, não te deixa ver nem ouvir às direitas, pois um dos efeitos do medo é embotar os sentidos e fazer com que as coisas não pareçam o que são”
(CERVANTES, 2010, p. 239)

Quem vê um corpo suado de criança, rosto contraído, pés fincados firmes em solo arenoso, propondo-se alcançar uma bola indócil, não imagina as forças contra as quais ele se debate. É que carrega um manto, com o peso de uma “gaiola de ferro”, de uma instituição que se tornou uma religião para nós, uma espécie de matriz formadora de nossa identidade ou canal onde sublimamos (FREYRE, 1947) (ou aprofundamos) nossas mazelas e limitações como sujeitos coletivos. E se deu pela adaptação de um produto exógeno aos nossos padrões, amalgama de culturas, em uma antropofagia bem sucedida. Ganhamos não sei quantas copas do mundo, produzimos os maiores craques e o maior “atleta do século XX”. Encantamos-nos e encantamos todos com nosso “dionisíaco” jeito de jogar bola (BARRETO, 2004). Tornamos-nos os melhores em algo, vira-latas de *pedigree*, colonizados que poderiam desafiar nossas metrópoles. Ainda queremos acreditar nisso, mesmo quando não há qualquer motivo para acreditar.

Esse complexo “sistema de identificação coletiva”, encarnado periodicamente pela amarelinha, com seus diversos subsistemas, sua “dinâmica do clubismo” (DAMO, 2007)¹, já possui um história razoável com seus *records*, crônicas, mitos e lendas. Os heróis são cultuados, evocados em ligação com seus “templos” de atuação, tornados ideias em alguma coisa: um jeito específico de se bater na bola como na “folha seca”, nos seus dribles garrinchais, no modo de saltar e parar no ar como um beija-flor diante da pelota, na frieza romariana diante do goleiro etc. Os grandes planteis são enumerados com um orgulho de quem conta um feito de guerra, com suas ameaças iminentes, reviravoltas e o fim edificante. A frustração é paradigmática. As pessoas são lançadas de volta à precariedade humana, choram, se descabelam, ficam de luto e, apesar da tentativa de esquecer, sempre são remetidas a essas tragédias. Os grandes maracanaços

¹Damo, a partir da teorização de Durkheim, construiu a noção de “Clubismo”, uma espécie de “totemismo moderno”. Segundo o autor, o vínculo a um clube implica um “sistema simbólico” particular através dos quais os indivíduos organizam parte de sua vida. Há uma clara dimensão de coerção. Ver: DAMO, 2007, p. 51-67.

jamais são esquecidos.

É um campo que passou por constantes transformações ao longo dessa história, nas disposições corporais específicas necessárias a sua prática, nas regras, nas formas de contrato e modos de intercâmbio de jogadores, adaptando-se, em um nível, às transformações mais abrangentes da sociedade. E que hoje, muito distante do elitismo de seus momentos iniciais, se tornou um fenômeno de massa, global, dominado por uma lógica capitalista mercantil. Os contratos com patrocinadores e cotas de televisão são astronômicos, a compra e venda de jogadores profissionais e técnicos envolve cifras surreais para um trabalhador normal. Existe toda uma rede de agentes que medeiam e lucram a partir dessas transações.

Os atores desse espetáculo são criados nos CTs dos clubes como numa indústria, com grande investimento ao longo de anos, para tornar-lhes aptos a serem aceitos em um mercado internacional (DAMO, 2007). São espaços físicos onde garotos introjetam, ao longo de treinamentos e jogos, as regras e normas desse universo e um *habitus* específico. Podemos dizer que esses ambientes assemelham-se a instituições totalizantes (GOFFMAN, 2010a, p. 16) com suas rotinas coletivas, a divisão entre equipe dirigente e “internados”, o afastamento em relação a outras esferas da vida social, a difícil reconversão quando do não sucesso, as durezas das condições encontradas devido ao ainda precário tratamento dado pelos clubes, etc. E todas as imagens fantásticas de fama, sucesso financeiro e reconhecimento propagado pelos meios de comunicação fazem com que o “condenado” busque voluntariamente o “internamento”.

Contudo, nem todos são aceitos. A entrada nos limitados clubes que integram a dinâmica do clubismo depende de uma série de “contingências de carreira” (GOFFMAN, 2010a, p. 117) que incluem: uma rede de relacionamentos e agenciamentos privados, que abarcam desde parentes até empresários, já presentes nesse nível; a ocorrência de oportunidades de entrada e o modo como são estruturadas, ex. se são os clássicos peneirões, formas primitivas de acumulação de pés-de-obra, ou se são formas mais criteriosas e individualizadas de avaliação; a adequação aos critérios de avaliação em voga, que incluem níveis ideais de compleição física como peso e tamanho; e, especialmente, possuir aquela categoria vaga que se usa no jargão futebolístico para se referir à “vocação”, uma disposi o inata para a prática do jogo chamada de “dom” (DAMO, 2007).

Acrescenta-se que, uma vez “dentro”, nada garante a permanência. Já nas

categorias de base, além dos treinamentos para o adestramento técnico e tático, existe uma exposição permanente de jogadores que tem idades abaixo de 17 anos, como nas categorias Infantil e Juvenil, a situações limites. Eles devem gerenciar um conjunto enorme de expectativas, que vão desde as esperanças familiares no sucesso profissional e material dos jovens, até as exigências de vitórias nos campeonatos, atualizados pelos torcedores, que já afluem em grande número para os estádios e pelos membros das diretorias dos clubes. Mesmo nesse nível de preparação futebolística, os troféus já valem muito na disputa simbólica contra outras entidades. E qualquer falha, de caráter ou “técnica”, qualquer má fase ou conflito com algum dos indivíduos que formam a rede de agenciamentos pode gerar uma “dispensa” e a necessidade de novamente buscar a aceitação.

Com se pode entrever, não é um caminho suave, progressivo, com a vitória final garantida para aqueles que insistem. Mesmo as “histórias de superação” que os grandes atletas contam, cheias de episódios de “superação”, deixam entrever grandes dificuldades². Mas o que é que faz esses jovens entregarem-se de tal forma a uma atividade como o futebol? E mais: como é que eles apreendem os valores e regras que são necessários para o sucesso nesse campo? Para responder a essas perguntas, resolvi verificar um futebol que é reproduzido por praticantes “invisíveis”. É nesse espaço, longe dos holofotes, que nossas tradições, nossos valores e ideais de apaixonados, se cristalizam, são encarnados e resignificados por exércitos de projetos de futebolistas que germinam nos solos esburacados, encharcados e tortos que se espalham pelo país e que talvez um dia venham eles mesmos tornar-se referências e ideais corporificados.

Essa é uma das principais ideias que guiam o trabalho do Internacional de Campina do Barreto, time situado nesse referido bairro da periferia recifense. O “Inter” tem tradição de revelar jogadores para clubes profissionais pernambucanos, possui em seu *staff* um treinador que já passou por pequenos clubes do futebol profissional e outro que tem uma grande penetração nas categorias de base de Pernambuco. Além, é claro, de ter uma relação “quase oficial” com o Santa Cruz Futebol Clube: o “time pequeno” funciona como uma espécie de reserva de pés-de-obra e depósito de refugos para o “clubes grande”. Assim, o Inter se apresenta como um interessante “objeto” para observarmos, parafraseando Wacquant, a trama das relações sociais e simbólicas que

²É famosa a história de que Cafu, recordista de jogos pela seleção brasileira e presente em três finais de copa do mundo consecutivas, foi dispensado de 9 peneiras.

são tecidas no futebol amador, de várzea, qualquer que seja o conceito no qual enquadraremos as práticas e instituições futebolísticas que surgem às margens do futebol espetacularizado³.

Para tanto, fiz durante aproximadamente quatro meses, entre abril e agosto de 2012, uma observação participante do “Infantil” do Internacional, além de filmar e realizar algumas entrevistas tanto com os garotos quanto com os coordenadores de suas atividades. Essa categoria foi escolhida, pois ao comportar garotos no início da aprendizagem futebolística nos permitiria entrever nos discursos e práticas recomendadas pelos “professores” e na apreensão e adaptação por parte dos jogadores como se dava a assimilação e atualização de um “eu” específico. Busquei mapear os discursos, o sistema de aprendizagem erigido por aquela instituição informal, quais eram seus principais atores e seus modos de interação atualizados. As rotinas observadas incluíam treinos, conversas diversas e alguns jogos.

Utilizarei como referencial principal as teses de Erving Goffman sobre o modo como os atores sociais reafirmam continuamente uma dada ordem social, apesar dos inúmeros obstáculos. Trataremos o Inter como uma “instituição social aberta”, sem limites físicos ou protocolos de atuação cristalizados quanto às práticas exigidas, mas que mesmo assim promove um conjunto de rituais que sacralizam uma existência e uma pertença específica. Isso me impôs alguns obstáculos, especialmente a identificação do lugar e força da influência do conjunto de atores presentes no campo. Diante de tal desafio, a sequência de capítulos II, que trata da relação do Inter com o futebol profissional e o bairro, o III, que se refere a alguns rituais de preparação para o treino e o IV, no qual tento mostrar etapas centrais na formação do jogador, refletiram a tentativa de ordenar os dados coletados e por em relevância o processo de apreensão de um “eu”. Mas antes, inicio com um capítulo que visa refletir sobre os desafios que o campo impõe ao trabalho do sociólogo e as repostas possíveis a tais desafios.

³O futebol espetacularizado caracteriza-se, entre outras coisas, por três particularidades: 1) Organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB; Divisão do trabalho, dentro e fora do campo; 3)Excelência performática exigida dos praticantes. (DAMO, 2007, p. 42)

Capítulo I

Relato de campo

De acordo com Whyte (2005, p. 283), nós, pesquisadores sociais, temos uma grande dificuldade em refletirmos mais sinceramente sobre o processo de pesquisa que gera nossos produtos intelectuais. Eles aparecem geralmente como uma ficção com um início árduo, no qual o interessado se defronta com questões práticas e teóricas do campo, passa por um meio de dificuldades e autoafirmação e, por fim, surge o produto, em termos de uma escrita mais neutra que põe em relevância as “descobertas”. Se for para usar uma metáfora futebolística, age-se mais ou menos como um cronista esportivo descrevendo um jogo de futebol em estilo literário: os leves chutes nas canelas, as furadas, a parte banal e repetitiva do jogo são minimizadas em nome de coisas mais interessantes. Foi mais ou menos isso que fiz na minha monografia, uma verdadeira peça de convencimento acadêmico.

Mas a labuta do campo é muito mais caótica e menos lógica do que possamos imaginar e ler nos manuais de metodologia de pesquisa. O próprio Whyte, seguindo certamente “a moda” corrente em termos de relatórios de pesquisa, escondeu esse fato. Corrigiu-se posteriormente, quando o seu “Sociedade de Esquina” já havia se tornado um clássico. No famoso “prefácio”, acrescido ao referido livro mais de 40 anos depois de sua primeira edição, ele faz um longo e corajoso relato em primeira pessoa do modo como o seu livro foi gestado. Descreve desde os primeiros arroubos megalomaniacos de pesquisador inexperiente, as pessoas e situações que lhe ajudaram a moldar o seu projeto, a entrada em campo, os erros, o desenvolvimento do seu método, etc. A sua leitura, em uma etapa já tardia de meu trabalho, me impressionou muitíssimo.

A tal ponto que pensei: “porque não transformar aquilo que era apêndice em um capítulo de abertura?”. E isso não significa delinear meu “artesanato” da mesma maneira que fez o artífice original. O que me guiará aqui é o motivo geral que norteia a empreitada do mestre: mostrar o esqueleto, as fibras, e as falhas de um trabalho que é o que é possível ser. Além do mais, meu texto é muito mais modesto do que o de Whyte e, como ele mesmo afirma, cada pesquisador enfrenta suas dificuldades e cria de forma diferente. Refletirei aqui minhas próprias experiências. O que há de comum é a luta

contra essa matéria fluida, arredia, às vezes, de uma dureza e frieza de mármore que são os seres humanos e suas coisas. Luta que nos tira da torre de Marfim dos deuses e nos mostra o quão pobres-diabos somos. O campo, de fato, ensina isso, o quão pequenos nós, pesquisadores, somos.

Alguém poderá dizer, “mas isso não é também uma ficção?”. Claro que sim, mas é uma ficção cujo heroísmo reside não no feito espetacular, narrado como em uma odisseia, mas sim na exaltação da força vital diante da grandiosa e simples tarefa de “ser” pesquisador – “Ser” aqui no sentido Goffmaniano de construção de um “eu” específico⁴. E enquanto labutei nessa pesquisa, como se verá, fiz um esforço interno tremendo de me ver como um pesquisador, apesar de inúmeras dificuldades. Serei, portanto, um cronista esportivo, contudo, além dos momentos de “insights”, de dribles criativos e de gols, mostrarei também o tempo passando com se não passasse, o medo de perder um pênalti ou expectativa da derrota. E isso talvez fique mais evidente porque minha construção se é retrospectiva também é prospectiva: trabalho e reflexão sobre o trabalho ocorrerão simultaneamente. Os produtos ou capítulos de “análise” que se seguirão dependerão dos rumos que tomar nesse capítulo inicial.

Mito de origem

E nada melhor para começar do que o “mito de origem”. Nesse jogo de aproximação e distanciamento do universo estudado é importante saber de onde se fala. É preciso de um porto. Declaro que falo da Universidade Federal de Pernambuco, mas especificamente do 12º andar do quadrado CFCH, local do Programa de Pós Graduação em Sociologia. Essas indicações poderiam sugerir um tipo específico de voz. Aquela de classe média recifense. Daí seguiria mostrando o choque entre sistemas simbólicos ao penetrar em um universo tão popularesco quanto o futebol. E, então, falar da

⁴“Eu” para Goffman (2009) é um conceito complexo e multifacetado, que envolve tanto uma dimensão imediata captada no instante da interação, composta tanto pela autoimagem do indivíduo, como pela imagem que os outros projetam dele e também elementos de um ambiente. Aqui eu trato também da ideia de carreira que se refere “a sequencia temporal de mudanças no eu da pessoa e no esquema de imagens para julgar a si e aos outros” (GOFFMAN, 2010a, p. 112). Tento mostrar como o campo, as interações com o universo pesquisado, ajudaram no processo cotidiano de “aceitação” e atualização de um tipo de existência que chamo de “pesquisador”. Mas tarde tento captar um processo parecido com os garotos.

imponderação do olhar do nativo depois da labuta do campo. Wacquant em seu também famoso estudo “Corpo & Alma” (2012) faz algo nessa direção, mostrando como certo “capital” corporal adquirido na juventude ajudou-o a ultrapassar as barreiras impostas a um francês, branco, de classe média, pelo gueto negro. O fim foi seu quase abandono da observação em nome da participação.

Minha trajetória é um pouco distinta do que se poderia inferir. A cultura popular veio antes da racionalidade acadêmica. E o futebol, como diz o velho Liêdo Maranhão, aliado a “mulher”, o jogo do bicho, a religião e a safadeza, é um elemento central na sociabilidade popular⁵. Essa atividade sempre se configurou como uma importante moeda social, a partir do qual empreendia relações intersubjetivas com amigos e familiares (e mesmo com desconhecidos nos campos de pelada e nos estádios da vida), a partir do qual desenvolvia minha identidade, a partir do qual comecei a vivenciar o mundo da rua com seus laços de amizades, cultura masculina e perigos. Corro o risco de dizer que dos 10 aos 16 anos de minha vida, o futebol era uma de minhas principais atividades – pelo menos a que em mais me empenhava. Nossas sociedades de esquina sempre passavam pelo campo.

Não obstante, confesso que em 2008 ao passar por um quadro de avisos e me deparar com a informação de que o professor Ventura selecionava alunos para um estudo sobre “Tecnologia e Futebol”, o que me interessou foi a primeira parte da informação. Não imaginava então, como em geral não se imagina, que essa temática poderia ser objeto de atenção sociológica. Mesmo assim agi como um bom “ator cínico”, respondendo da melhor maneira possível às perguntas da entrevista e prometendo mundos e fundos, inclusive fazer minha monografia a partir dos dados erigidos na pesquisa. Afinal o que perderia em ver qual era daquela experiência? E se eu não gostasse, pediria para sair. Entrei no grupo de pesquisadores e, depois de um tempo de preparação, fomos para campo, na dupla acepção do termo: como o universo pesquisado e como espaço de jogo, no qual eu buscava apreender a dinâmica do

⁵ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/vidas-em-perfil/noticia/2010/11/28/liedo-o-neto-de-usineiro-que-preferiu-a-cultura-popular-246066.php>> Acessado em 24/11/2012, as 15:01.

“controle de emoções” (FREITAS, 2010) na formação de garotos das categorias de base de clubes pernambucanos⁶. Acabei sendo envolvido pela pesquisa e não saí mais.

No início encontrei grandes dificuldades. A disposição de olhar com “outros olhos” o “mesmo”, de estranhar um universo que era meu, não foi fácil. O cotidiano da pesquisa na companhia de pesquisadores experientes como Túlio Velho Barreto, de neófitos como eu e a reflexão constante sobre o andamento do trabalho, ajudaram-me a minimizar a apatia e a sensação de impotência diante dos interlocutores de pesquisa. Aos trancos e barrancos, como atacante de área sem habilidade, consegui fazer o trabalho de campo. E outra coisa me ajudou nessa fase inicial de minha aprendizagem, o modo que eu escrevi minha monografia. Nela, depois de uma breve descrição da “cozinha” da pesquisa, passei para uma narração o mais “distanciada” possível dos dados, utilizando como suporte algumas pincas teóricas. Fui aprovado, me graduei, tirei o “terceiro lugar” entre os melhores trabalhos de Iniciação Científica da Fundação Joaquim Nabuco⁷.

Foi com esses incentivos que propus um projeto para a seleção de mestrado em sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Queria continuar estudando os modos como os comportamentos dos garotos eram gestados nos cotidianos de clubes pernambucanos. Passei na seleção. Sentia, não obstante, um grande desconforto em relação ao rumo que minhas preocupações estavam tomando. Me perguntava se de fato era aquilo mesmo que gostaria de fazer da minha vida. Se não estava sendo levado pelo desejo de me firmar academicamente, independente de me sentir de fato um pesquisador social. Talvez o futuro incerto de um bacharel em Ciências Sociais, o prestígio que os diplomas poderiam trazer, foram os móveis que me levaram a tentar seguir o projeto. Precisava mudar, fazer algo diferente, algo que de algum modo minimizasse minhas angústias e atendesse o mínimo possível minhas expectativas internas.

Antecedentes

⁶ MORAIS, Jorge Ventura & Barreto, Túlio Velho. *Aprendizes de Futebol*: as regras do futebol, sua flexibilidade e “recriação” pelos jogadores de base. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq, 2008. Foi no âmbito desse projeto maior que desenvolvi meus projetos de iniciação científica que resultaram no meu trabalho de conclusão de curso no qual eu tratei da dinâmica das emoções na formação dos jogadores das categorias de base, a partir da sociologia elisiana.

⁷VI Jornada Científica da Fundação Joaquim Nabuco, realizada em 2010.

O “acaso” me ajudou de algum modo. No dia 04 de dezembro de 2011 fui assistir a rodada final de um campeonato de times de futebol de base. Jogariam no Eládio de Barros Carvalho, com partidas a serem realizadas às 13hr e 15hr, os times da categoria “Infantil” (sub 15) do Sport e do Porto e os da categoria “Juvenil” (sub17) do Náutico e do Sport. Não que o interesse em tal acontecimento fosse totalmente gratuito. Afinal de contas eu havia estudado a formação de jogadores e estava desenvolvendo um projeto de mestrado que visava justamente aprofundar o estudo da dinâmica das emoções nesse processo. Contudo, em uma dimensão consciente, acreditava que aquele jogo representava apenas uma oportunidade de diversão para um velho apreciador do “desporto bretão” e torcedor rubro-negro.

Em um dado momento do jogo, enquanto eu estava sentado na arquibancada, um dos garotos da pesquisa passou e me cumprimentou. Depois de vê-lo se acomodar, também assumindo seu papel de torcedor, fui até lá para “dar um oi”. Ao perguntar sobre o paradeiro de Valter, ele respondeu “Valter saiu do Sport, tá como auxiliar no infantil do Santa Cruz. Tá por ali por cima...”. Retornei para minha posição e procurei o treinador na arquibancada das “sociais”. Achei-o no centro de um grupo. Gesticulava e apontava para o campo, provavelmente analisando as performances de seus ex-pupilos. Escalei as escadas e antes de me aproximar ele já abriu um sorriso. Perguntei-lhe onde estava trabalhando. Falou que tinha saído do Sport havia uns 6 meses e que agora estava com um projeto no Santa Cruz. Sobre o Internacional de Campina do Barreto, falou que continuava com o trabalho lá e que quando quisesse aparecer as portas estavam abertas.

Fui para casa com aquele convite na cabeça⁸. Aquele novo objeto apareceu como uma miragem no deserto ou como uma imagem nostálgica. Na minha infância eu também havia participado de um “projeto de Futebol”. Às duas horas da tarde o sol ainda estava quentíssimo, mas eu e mais um grupo de uns 30 moleques nos apresentávamos ao professor “Jairo”, que depois de uma breve fala iniciava os treinamentos. E com a leitura ainda fresca de “Corpo & Alma”⁹ (WACQUANT, 2012), seu jeito de captar os barulhos, os pôsteres na parede, o significado de um cruzado e o

⁸Aquela experiência acabou se transformando em um trabalho final da disciplina do professor Ventura, Sociologia dos esportes: “Como é que se assiste a um jogo de futebol de base? Notas etnográficas de um aprendiz de sociologia” (FREITAS, 2011), no qual tentava fazer uma reflexão do modo como é atualizada a “imaginação sociológica” (MILLS, 2000) de um “participante” que queria ser apenas “observador”.

⁹O modo como eu fiz o trabalho de campo se inspira bastante nesse clássico texto.

cruzado de volta, os diálogos e o não dito dos corpos de homens máquinas, o Internacional de Campina se tornou ainda mais sensual. Imaginava analisar as relações entre o bairro e aquela instituição informal ancorada em um campo sem gramado, uma espécie de *gym* à brasileira. E por se afastar do projeto inicial de mestrado, esse novo objeto me permitiria entrar em campo com a cabeça mais arejada, sem a armadura já desenvolvida para o estudo que planejava.

Início

Assim, depois de um rápido contato telefônico, na tarde de 19/04/2012 me dirigi para o bairro de Campina do Barreto. Cheguei tímido. Temia ser repellido, desdenhado, sofrer uma terrível humilhação. É de meu perfil, às vezes, transformar o banal em esboço de tragédia. Uma espécie escudo. Me sentei em um dos vários compridos bancos de cimento que complementam a arquibancada no lado da Policlínica Amaury Coutinho. Observadores perdidos ou em grupo assistiam o treino por ali. No campo, dois grupos de garotos ocupavam todos os espaços. Os menores, de 9, 10 anos, corriam atrás da pelota enquanto os outros, que soube posteriormente serem os representantes do Infantil do Internacional Clube do Recife, davam voltas preguiçosas ao redor do campo. Procurei entre os espectadores da arquibancada oposta o meu *informante privilegiado*, professor, diretor, oráculo do mundo do futebol.

Valter Mendes estava bem onde seria a linha do meio - se houvesse linha do meio. Vestia uma camisa branca do Santa Cruz, boné, óculos escuros *Ray Ban* aviador, bermudas e um desbotado *adidas* branco. Esbravejou, gesticulando com os braços, mãos, e com a cabeça meio pendida para o lado deu alguns passos para frente, retornando um tempo depois para sua antiga posição de observador. Pensei comigo “é melhor deixá-lo trabalhar em paz”, defesa contra a possível falibilidade de nossa interação. Alguns segundos depois, eu estava resoluto quando me movimentei. Acerquei-me: “*Professor Valter, tudo bem?*”. “*Oh, rapaz, beleza?!*”, saudou-me efusivamente. Conversamos um pouco e pedi para depois do treino falarmos mais detidamente.

Por ali, pela arquibancada do Campo do Centro Social Urbano Novais Filho, havia um grupo de sete jogadores fora da corrida e do jogo e alguns homens que

assistiam ao treino. Seria muito se eu já estivesse habituado ao meu “papel de estranho”. E ao invés de participar do universo exterior, eu tentava conter, em vários momentos, uma tensão constante e uma terrível impressão de desconforto. Isso como que inebriou minha percepção e fiquei perdido sem saber o que olhar. Situação agravada pela complexidade do mundo que observava: havia várias camadas de sentidos, objetos pedindo atenção, um fato social total que me oprimia.

Desenvolvimento

Nos dias seguintes de observações fui percebendo que o objetivo que havia me imposto, de analisar aquela instituição e suas relações com o entorno, era demasiadamente grande para o tempo que dispunha. Primeiro, eu teria que entrar em contato com toda uma vasta bibliografia sobre estudos de comunidade e depois dificilmente poderia penetrar na “cultura” do bairro de Campina do Barreto com quatro ou cinco meses de campo. Um trabalho assim requer uma continuidade, uma participação cotidiana na vida das pessoas, uma verdadeira etnografia. Especialmente, o Inter de Campina era demasiadamente grande. Eu frequentava Campina apenas dois dias da semana e estava me concentrando na categoria Infantil, embora o “clube” possuísse, além do Juvenil, do Infantil, que se dividia em dois grupos os 97 e os 98¹⁰, uma série de gradações de idades, com crianças de 9, 10, 11 anos frequentando o lugar. Era necessário eu “baixar minha bola”.

Aproveitei parte do tempo vazio do trajeto entre o centro do Recife e o bairro, para revisar algumas ideias que me surgiram nos primeiros contatos com Campina. Dividi o projeto em três partes: o campo, os meninos, e o jogo. Na primeira parte, eu imaginava descrever o universo que se comprime ao redor do campo, também um ambiente de sociabilidade naquele bairro de periferia. Nesse capítulo eu descreveria o “espaço físico” cheio de sentidos, palco e cenário para alguns tipos de sociabilidade. Campo aqui também se referiria ao universo etnográfico, além do lugar do jogo. Como eu realizaria a fusão dessas duas dimensões, dando coerência ao texto, eu não tinha

¹⁰ Referência ao ano de nascimento dos garotos, 1997 e 1998.

ideia. Na segunda, eu queria mostrar o processo multifacetado e complexo de transmissão do futebol por aquelas vias de interdependência social estabelecidas em Campina. Usaria Mauss, Bourdieu, Elias? Na terceira eu projetava uma descrição mais rica de algum episódio na vida de Campina, talvez um jogo, ao modo como Wacquant fez em seu livro.

Além do treinamento dos garotos, passei, então, a tomar nota do universo lúdico e de brincadeira que fazia fronteira com o campo. Isso também acabou se revelando uma tarefa complicada, pois além do conjunto fluido de meninos e meninas que aproveitavam o campo como *playground*, havia os grupos de jovens mulheres e homens que por ali jogavam dominó e parolavam, além dos grupos de jovens que usavam a arquibancada para se entorpecer etc etc. Lembro-me muito bem de uma reunião com meu orientador, que apesar de afirmar ter confiança em meu trabalho, achava que eu estava tomando um rumo que poderia me trazer grandes problemas, especialmente com o escasso tempo que tinha pela frente.

Dificuldades

Durante as observações procurava o melhor lugar. Não tão perto dos nativos para que não me repelissem como corpo estranho, nem tão longe para não ouvi-los, adivinhar suas intenções ou gravar algum movimento interessante. A eterna sensação de desconforto ainda não havia me abandonado. Sentia-me como um detetive barato disfarçado dele mesmo. E imaginava ou via alguns olhares de esguelha, de desconfiança. Talvez falassem de mim na minha ausência. Difícil ser inoportuno, sobretudo para uma personalidade que tende a se adequar ao convencional em matéria de navegação social. Ou melhor, uma personalidade que quer passar ao largo, sentar em um canto junto da parede e apenas observar. Observar sem a ameaça de ser questionado em suas intenções, em sua função, no sentido que projeta nas coisas, no seu sujeito total. É o preço que se paga pra fazer um “trabalho vivo”.

Os desconfortos estavam ali. Havia o tédio mortal de uma paisagem apagada, do cansaço, do sono embalado pelos balanços de amortecedores mal ajustados. Uma eterna espera: esperava-se pelo primeiro, pelo segundo, pelo terceiro ônibus. Esperava-se

chegar. E como sujeito cognoscente, o universo, devido as minhas incertezas, às vezes, parecia tão intangível que brotava lá do fundo do ego um desejinho de autopreservação: evitar sofrer por não ser onisciente. Pois o campo rebaixa você a uma humanidade que é estranha. Longe da especulação, das disputas para a autoafirmação, longe da frieza higiênica dos gabinetes, as coisas são mais simples e difíceis do que imaginamos. Estar exposto às contingências, à possibilidade de rejeição, aos limites práticos e intelectuais de uma “observação participante” representava grandes desafios.

E havia outras forças contra as quais o estudioso do “universo lúdico” tinha que se debater. Especialmente uma tendência forte a subtrair o valor intrínseco do “objeto de estudo”¹¹. Isso já foi discutido na área específica. Na verdade é um problema que acomete as diversas áreas que margeiam a produção sociológica. Refere-se ao conjunto de concepções e valores que dizem o que é mais importante ou não como mote para pesquisa. E o “futebol” certamente não é o assunto mais prestigiado na academia. Daí um mal-estarzinho que era acometido vez por outra. Algo como uma deferência de um sociólogo bem adestrado aos supremos ideais ditados pelo *mainstream* da profissão. A impressão de que eu poderia estar fazendo outra coisa, uma coisa mais elevada, mais prática, menos pequena, ainda persistia. Aqui o que interessa menos é o que se conhece e mais a estrutura de oportunidades e a distribuição de prestígio daquele que busca conhecer.

A coisa que queria estudar era nanica, sim. Estava nas bordas do fenômeno complexo e multidimensional. Estava em um canto longe dos holofotes se reproduzindo silenciosamente, numa lentidão de “arvore que não apressa sua seiva”. Observá-los era como observar uma reação química em desenvolvimento sem adivinhar qual seria o resultado. E na precariedade que em que eram formados, observá-los era observar um futebol vivo, pulsante, arredo.

Na verdade, existia certo pessimismo no modo como lançava o olhar¹². Era como se estivesse observando o passado. Era assaltado pelas reminiscências de uma

¹¹Dunning, em um dos estudos que inaugura o campo da sociologia dos esportes, fala a respeito de “valores heterónimos” que afetavam o modo como os pesquisadores olhava para a realidade social. A sociologia dos esportes sofria, pois se localizava no lado “ócio”, polo oposto à seriedade do objeto “trabalho” (ELIAS & DUNNING, 1985, p. 16).

¹²Eu parecia sofrer por um futuro que na verdade não havia ocorrido, um futuro “ruim” que mesmo os garotos não haviam vivido e nem pensavam sobre. Isso era uma atitude que limitava minha capacidade de entendê-los. Na verdade, na vida cotidiana as pessoas se movimentam, se ligam, respondem aos

infância e começo da adolescência na qual um dos principais espaços de sociabilidade eram os campos de várzea que frequentava como espectador ou jogador. E os heróis do bairro me aparecem ali. Garotos como Wellington “patativa”, centroavante driblador, veloz, quase impossível de ser parado, egoísta quando abaixava a cabeça e saía louco em direção ao gol. Lembrava de Ziel e seu jeito fácil de jogar, sua postura elegante. Do habilidoso e rápido zagueiro Macedo. Do meu primo “Galeguinho”. Todos tiveram uma certa relevância no intercâmbio de prestígio futebolístico do meu bairro. Todos eram vistos como jogadores de grande futuro. Mas o futuro veio e os levou para longe das mais elevadas realizações futebolísticas.

E ao ver a entrega, o “espírito profissional”, que animava a preparação dos meninos do Infantil do Internacional, sentia uma espécie de tristeza. Apenas uma ínfima parte ou parte alguma daqueles conseguiriam realizar seus sonhos. O mais impressionante de tudo é que parecia que essa variável da incerteza só eu projetava naquele campo. Tudo era feito como se tudo fosse possível¹³. E ainda que percebessem as dificuldades do caminho, continuariam com a certeza (de Sancho), que era só fazer o que se pedia que o fim seria feliz. Era esse “ato de fé” coletivo que me atraía e me fazia querer apreender tudo aquilo de uma só vez, dar e desvelar sentidos de uma vida que parecia tão sem sentido, tão improvável.

Goffman

Paralelo ao trabalho de campo, eu comecei a entrar em contato com uma bibliografia nova, indicada em minhas reuniões de orientação. Os trabalhos de Erving Goffman, apesar de sentir uma espécie de estilhaçamento conceitual, me pareciam adequado ao estudo de Campina. Além de refletirem seus trabalhos pessoais de observação participante – embora sem uma discussão metodológica mais aprofundada -, esse autor usava em seus textos um conjunto disperso, contudo interessantíssimo de

estímulos, abraçam sentidos particulares, chocando com outros sentidos. Não questionam os fundamentos últimos de suas existências, nem são pessimistas quanto às possibilidades de efetivação de seus desejos.

¹³A teoria de Goffman me parece que facilita esse pessimismo ou “nihilismo negativo”, pois tem como um dos focos principais desmascarar as pessoas ou capturá-las no momento em que uma “verdade” é solapada por perturbações irresistíveis. Além disso, parece não haver um verdadeiro ato de fé para os atores goffmanianos, eles fingem mesmo quando fazem coisas “verdadeiras”.

pesquisas. Durante as leituras me vi fazendo associações entre o que captava em seus relatos ou textos teóricos e o que estava observando em Campina. Parecia fornecer instrumentos para um olhar internalista do pequeno universo ou “instituição”.

Diferentemente do tipo de instituição tratada por Goffman em seu clássico “Manicômios, prisões e conventos” (2010a), Campina aparecia como uma instituição não fechada ou “aberta”. O trabalho era realizado em um campo da comunidade sem limites físicos. As interações realizadas ali não eram separadas das brincadeiras das crianças, do jogo dos peladeiros e da interferência de pais e amigos do Inter que por ali apareciam. Além do mais, os garotos não viviam presos ou despendiam muito tempo naquele processo. Frequentavam o campo, no máximo, três ou quatro vezes por semana e permaneciam lá duas ou três horas. Apesar de tudo isso, era possível verificar um trabalho coletivo, muitas vezes difuso, que seguia um determinado objetivo.

O desafio era, dentro desse complexo universo, por em relevância um conjunto de rituais que sugerissem uma vida aos indivíduos, adequando aquele pouco tempo a alguns ideais. Tive que identificar os limites capengas entre os atores do Inter, os garotos e seus treinadores, e o universo ao redor. E mais ainda, mostrar como tais limites em vários momentos eram ultrapassados e uma coletividade participava da animação daqueles espíritos “infantis”. Para isso, também um conjunto de ferramentas teóricas presentes, sobretudo, nos livros “Ritual de Interação” (2012) e “Comportamentos em Lugares Públicos” (2010b) foram utilizados.

O mando exercido por Valter e Ney em nome da realização no universo da bola torna-se palpável ao analisar suas performances, suas fachadas, nos momentos em que proferiam algum discurso ou quando através de um grito ou um sinal conseguiam por em marcha os corpos dos garotos. E, o contrário, com os garotos, que em muitos momentos guardavam a posição de audiência, poderíamos ver os valores, os editos e os sentidos do futebol tomarem vida diretamente na carne, especialmente quando aparentavam aquela entrega de corpo e alma que uma formação “profissional” exige.

Os pequenos fios podiam ser seguidos. A conversa em um canto entre o professor e o aprendiz, o burburinho dos pais que englobava uma pequena “alma” em ensinamentos sobre coragem. O ir e vir desses contatos rápidos, mutáveis, insignificantes, mas completamente indispensáveis ao entendimento do que aquilo era ou poderia ser.

Goffman é também o sociólogo de gestos, de piscadas, tapas nas costas e dos apelidos. Os garotos se apagam como em uma instituição total. Apagavam-se para nascer com outros nomes, nomes de jogadores, nomes pequeninos, doces, irmãos açúcar, Lekinho, Neymar, Ortigoza. Seus cabelos, suas chuteiras de marcas, sua sociabilidade violenta de bastidor também podiam ser visíveis.

E essas ferramentas teóricas também se adaptavam à informalidade, à fluidez de Campina. Goffman, de fato, afirma em “A representação do Eu na vida cotidiana”, que seus conceitos, tais como “audiência”, “palco”, “atores”, são aplicados em contextos específicos, em relações específicas determinadas pelo olhar do observador (2009, p. 120). O que era ator aparentemente sincero, era audiência cínica um instante depois. O que era audiência de pitacos inaudíveis pelos garotos aqui, eram representantes dos valores difusos e atores importantíssimos do futebol acolá. Formavam uma espécie de mosaico multicolorido, cada peça trazendo um sentido que remetia a concepções subjacentes às imediatas “definições de situação”. Todas ajudando a construir aquele futebol pequenino, a dar sentido a um “eu” específico, em cuja composição mesmo o campo sem grama tinha lá sua parte – como uma elemento “fixo”, apesar das derrapadas na areia e os escorregões quando da chuva.

Goffman permitia ver uma mínima parte de uma “carreira” (2010a, p. 112), na verdade seus momentos mais primitivos de acumulação. Um grupo e seus indivíduos tentando, a despeito de toda a precariedade, todas as limitações e contingências, afirmar um estilo de vida, um sentido de eu específico, um fazer determinado. E se a teoria dele não permitia acreditar em um total ato de “fé”, uma completa ação em relação a valores, permitia, de outro modo, admirar esse esforço humano limitado e quixotesco de se produzir e reproduzir continuamente em nome de algum ou alguns ideais ritualizados na simplicidade da vida. Minha compaixão foi subtraída e no seu lugar me vi admirando esforços de existência.

Além do mais, esse olhar de dentro, inicialmente estilhaçado, com o tempo, poderia apresentar-se como rendado, entrelaçado em um “sistema”. Via-se, como dito, uma instituição muito diferente daquele modelo típico que o autor trabalhou com maestria, mas mesmo assim uma instituição. E, como tal, com sua equipe “dirigente”, com os “participantes” (aqui internado seria um exagero) e mais uma plêiade de indivíduos que

poderiam ser chamados de “agregados”, se é para inventar um termo. E ainda que não houvesse teorias demarcadas que ajudassem a determinar o rumo daquela instituição, havia um cotidiano pisado e repisado e que produzia e reproduzia, dentro de uma informalidade, um certo “ethos” com seus valores, normas e limites específicos.

Portanto, aquela floresta de sentidos começou a ser mapeada com o auxílio da teoria goffmaniana. Ficou claro que essa ideia de “carreira”, referindo-se a mudanças nas imagens de si e nos esquemas de imagens para julgar a si mesmo e aos outros, que ocorrem nos indivíduos vinculados a instituições, me parecia que seria central no meu trabalho (GOFFMAN, 2010a, p. 113). A partir desse marco, apesar do pouco tempo disponível, buscava mapear algumas das circunstâncias sociais a que os garotos eram expostos, os rituais cotidianos de “deferência”, de “porte” que buscassem amalgamar um eu específico. Aqui, mapear a relação entre os “treinadores” e os garotos e destes entre si seria uma parte importante do trabalho.

Instrumentos

No que se refere às técnicas de pesquisa que já vinha utilizando, havia uma afinidade com o modo com que Goffman coletava as informações. Seu ponto de partida empírico é a observação direta dos “rituais cotidianos”, durante as interações face-a-face, que contribuem (ou não) para a afirmação de um determinado “eu”. Goffman concebe esse tipo de relação como guiada por regras bem delimitadas, cujo cumprimento pressupõe um acordo entre os atores sobre o modo como se relacionam. O pesquisador deve, portanto, captar os elementos comunicativos presentes quando do ajuntamento entre pessoas, tais como a comunicação linguística (conversas, falas, e gestos), a comunicação expressiva (posturas corporais, vestimentas, etc.), parte do equipamento físico e do ambiente, na medida em que contribuem para a atualização das regras de grupo. Importante também tomar notas dos momentos de ruptura, quando as linhas de atuação são perturbadas, revelando, por contraste, aquilo que é “sagrado” para as pessoas.

Eu vinha fazendo, a partir de um “consentimento informado” (PUNCH, 1998, p. 170), uma “observação participante”, embora diferente da de Goffman, que fora “*inside*”, pois trabalhou como auxiliar no hospital que observou. Eu frequentava Campina nas terças e quintas à tarde e tentava “mergulhar de cabeça no campo” (FLICK, 2009, p. 207), influenciando, em algum nível, aquilo que era observado. O que precisava era refinar o olhar, atentando para os elementos já mencionados do fluxo comunicativo que se estabelecia entre os atores em Campina. E, para isso, fiz algumas fichas de observação, buscando limitar mais meu campo de visão aos elementos de maior relevância para o trabalho que queria fazer e que já estava fazendo. Isso funcionou bem, me permitindo, dentro de minha limitação temporal, erigir boas notas de campo, base central da “análise” que se seguirá no próximo capítulo.

O segundo fundamento, inseparável do primeiro, se referia às entrevistas estruturadas em um nível muito baixo ou não estruturadas (FONTANA & FREY, 2003). Colhi depoimentos de 6 garotos e dos dois treinadores a partir de um acordo prévio sobre o caráter de entrevista. Também colhi informações a partir das conversas esporádicas inseridas no contexto de observação participante. Tive alguma dificuldade ao entrevistar os garotos, na medida em que tentava extrair informações relevantes para mim, enquanto eles assumiram, com suas respostas lacônicas, a postura de atleta dando entrevista para um jornalista. Inclusive em uma das sessões de entrevistas, um dos agregados do Inter, treinador da escolinha do futsal do Santa Cruz, chegou a falar que eles deviam “*aproveitar para ir se acostumando a falar, a dar entrevista*”.

Também vinha utilizando recursos audiovisuais como elementos complementares à observação participante. Ao tirar algumas fotos e fazer alguns vídeos tinha em mente dois objetivos principais: 1) captar fatos e processos muito rápidos e complexos; 2) registrar nos discursos e interações alguns episódios que se referissem aos objetivos da pesquisa. Eles nos servirão como “documentos de pesquisa” (BAUER & GASKELL, 2008, p.137) ou dados “empíricos”. O foco, portanto, não será criar uma sociologia da imagem propriamente dita baseada numa narrativa visual ou qualquer outra abordagem. As fotos serviram para retratar os ambientes, ações e os rituais interativos.

Com a massa de dados estabelecida, eu tentei agregar em blocos, como “padrões de deferência e porte”, “contingências”, contribuição ou não do ambiente na conformação

do eu etc e, com alguma imaginação sociológica, por em relevância as características centrais da instituição estudada.

Tédio do campo

A partir daquelas leituras eu comecei a me sentir um pouco mais seguro no trabalho de campo. Contudo, manter uma firmeza de espírito constante não é algo muito fácil. Quando um pesquisador vai para campo ele carrega consigo seus próprios nós psicológicos, seus estados flutuantes, o que muitas vezes lhe traz sérios desconfortos. No meu caso, isso se somava àquela dificuldade acima mencionada de aceitar as dores e os regozijos de ser um “sociólogo” ou um pesquisador social. O que se segue foi feito a partir das reflexões sobre um desses dias de “cão” que tudo, até a natureza parecia acordar indisposta com o sujeito.

Acontece que, no dia 21/06/2012, quando olhei da janela do meu quarto, lá para as bandas do Recife e constatei o cinza do dia, o paredão de nuvens que parecia adquirir uma dureza de rocha, me bateu um desânimo. Atravessar a Região Metropolitana, de São Lourenço até o centro da Cidade, e retornar a outro subúrbio torna-se uma tarefa bem mais difícil em dias de chuva. As ruas encharcadas com poças intransponíveis fazem-nos molhar o tênis, molhar a meia, deixar o pé molhado. As pessoas se escondem atrás de guarda-chuvas e sombrinhas, a ponto de não observar quem vem na direção contrária do pouco espaçoso passeio de pedestres da ponte. No ônibus de janelas fechadas, ônibus engarrafado, há um odor quente abafado. E havia tanto trabalho, tantos diários acumulados¹⁴, mofando e perdendo memória, que em um instante decidi ficar em casa. Instantes depois, resolvi partir.

Custou-me certa energia me aproximar, me “acostumar” com o status de estranho profissional, trabalhar sob aquela condição precária de não nativo que todo “etnógrafo” atua. Havia uma manifestação contínua quando de minhas incursões: uma espécie de languidez. Além da limitação cognitiva na apreensão dos sentidos, que

¹⁴ Processo de feitura dos diários: primeiro, tomava as notas e filmava ou fotografava *in vivo*; depois, ao chegar em casa, passava os dados para o computador, já inserindo algumas descrições e transcrições dos dados audiovisuais coletados e das coisas trazidas pela memória. Portanto, quando me refiro ao “diário de campo” ao longo do texto, quero dizer que foi o produto que surgiu desse processo.

embaçava a visão imediata e trazia uma incerteza sobre o que seria “produzido”, doía o peso dos valores de cientificidade do *mainstream* acadêmico, doía o meu niilismo passivo, minha dificuldade em “vir a ser”, cujas origens remontam a conflitos de tempos outros. O fato é que, sem querer, eu projetava uma camada de realidade sobre aquele universo que o tornava mais opaco, mais árido do que realmente era. Assim, chegar-me devagar, cumprimentar alguém por ali, retirar a câmera e o meu caderno amarelo, exigia grande esforço.

Vinha jogando um jogo entre o pesquisador que havia em mim e a sua negação. As pequenas descobertas que irradiavam dos meus interlocutores, o meu aconchego na sombra da chuva-de-ouro, a escrita que descrevia um campo mítico, tudo isso ia se transformando na matéria que me ajudava a moldar minha condição, driblar a dialética interna que me impedia de se inscrever em Campina. O tédio da interminável viagem, os temores impulsivos, as dúvidas, me deixavam mais disperso, uma existência sem potência planando sobre o campo. Eu necessitava reafirmar continuamente as práticas e pensamentos que caracterizavam a minha rotina naquele universo, retornar a cada afirmação. Perder, sem necessidade, uma oportunidade de estar lá significava perder o vínculo comigo mesmo, com o meu “papel” de etnógrafo. Arrumei-me e, com o guarda chuva emprestado, tomei meu rumo.

Notas finais

Em um dado momento do processo de pesquisa parecia que estava cristalizando minha posição de estranho naquele lugar. Tal como uma árvore, um pai ou o cachorro amarronzado, parte do equipamento fixo ou quase fixo do lugar, eu adquiria uma consistência de objeto local – pelo menos não se impressionavam mais com minhas notas ou gravações. Eu não reverberava de modo intranquilo, provocando desconfiança, divagações ou reajustamentos. O “*menino da pesquisa*” era uma categoria vaga e extremamente útil pela qual alguns acalmavam sua ânsia em dar sentido a um sujeito que destoava dos modos tradicionais de apresentação disponíveis.

Confesso que fiz um esforço para ser aceito. Procurava seguir a “tendência do campo”, mais aproximada dos treinadores do que dos garotos. No começo das observações, talvez a fim de manter a respeitabilidade profissional, eu aparecia de calça jeans. Contudo, autorizado pelo espírito de informalidade que é característico do lugar e também devido ao calor, acabei adotando a bermuda, tênis e camiseta. Não que meus tons suaves e cortes pretensamente pequenos burgueses deixassem de ser notados, mas talvez tivesse a esperança de que seriam menos notados. Daí também ter sacado meus óculos de aro grosso. Em outras esferas aquilo não me incomodava, mas ali eu tinha a permanente impressão de que eles tinham a aparência daqueles óculos coloridos e de formatos estranhos que usávamos no carnaval ou em festas a fantasia da década de 1980.

Diante dessa minha estranheza, havia aquilo que Goffman falou como uma tendência a proteger o outro. Havia alguma benevolência nos sorrisos contidos e nos olhares de fascinação das mães ou “diretoras do Inter”, duas ou três mulheres, mães dos garotos, que esporadicamente frequentavam o espaço. Por outros, talvez eu fosse perdoado por minha excentricidade tal como o bêbado, a criança e o cachorro eram perdoados, como um elemento que só toca de longe o processo de reprodução que se dava ali. Para outros eu talvez fosse completamente desimportante como demonstrava a nossa difícil comunicação.

Valter, em seu estilo paternal, sempre respondeu a minhas demandas com prontidão e muitas vezes me tratou como alguém de confiança para proteger os apetrechos sagrados de seu trabalho: bolas, coletes ou algum documento. O elemento imponderável subjacente a esses implementos banais, nossas rápidas conversas e seu sorriso constante, provocavam um regozijo cujo sentido só pode ser buscado na ideia de comunhão com Campina. E essa “benção” fora estendida na minha relação com Ney, que sempre me tratou com polidez e com a abertura que sua personalidade mais reservada permitia. Com os outros, Carlito, Givanilson e Rafael, não tive muita oportunidade de aprofundar a interação. Mas sempre foram receptivos às minhas aproximações e apesar de em algum momento demonstrarem certa indiferença pelo “meu trabalho” respeitavam “meu espaço”.

Minha relação com os garotos foi de distanciamento com alguns mergulhos mais eficazes em seu universo. Havia uma permanente sensação de desconforto. Por um lado, eu sabia mais ou menos manejar alguns padrões de expressão masculina que eles atualizavam em suas interações - elementos advindos de uma socialização de subúrbio, de rua, de jogo de bola. Contudo, o meu papel de “pesquisador”, com todas as associações comuns a essa palavra, aliado à necessária ordem e asseio que me via através de outras personagens do lugar, limitaram uma aproximação mais franca. Os garotos pareciam que me viam entre um “pai” (Kelvin me disse “pensava que tu era o pai de alguém”) e um “professor” (Ortigoza falou: “segura aí, professor”), portanto, pessoas do outro lado. Embora, muitas vezes, em minha nostalgia eu desejasse estar do lado de lá.

Capítulo II

O Campo

Antes de fazer um estudo do que poderia dizer ser a “vida íntima”¹⁵ de uma organização social, ou seja, os rituais cotidianos que confirmam a adequação (ou não) a um determinado “ser” e fazer, seria de grande auxílio olhar para o campo. Campo na dupla acepção do termo: como lugar privilegiado da construção do conhecimento acadêmico sobre uma fração da realidade social, mas também campo como espaço de uma prática esportiva específica – o segundo contendo o primeiro. A ideia é, através de uma camada sobreposta de sentidos, extraídas das falas dos atores e da observação direta ou rememorada, encontrar o lugar específico do processo de aprendizagem das regras e práticas que se dá em Campina do Barreto. O importante é notar que as imagens apresentadas só farão sentido quando confrontadas umas com as outras, em um jogo de reflexos.

Iniciarei com uma espécie de genealogia do Inter de Campina. Localizando o germe de sua existência no amálgama que forma com a dinâmica do futebol de clubes e observando, ainda que de forma precária, seu processo de “evolução” até o momento da pesquisa. Depois, perguntarei: “e agora qual é o objetivo da instituição?”. Aqui, olharei das margens do campo (de jogo) para a “comunidade” que o rodeia e para o universo imponderável do futebol que dá sentido a sua existência. Por fim, consciente de seu lugar no mundo, olharei direto para o campo, o complexo campo do Centro Social Urbano Novais Filho. Aqui, em uma espécie de descrição densa, tentarei captar as várias dimensões sociais do lugar. A partir da relação e contraposição a outras dimensões do campo, buscarei esclarecer qual o lugar do trabalho desenvolvido por Valter no campo.

Internacional

¹⁵O uso que faço do termo diverge do de Goffman, que se refere ao estudo do conjunto de ajustamentos secundários de uma instituição. (GOFFMAN, 2010a, p. 167).

Roubando a expressão do bom e velho *Rock'n Roll*, o Inter começou como um “time de garagem” no bairro do Fundão, zona norte do Recife, criado em 1975 ou 1976. Seus patronos originais, entre eles o sujeito que me relatou essa história¹⁶ e seus irmãos, estavam reunidos, em uma tarde, na casa de um amigo, nessa parte da casa que é depósito de velharias, ferramentas e lugar de repouso de automóvel. O vazio do espaço marginal foi preenchido por uma necessidade premente, uma intenção que perpassava os chistes, risos e conversas outras que animavam a camaradagem masculina: criar um time para a disputa de um campeonato de mini campo no referido bairro da periferia recifense. Havia um acordo tácito sobre como a disputa seria organizada, quais deles ocupariam a zaga ou ataque, espaços limítrofes e confundíveis nas disputas amadoras. Analisavam os outros times e seus representantes. Só não houve acordo em uma questão, uma questão de grande importância para o germe de time que estava nascendo: qual seria sua designação?

O desacordo refletia as diferenças de engajamento clubístico. Alguns queriam que a sociedade se chamasse Santa Cruz, o clube mais próximo do bairro e com grande sucesso nas disputas locais no início daquela década. Outros gostariam de homenagear as glórias passadas do Clube Náutico Capibaribe, que àquela época andava meio mal das pernas. Por fim, alguns aficionados rubro-negros, teimavam em botar “Sport” na camisa que se estava criando. A referência a essa coletividade demonstrava o envolvimento intenso que cada um tinha com o seu “totem” pernambucano. E, se o vínculo com o clube “sugere e até mesmo constringe determinadas atitudes” (DAMO, 2007, p.51), ceder naquela disputa para o adversário significa quebrar um tabu, ferir seu próprio “eu”, macular a instituição que adoravam. Outra solução foi encontrada, como disse Valter, “*para ninguém ficar com raiva*”. Encontrou-se um referencial neutro: “*O Internacional de Batista, de Falcão, de não sei quem, de todo mundo né*”.

Nessa época, o “colorado”, como carinhosamente o time gaúcho é conhecido, vinha em um processo de ascensão à elite do futebol nacional. Sagrado bicampeão gaúcho em 1973 e 1974, o Inter original arrematou essa evolução com os dois títulos nacionais de 1975 e 1976¹⁷. Craques como Falcão, meio de campo habilidoso, elegante em seu jogo de cabeça erguida, com grandes lançamentos e faltas perfeitas e Figueroa,

¹⁶Entrevista realizada em 31/07/2012.

¹⁷Disponível em : < <http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=1&setor=1&secao=42>> acessado em 02/02/2012, as 16:00.

alto, forte e técnico zagueiro chileno, que marcou o gol da vitória em 1975, destacavam-se no elenco. Compunham ainda o Inter *70tentão* o que viria a ser considerado um dos melhores goleiros do Brasil, Manga, formando na base do Sport Recife, e Paulo César Carpegiani, meia de grande habilidade, entre outros. O fato é que tais craques tornaram-se paradigmas de grandes futebolistas e uma espécie de unanimidade entre os apreciadores do desporto bretão. Com essa homenagem se resolveu o problema do nome: o time se chamaria Internacional.

Segundo Valter, nos anos seguintes seus outros companheiros do início acabaram seguindo seus cursos de vida e se afastaram do Inter. E se o que animava o grupo era o prazer de estar junto e jogar bola, uma atividade puramente lúdica, essa dissolução poderia ter significado o fim do time. Mas não foi isso que ocorreu. Por essa época a curta carreira de jogador de Valter Mendes, depois de passar pelo Santa Cruz Infantil e Juvenil e pelo Juniores de Náutico e do América, chegou ao fim. Apesar dele não revelar no relato, essa interrupção parece que foi fundamental para a reconfiguração de sua relação com o futebol. Já sem possibilidade de alcançar aquele “sonho” que ele ajudava agora a tornar plausível para alguns garotos, ele assumiu o comando do time pequeno, dedicando grande parte de suas energias e esforços. O Inter passou a receber garotos da vizinhança, ter “quadros” diferentes e a participar das disputas entre clubes de bairro da periferia.

Em 1977 o Internacional tornou-se “de Campina do Barreto”, bairro próximo ao Fundão, ou o Internacional Clube Recife como está escrito na placa na sede do inter¹⁸. A partir de então Valter começou o trabalho de captar garotos e prepará-los para torneios amadores das categorias Infantil (Sub 15) e Juvenil (sub 17). Segundo Valter, foi aí que foi aumentando a sua “paixão”, a sua “identificação” com o clube e foi aí que o trabalho foi ficando mais sério com a “revelação” de jogadores para o futebol profissional.

Durante a entrevista ele listou algumas dessas joias saídas do Inter. Nas décadas de 80: Sergio China, Meia, ex-jogador de, entre outros clubes, Santa Cruz e Bahia, atual treinador do Juniores do Náutico; Marco Antônio Veridiano, também fez carreira no

¹⁸“São dois espaços retangulares, ambos de uns 8 X 4 metros, alugados, construções que normalmente, nos subúrbios, são ocupadas por pequenas lojinhas, botecos ou lanchonetes. O espaço, meio sujo e bagunçado. É ocupado por algumas mesas, um armário, algumas cadeiras de plástico e materiais esportivos espalhados. Valter se ajeitou por ali e me convidou para sentar” (Diário de Campo 19/04/2012)

Santa Cruz e chegou a jogar em clubes como o Flamengo. Entre os mais recentes, ele citou os nomes de jogadores como Caça-rato¹⁹, atual atacante do Santa Cruz, Moacir, jogador do Sport e Cássio, ex-jogador do Sport, entre outros que frequentam times intermediários do nordeste.

Valter contou também uma passagem sobre a história do Internacional que pareceu fundamental para sua própria trajetória no universo do futebol. No início da década de 1980, Nereu Pinheiro, conhecido técnico pernambucano, então funcionário do América Futebol Clube de Pernambuco, ao notar o sucesso do Inter e o trabalho de Valter nos campeonatos amadores, fez um convite irrecusável: requisitou quase todos os jogadores do Juniores e do Juvenil do Inter para jogar com a camisa do América. Valter também foi levado para ser auxiliar do “professor Nereu” no Juniores. Fizeram uma boa campanha em uma das edições do Campeonato Pernambucano. Criaram uma boa relação e foi por intermédio desse treinador que Valter começou sua carreira como técnico de futebol. Foi “revelado” para o mundo da bola.

Do América Valter teve passagens pelo Sport Clube do Recife (temporadas 1986-1987, 1990, 1994-1995, 2003-2011) e pelo Náutico (1990). Mas em nenhum momento o trabalho feito em Campina do Barreto foi abandonado. Na verdade, sempre que possível Valter vinculava o time pequeno ao clube onde estava trabalhando. Abria as portas das categorias de base dos grandes para um ou outro destaque de seu Inter e em algumas ocasiões transformava o próprio Inter em uma sucursal, espécie de local de teste permanente e de avaliação para uma possível entrada em um clube grande. Quando nos conhecemos em 2008, quase todo o time Infantil do Sport era composto de garotos criados na areia de Campina. E sempre que alguém procurava o clube, seus funcionários indicavam o trabalho do professor Valter como uma dos canais de entrada.

Em algum nível esse vínculo entre a periferia e o *mainstream* do futebol parecia se sustentar devido o caráter ainda amador e pouco “racionalizado” dos clubes grandes. Com um processo de reconfiguração administrativa que o Sport Clube do Recife passou

¹⁹Sobre seu apelido estranho, o jogador falou em entrevista: “Ganhei o apelido quando morava na Campina do Barreto. Eu tinha uns 12 anos e gostava de assistir o treino dos meninos mais velhos. Um dia, o professor Valter me viu matar um rato com um estilingue e botou o apelido. Virou marca registrada”. Disponível em : <
http://www.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebolnacional/7,87,1,215/1,215,19,105/19,105,1,215/1,215,18,103/2011/06/24/noticia_santa_cruz,10648/> Acessado em 27/07/2012, as 14:39.

nos anos 2000, segundo Valter, na busca de se tornar “clube empresa”, uma série de transformações foram postas em curso: a contratação de especialistas em gestão e marketing esportivo; o investimento na criação endógena de jogadores; compra e o aprimoramento constante de seu centro de treinamento, etc. A posição de Valter e, por consequência, a do Inter nessa cadeia se tornou insustentável. Além do mais, o reforço na exigência de uma base cognitiva formal e do diploma para exercer o trabalho de profissional do futebol, trouxe problemas adicionais para o velho professor. Disse na entrevista:

Os clubes virou empresa e o pessoal tá dando mais importância a relatório. Principalmente se tiver computadorizado. Meter um... como é o nome... Um projetor. Aquele relatório mais bonitinho, com lacinho, com tudo. E esquecendo dá, do, da... Assim do. Esquecendo da visão, esquecendo da competência de revelar. De armar uma equipe, de vencer. De ser vitorioso. (...) Se eu tenho um curso superior, eu não tinha nem saído do Sport. Tava até hoje lá. Já estava até bem mais longe do que estou. (Entrevista, 31/07/2012)

Mesmo o vínculo que Valter estabeleceu com o Santa Cruz Futebol Clube depois da saída do Sport, período da pesquisa aqui relatada, parecia ser meio débil. Valter foi contratado para ser auxiliar do treinador do Juniores, contudo devido à precária condição financeira do clube tricolor, em meio a uma crise que já se arrasta há quase dez anos, o professor não conseguiu se efetivar como funcionário remunerado. Assim, embora tenha havido uma novo realinhamento no trabalho do Internacional, isso está ocorrendo sem a presença direta de Valter no Clube grande da vez. Mas mesmo diante dessas dificuldades, havia uma clara noção de que o Inter preparava jogadores que a qualquer momento poderiam ser avaliados e requisitados para compor a base do “time do povo”. Isso era cristalizado nos discursos dos treinadores e no modo como usavam os símbolos tricolores nos uniformes. Havia uma contrapartida financeira, cujos atrasos eram recorrentes:

A parceria... Eu faço o trabalho aqui. Eu faço peneirões aqui, por fora daqui. E formo a equipe... Aí boto essa equipe. Formo o Internacional. Aí o Internacional a gente bota em competições. Aquele que for se destacando a gente vai mandando para o Santa Cruz. Ou o treinador vem aqui, olha e o que ele gostar ele já vai levar.

Além das categorias inseridas nesse processo de revelação, Infantil (Sub 14 e sub 15), alvo principal das observações que fiz, e Juvenil (sub 16 e 17), cada grupo

possuindo no mínimo 30 garotos, ambos coordenadas por treinadores específicos e auxiliadas por Valter e um treinador de goleiros e um preparador físico, encontrei em Campina uma série de gradações do que Valter chamava de “escolinha”: sub-10 e sub-11 sub-12 e sub-13. Quando questionado sobre o número de meninos que treinava nessas divisões, ele não soube responder ao certo, mas estimo que seja entre 50 e 70 garotos que quase todas as tardes, das 13 as 14 horas “treinavam” sob a supervisão de Valter e dos pais nas areias de Campina. De cada garoto era cobrada uma taxa simbólica de R\$ 15,00, contudo mesmo aqueles que não pagavam treinavam por ali. Isso se harmonizava com um outro objetivo do Inter defendido por Valter: o de realizar um “trabalho social”.

Trabalho social

Se meu objetivo inicial era apreender o modo como o espírito dos garotos era a animado tendo como o alvo a adequação ao mundo do futebol, talvez a finalidade central do trabalho realizado ali, não pude deixar de notar uma série de fatos que se sobrepunham a tal finalidade. Como o Internacional Clube do Recife não é uma instituição formal com editos e uma base cognitiva bem articulada, tal como uma instituição mais fechada, era provável que aparecessem diferentes ideias sobre qual era o trabalho realizado ali. E, independente da “realidade” de tais alegações, sua constatação é importante para compormos o modo como a instituição articulava seu *ethos* e como se justifica perante “outros referenciais” do bairro e da sociedade mais abrangente²⁰. Aparemos, então, pelas margens do campo, olhando dali para a vizinhança, enquanto a vizinhança olha de lá para o campo.

O Internacional localiza-se em um bairro da periferia recifense chamado Campina do Barreto. Integrando a RP2 (Região Política Administrativa) da prefeitura do Recife, que possui 18 bairros, “Campina”, como é conhecido, se originou nas

²⁰Goffman afirma que as “*organizações sociais podem ter muitos objetivos oficiais conflitivos*” ou não ter um “*tipo de objetivo que dê um padrão claro nítido com o qual seja possível examinar as minúcias da vida no interior do estabelecimento (...) O objetivo oficial pode ter pouca importância e o problema principal pode ser a conservação ou a própria sobrevivência da organização*” (2010a, p. 150)

margens do Rio Beberibe. Ele possui 9.484 habitantes, maioria de mulheres, 53,2%. Está entre os 4 menores rendimentos médios mensais dos 18 bairros que compõem essa zona, R\$ 1.088,80²¹. Ao procurar alguma informação mais geral nos deparamos com os dizeres “*é um bairro carente, com altas taxas de mortalidade*”²². Em uma pesquisa no *Google*, além de algumas informações rasas sobre o bairro, encontrei algumas notas sobre a criminalidade e a violência que davam conta da apreensão de drogas com jovens de 17 a 28 anos e também de assassinatos. Um dos quais, no exato momento de uma partida de futebol:

Um homicídio na madrugada desta quinta-feira (26) assustou os moradores das proximidades da Rua Constância, no bairro do Campina do Barreto, zona norte do Recife. Alexandre Francisco da Silva, de 34 anos, foi morto enquanto assistia a uma partida de futebol em um campo popular da comunidade²³

Independente dos exageros e vieses desses noticiários, que sempre enfocam aquilo que é espetacularizável pela grande mídia, especialmente o lado ruim das “comunidades”, o fato é que havia uma “sensação de violência” que pairava sobre o lugar e que provavelmente contribuía para sua autoimagem e para o modo como os outros se relacionavam e viam Campina. Confesso que, mesmo eu, sujeito informado, recebi alguns bons conselhos para “ter cuidado” em minhas incursões. E quando dos primeiros dias de observação, talvez por essas inocentes sugestões, que deixavam transparecer alguma ameaça iminente, senti um grande desconforto ao sacar o caderno amarelo e ao tomar nota da vida que estava ocorrendo. Sentia-me como um informante de autoridades policiais, sendo vigiado por olhos invisíveis e na iminência de ser descoberto. Em alguns dias esse constrangimento foi tão forte que prejudicou a pesquisa.

Essa imagem ficava clara através de outros indícios. Em uma conversa com a assistente social que tomava conta do Centro Social Urbano Novais Filho, cujas dependências englobavam a “área de convivência” do Campo, ela deixou transparecer preocupações dessa ordem. Falou-me que existiam alguns “problemas sociais” de

²¹ Disponível em : < <http://www2.recife.pe.gov.br/a-cidade/perfil-dos-bairros/rpa-2/campina-do-barreto/> > Acessado em 27/07/2012, as 16:05.

²² Disponível em : < http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_do_Barreto > Acessado em 28/07/2012, as 13:24.

²³ Disponível em : < <http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/cotidiano/policia/arquivos/2011/outubro/0103.html> - > Acessado em 28/07/2012, as 15:12.

relevância por ali. Citou o fato de que pela manhã um grupo de bêbados, “papudinhos”, se amontoam em um canto do campo, no boteco. À tarde, ela disse, havia muito tráfico de drogas, garotos fumando maconha. Falou do beco aonde se localizam os traficantes. Em uma outra ocasião, em um diálogo que estabeleci com um dos pais que frequentam os treinos, ele expressou esse temor dizendo que sempre acompanhava os filhos, pois a região era “muito violenta”. Falou, com um tom de que contava algum segredo, de dois caos de violência: disse que um homem fora morto no poste (poste perto do beco citado) e outro fora perseguido até a Policlínica pelos algozes.

A imagem que transparecia nesses discursos alarmantes era de um lugar distorcido pela anarquia, aonde grupos de párias sociais ocupavam a paisagem social e desafiavam a ordem pública. A violência sem razão de confrontos imprevistos poderia trazer uma séria ameaça ao bem estar de nós outros, os “normais”. Os jovens eram os mais subjugados pela vagabundagem e a qualquer momento poderiam ser agarrados pelos tentáculos do tráfico de droga e ser assassinados ou presos como os jovens dos noticiários²⁴. Não era meu objetivo analisar as consequências desse véu cinza sobre Campina do Barreto, mas imagino que isso deva criar um outro tipo de violência, mais perigosa porque mais silenciosa, influenciando o engessamento de cursos de vidas daqueles que habitam o lugar e contribuindo para aprofundar a segregação urbana do Recife.

Nesse contexto, um dos alegados objetivos do Internacional de Campina do Barreto tomava sentido. Valter afirmou que uma dos principais finalidades de Campina é tirar os garotos do mundo da violência e da drogas, “educando-os para a vida”. A rotina de treinos, de “preleções”, de exigências quanto ao uso do corpo e da mente, do tempo, era projetada como uma variável na determinação de um curso de vida diferente dos garotos, especialmente os garotos entre 9 e 13 anos, que frequentavam a escolinha, nome que ele dava as práticas futebolísticas mais leves que esses garotos eram submetidos. Era preciso “resgatá-los” através do esporte, da disciplina e do exemplo, como se o campo do Centro Social pudesse oferecer outra perspectiva de vida que se contrapunha a um tipo de sociabilidade negativa vigente no bairro, vigente no próprio

²⁴Em seu estudo Wacquant mostrou como a atividade que ocorria do gym não podia ser entendida sem a compreensão de sua relação de “oposição simbiótica” com o gueto que o rodeava. O gym funcionava ou pelo menos seus membros achavam que funcionava como uma ilha aonde os efeitos deletérios de um ambiente urbano carregado se sublimavam na “arte” do boxe. (ver WACQUANT “os jovens que venceram as ruas”, 2002, p. 60-77)

campo. É essa tentativa de correção social que os nativos chamam de “trabalho social”²⁵.

Na minha primeira incursão para verificar o trabalho realizado pelo professor Valter (Diário de campo, 05/11/2009) ele comentou que um dos grandes problemas do bairro era as drogas e que um dos objetivos do Internacional era retirar os meninos do mundo da criminalidade e dar-lhes educação. Enquanto atravessávamos o campo ele apontou para um dos garotos que conversava em um grupo no muro atrás de uma das traves e perguntou “*Vocês conhecem aquele garoto?*” Respondi que não. Ele, então, disse-nos, a mim e ao meu companheiro de pesquisa na época, que *Fulano* fizera parte do grupo do Infantil do Sport, mas teve que sair porque começou a “*se juntar com gente que não presta*”. Viciou-se em drogas e estava causando um grande desgosto para a família. Valter nos falou que estava tentando recuperar o garoto, mas que era um processo difícil. Estava querendo colocá-lo para jogar no Internacional.

E, quando do início da atual pesquisa, Valter me apresentou a um “amigo” do Inter (Diário de campo, 05/05/2012) que fez alguns comentários interessantes. Afirmou que eu deveria concentrar minha pesquisa ali no subúrbio, pois o “*trabalho social*” que o Internacional desenvolvia com os garotos merecia ser retratado, conhecido pelas pessoas. Falou que as atividades do clube tiravam os garotos por alguns instantes dos perigos da rua. Parecia que me responsabilizava pela melhoria de tais atividades e esperava que minha pesquisa ajudasse no processo. Questionei-o se ele fazia parte do Internacional. “*Eu adoto uma criança às vezes. Dou um dinheiro para passagem, para o lanche*”, me respondeu. Falou da violência e do “*vício das drogas*”, que era “*desenfreado por ali*”. Ele me disse que havia poucas atividades no Centro Social, que só havia uma sala, pois o espaço maior que havia fora tomado pela Policlínica.

²⁵Em uma entrevista para um famoso blog esportivo de Pernambuco, Carlitos, um membro do Internacional disse para o repórter “esse trabalho tem tirado os garotos das ruas, das drogas né, certo? Tem melhorado na educação das crianças. Então, esse trabalho é um trabalho muito importante para a comunidade”

Disponível em : <
http://jc3.uol.com.br/blogs/blogdotorcedor/canais/noticias/2012/07/18/a_abertura_do_futebol_participativo_134570.php> Acessado em 03/11/2012, as 13:00.

Mas o “perigo morava ao lado”. Durante as observações notei que por ali, a alguns metros da parte da arquibanca onde os professores realizavam seus preparos para o treino iminente, estava também a “turma do vaporzinho”²⁶, como Valter apelidava tal agrupamento. Eram jovens da vizinhança que se ajuntavam, às vezes, colocam um sonzinho no celular, geralmente um brega ou um funk e se entorpeciam com as parolagens e os espaçados tragos de maconha, cuja fumaça, às vezes, chegava até “nós”, do lado de cá. Valter dizia que eles eram todos “*conhecidos e não fazem nada*”²⁷, mas só a justificativa e o fato de em alguns momentos ele ser um pouco mais precavido em relação às coisas do Inter, demonstram que havia um certo temor daqueles garotos que, além de parte da arquibanca próxima de nossa chuva-de-ouro, árvore que nos servia uma grande sombra, também se concentravam nas sombras das grandes árvores na rua da sede do Inter.

Mas essa proximidade espacial não se traduzia em proximidade social. A “turma do vaporzinho” respeitava quase religiosamente o trabalho realizado pelo Inter. Eles nunca invadiam o campo ou se aproximavam das preleções, embora não houvesse limites físicos que impedissem isso. Do lado dos garotos do Infantil havia uma aparente atitude de indiferença em relação àquele grupo, pareciam que eram invisíveis, “*não-pessoas*”²⁸. Não faziam parte de seu horizonte cognitivo, que deveria se concentrar na atividade séria que eles realizavam ali. Expressavam o vínculo com o “ser” que o Inter animava em oposição aos sujeitos que precisavam ser resgatados, salvos de si próprios, do mundo perigoso da rua. E, embora ambos parecessem iguais antes dos treinos, quando os garotos apareciam com suas roupas e com suas músicas, no momento em que

²⁶ Valter deu início ao treino coletivo. E logo que apitou o começo do ensaio de jogo, ele comentou com os pais: “*A turma do ‘vaporzinho’ já tá se arrumando para a pelada*”, referindo-se a um grupo de garotos postados na arquibancada oposta. E seguiu “*A polícia já pegou foi muito aqui. Eles ficam ali na Policlínica de butuca ligada e pega na surpresa*” (Diário, 26/04/2012). Já no dia 17/07/2012 anotei “Em um instante do treino, enquanto eu segurava minha câmera, encostado no troco da árvore, um dos garotos do grupo da “turma do Vaporzinho”, que passava em direção a área da arquibancada onde seus colegas estava falou “*Ei boy filma aquele doido ali que ele joga muito*”. Dei um sorrisinho e fiz um sinal de “beleza” com o polegar. Vi que eu não estava tão “não notável” como eu imaginava.

²⁷“Ao ver que o material (calções e meias) que ele havia me incumbido de guardar, estava em cima da bolsa, Valter falou que era melhor eu guardá-lo embaixo da bolsa, pois era perigoso. Completou dizendo “*já perdi um celular assim, deixei largado e veio o dono e levou*”” (Diário de Campo 28/04/2012). Diálogo entre jogadores no dia 21/06/2012 “Caio, ao notar o forte odor da *cannabis* resmungou “*pow, oh o cheiro da erva...*”. Alguém respondeu “*é nada... é chá porra (riso)*””.

²⁸“Também é possível que uma pessoa trate as outras como se elas simplesmente não estivessem presentes, como objetos indignos de um olhar, quanto mais um exame minucioso. Além do mais, é possível para o indivíduo, quando ele encara ou “não vê”, praticamente não alterar sua aparência como consequência da presença dos outros. Aqui temos o tratamento de não pessoas” (GOFFMAN, 2010b, p. 96)

o grupo do Inter se sentava debaixo da sombra de uma árvore e iniciava o aquecimento ritualístico para o treino, ficava claro a diferença.

Mas, em relação aos garotos considerados desviantes, Valter não “perdia a esperança”:

Eu tenho uma... Eu tenho esperança de que esse bairro ainda volte a ser aquilo que era. Ainda tenho esperança de que seja um bairro respeitado. Que seja um bairro olhado assim como um bairro de talento. Como um bairro muito bom, de talento, não olhar como um bairro de droga. Que é um mínimo... Que é um mínimo. Só que o pessoal... Já sabe né? Generaliza. O pessoal às vezes fuma (faz um gesto dramático representando um cigarro de maconha)... Faz uma tempestade em uma coisa mínima. Tu tá entendendo?

Internacional Futebol

Apesar do discurso assistencialista, não se tem dúvida que os processos que ocorriam ali eram guiados e tinham como finalidade a preparação para uma atividade específica, qual seja, o futebol. Sob condições precárias, em termos da posse das tecnologias e implementos necessários a racionalização profissional dessa prática social, os atores que faziam parte de Campina se desdobravam para sustentar o ideal de que era possível uma adequação de seus representantes ao seu campo específico. Isso se refere aos profissionais do mando, como os três treinadores, o preparador de goleiro e o educador físico em formação que trabalhavam ali, todos recebendo pouco ou nada, mas aproveitando a “vitrine” do “melhor time de bairro” de Pernambuco para se aprimorarem. Mas principalmente os meninos dos times Infantil e Juvenil que participavam de campeonatos amadores contra times de base do Santa, do Sport e do Náutico, atuando na esperança de que um dia seriam também jogadores de grandes times.

Os “arquivos campinenses” pareciam deixar essa esperança plausível. Como já notado, alguns jovens foram revelados pelas “mãos” do Inter e conseguiram chegar a times do futebol espetacularizado. Ao falarem desses jovens nas entrevistas, os treinadores enfatizaram aqueles relativamente mais bem sucedidos como Moacir, Auremir e Caça-rato. Isso parecia servir como uma reserva imagética que legitimava

suas posições imediatas diante de mim e dos garotos, que, quando perguntados, também conseguiam enumerar esses sujeitos de boa fama. O próprio trabalho do time pequeno, que sob determinado ângulo poderia ser visto como precário e de difícil resultado, conseguia uma sustentação através desses discursos. Esses e outros sujeitos “revelados” se transformavam, assim, em casos típicos, povoando e criando uma tradição nativa, que é feita justamente da ênfase em certos aspectos notáveis. Nos próximos capítulos mostrarei como essas memórias do lugar contribuíam na adequação dos garotos às normas presentes na areia de Campina.

Além desse caráter de querer ser aquilo que no passado os cronistas esportivos chamavam de “celeiro de craques”, o Inter também possuía sua sala de troféus simbólica, que recebia frequentes visitas. Embora não houvesse uma contabilização formal dos títulos que conseguira, a referência às vitórias e às experiências passadas nesses campeonatos pequenos não era incomum nos discursos dos professores. E, para manter-se como o melhor dos times de bairro, havia um grande esforço para participar dos campeonatos que apareciam. Durante a pesquisa o Inter estava disputando dois torneios, o Futebol Participativo²⁹, no qual se sagrou campeão e vice-campeão na categoria que eu estava observando e a Copa Olinda. Essa rotina de jogos também parecia facilitar um quadro para a aprendizagem dos valores do lugar e também para a manutenção da imagem de trabalho sério que se desenvolvia ali. Era jogando e treinado que se mantinha o espírito dos garotos aquecidos.

A rede de relações de Valter e de seus “profissionais” com sujeitos presentes na cadeia futebolística era outro elemento na manutenção daquele ideal. Um caso “emblemático” foi o do zagueiro Lucas, que, acompanhado de Valter, foi fazer testes no CT do São Paulo Futebol Clube na Barra Funda. Segundo Ney, isso foi orquestrado por intermédio de um “agente FIFA”³⁰ conhecido dos professores. E, embora não ter tido sucesso, essa oportunidade foi conhecida por todos do time e comentada durante vários

²⁹O Futebol participativo é organizado pela prefeitura do Recife. Na matéria em que havia a foto dos garotos do Infantil campeões, os garotos do Inter, havia a seguinte informação: “o Futebol Participativo já é considerado o maior campeonato de futebol de várzea do mundo. Com cerca de 16 mil atletas inscritos, distribuídos em 550 equipes, o projeto utiliza 32 campos de futebol de várzea em todas as RPA’s da cidade”. Disponível em : < <http://www2.recife.pe.gov.br/futebol-participativo-realiza-premiacao-e-abrecopa-dos-campeoes-sub-15-e-sub-17/> >Acessado em 20/03/2012, as 13:29.

³⁰Segundo regulamento da FIFA Os Agentes são “a natural person Who, for a fee, on a regular basis introduces a player to a clube with a view to employment or introduces two clubes to one another with a view to concluding a transfer contract”. (FIFA, 2001, p. 2)

dias de treino³¹. Em algumas ocasiões notei a presença de “pessoas estranhas” ao cotidiano do lugar, que passavam algum tempo em uma prosa reservada com os treinadores enquanto observavam os lances dentro do campo. Essas aparições não se tornaram objeto de uma maior atenção. Contudo, aquelas reuniões sob o sol pareciam deixar a impressão de confabulações de olhos ou olheiros sobre os potenciais de um ou outro garoto que poderia ser “escolhido”³².

Qualquer que fosse o caso, Valter sempre dizia que a “prioridade” na seleção de garotos era para seu parceiro Santa Cruz. Segundo Ney nos anos de 2011 e 2012, de 20 a 25 garotos foram selecionados para passar um período de avaliação no Santa Cruz. Desses, ainda segundo ele, uma minoria não passou. Cerca de “70, 80%” ficaram nas categorias Infantil e Juvenil do tricolor. Além disso, o tricolor ou alguns de seus funcionários pareciam enviar garotos que desejavam jogar na base do Santa para o Internacional para “pegar cancha”. Alguns garotos que entrevistei afirmaram que foram indicado por um treinador de futsal do Santa a treinarem no Internacional.

Além dessa amalgama, ex-jogadores e pessoas com vínculos fortíssimos com o time tricolor participam do Internacional. Carlito, senhor de meia idade que estampava, às vezes, a camisa de “diretor” do Inter, foi iniciado no mundo do futebol por Valter e teve um dos maiores momentos de sua carreira de boleiro no Santa Cruz quando foi sagrado Trisupercampeão em 1983; Francisco de Assis Canindé da Silva, o Quinho, jogador do Santa em quatro temporadas, de 1992 a 1995, e campeão pernambucano em 1993 e 1995, quase toda semana aparecia no campo, trazendo seu filho, também apelidado de “Quinho”. Havia também o diretor do futsal do Santa Cruz, Wilker, que quase todas as terças e quintas feiras, dias do treino do Infantil, aparecia em Campina para observar os treinos de seu filho. Outro pai, o de Caio, era um jogador do Santa frustrado, pois o pai não deixara seguir carreira nas categorias de base, contudo

³¹“Valter me disse que levava o garoto para o lugar do treino e voltava para casa, pois não podia acompanhar o processo. Disse que o garoto teve até a oportunidade de treinar com o time Infantil do São Paulo, além de outros testes mais específicos que visavam mensurar as habilidades técnicas, táticas e o potencial físico de Lucas. Mas o que chamou a atenção do velho professor foi a “*donzelize*” do menino, “*um bicho tabacudo da porra*”. O garoto esqueceu a chuteira em um dia de treinos e teve que se valer da ajuda de alguém, deixou dinheiro no hotel e quase esqueceu a identidade. “*Só não esqueceu a cabeça porque tava colada ao corpo*”. Contudo, acreditava no potencial dele. Disse que logo estaria em um time grande” (Diário de Campo, 05/06/2012)

³²Antes do treino do Infantil Valter e Ney conversavam em um canto com um Senhor desconhecido. Em um dado instante Valter se dirigiu a um garoto em tom de brincadeira “*Ei cabeça-de-peixe, chega aí para fazer o contato, oh o empresário aqui oh!*”. (Diário de Campo 06/08/2012). Por reserva, acabei não questionando os professores sobre quem eram aquelas pessoas.

acompanhava de perto as peripécias de seu filho no campo. Era um dos mais assíduos pais.

Havia, dessa forma, um duplo vínculo entre os antigos e os jovens. Além dos laços afetivos, que sustentavam um conjunto de obrigações, cuidados e retornos positivos estimulantes, especialmente dos pais em relações aos filhos, havia esse resíduo de vínculo com um sistema coletivo específico que é o clube de futebol. Embora não ter sido um objeto de observação, aparentemente, essa dupla relação era atualizada nessas romarias semanais dos pais ao campo. Sentavam-se na arquibancada, mais ou menos próximos ao grupo do Infantil, e, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, participavam como representantes da dimensão difusa do processo de aprendizagem que se dava ali, exigindo que os garotos honrassem as regras do futebol e se esforçassem para serem dignos de um dia serem cooptados pelo Santa Cruz³³. Não parecia ser ao acaso que todos os 6 garotos que entrevistei se dissessem tricolores.

O fato é que os garotos agiam animados pela possibilidade de serem “escolhidos” de alguma forma, embora nenhum ato ou obra pudesse garantir isso. Alguns poderiam até nascer com o “dom”, mas é no cotidiano, na labuta dos treinos, dos jogos, das discussões, nas quais eles apreendiam regras e normas específicas, que eles poderiam ser considerados aptos para entrar em algum time de futebol, passar por um teste e, quem sabe, permanecer na categoria de base até o profissional. E quem escolhia? Podia ser o Santa, mas podia ser um dos professores, por intermédio de suas relações ou algum olheiro que, por ventura, aparecesse por lá. Como veremos, os garotos eram incitados a permanecerem atentos, disponíveis, com presteza, e, em muitos momentos, as faltas morais eram alertadas como indícios de que essa possibilidade de “ser” jogador poderia não se concretizar.

³³A relação entre o Inter e o Santa não é automática, pois como vimos, se deu devido a uma “consequência não pretendida” das transformações ocorridas nas categorias de base do Sport. Contudo, parecia haver uma “afinidade eletiva” entre os dois, o clube grande e o pequeno. E isso tinha como base uma ideia do senso comum de que o Santa Cruz é o time “do povo”. Quer dizer que é o time daquela massa urbana indiscriminada que vive nas periferias da cidade e que encontra no engajamento clubístico uma fonte de diversão e de criação de laços sociais. A precariedade e a beleza compõem essa imagem de pessoas que a despeito de todas as dificuldades, do clube estar na quarta, na terceira divisão, frequentam o “mundão” com uma média de público que é a “maior do Brasil”. O Santa, de fato, está presente em Campina de uma forma difusa através desses torcedores. Não eram incomuns episódios nos quais os tricolores demonstravam a plenos pulmões sua devoção.

E, eles sabiam, mesmo se um dia iniciassem uma carreira rumo ao futebol de espetáculo, isso ainda não garantiria a estabilidade dessa vocação. Ali mesmo havia exemplos de garotos que foram para o Santa Cruz e, depois de passarem nos testes e se incorporarem as categorias de base, não conseguiram se firmar por algum motivo. Era preciso hombridade para suportar os desafios e especialmente fé em Deus. E uma fé prática na trajetória que estavam seguindo: uma fé que era afirmada e reafirmada nos rituais cotidianos nos quais os garotos apresentavam estarem iniciados e entregues ao futebol, apesar dos imensos desafios que contrariavam tais rituais. E essa ação parecia mais impressionante porque ocorria em um campo de areia, sem vestiários, sem muros, sem nada.

Descrição³⁴ do Campo

O campo do Centro Social não é só esse espaço físico precário com duas traves e um quadrilátero. Faz parte de uma geografia complexa na qual dimensões da vida social diferentes como, por exemplo, o “lúdico” e o “sério” se encontram, se contrapõem e se misturam. Também localiza posições de acordo com a relevância e o papel específico de cada ator/grupo social em uma dramatização específica. É possível, portanto, atribuir ao espaço aonde o jogo se desenrola a designação de um “palco”. Outro nível é a “audiência”, composta pelas arquibancadas e por aqueles que dedicam parte do tempo a apreciar o que os atores fazem. Há ainda um outro espaço mais oculto: os bastidores aonde os atores se preparam para o espetáculo iminente. Contudo, tais espaços são sempre contextualizados, relacionados à dramatização que está ocorrendo. E no espaço existem coisas discriminadas e o próprio espaço é uma coisa que diz coisas sobre a encenação que se passa.

³⁴A intenção aqui é favorecer uma “descrição densa” nos termos defendidos por Clifford Geertz de “apreensão” de diferentes camadas de sentidos que emergem e se deixam “criar” em um dado contexto social. Em seus termos “O que o etnógrafo enfrenta é um a multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas as outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. (...) Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamentos modelados” (GEERTZ, 1989, pg. 7)

Quando visto do *Google Earth*, o campo é um órgão muito particular: uma mancha retangular com bordas de árvores espaçadas, com uma cor que destoa do *cinza-verde-amarronzado* do que existe ao redor. É quase todo de um tom pastoso, meio alaranjado. Composto insurgido de traços rápidos, de giros, movimentos pontilhados, que um dia apresentaram algum padrão, mas hora é o resultado apagado e quase indecifrável do trabalho de inúmeros artistas, uma obra coletiva e imemorável. O solo é descampado, mas não duro. É de uma areia fininha, que se expande a menor tração e se desprende, esvoaçando pelo ar em partículas, seguindo o corpo que lhe deu vida, demarcando a sua trajetória. O campo parece que vai se amoldando, se dilatando, retonando sobre si, nascedouro de miragens, evocando paisagens tão sublimes quanto nefastas pela sua imponderabilidade.

E lá, o sol quase sempre desaba em raios densos, pesados, aquecendo e estimulando corpos frágeis. E as sombras finas devido à posição do sol, são vistas, como em um baile, a dançar alguma melodia local: zumbidos de carros lentos, conversas indecifráveis, apitos, gritos de incentivo e de desagrado, um longínquo som de brega. O campo parece, em um tempo, ser comprimido por tudo que há em volta, como se seu vazio, sua aridez, fosse um desafio à necessidade de preenchimento que parece guiar as outras coisas. Mas também é continuidade da rua. Lugar da brincadeira, da “conversa mole, da ostentação vã”, da realização de alguns impulsos hedonistas que o cárcere da residência ou limita ou impede. Garotos e garotas paqueram, alguns usam substâncias inebriantes, e, nos bares que ficam quase dentro do campo, homens bebem.

O campo, com efeito, é lúdico³⁵. Qualquer objeto ou coisa serve como suporte para o divertimento das crianças que brincam por ali nas margens. Há criações intimistas, precárias, nas quais um pedaço de madeira pode se transformar em uma espada, uma pá, uma garra e um armário velho em um carro, uma nave ou casa. E cada sentido vai se desmanchando se misturando a outros, desafiando o universo que é criado e recriado, com suas paisagens e personagens diversas, incompreensíveis de longe. E tudo é longe para essas crianças. Os mais pequenos caem, levantam, correm atrás de uma perna maior, de um filhote, juntam areia com suas mãozinhas sujas, como em um

³⁵“Play is any nonutilitarian physical or intellectual activity pursued for its own sake” (GUTTMANN, 1978, p. 3)

total alheamento do que estivesse distante. E o imediato é aleatório, como se cada coisa, por fim, fosse a mesma coisa.

Não há cronometragem nessas brincadeiras: é a experiência do tempo se processando pleno, a cada instante eterno. Uma comunhão com tudo, seres que se inscrevem em tudo, tudo reverberando em sua existência. Se o campo é suporte para isso, suas fronteiras são extrapoladas. O campo permite não existir. Ou, pelo menos, coexistir em planos diferentes. Garotos correm por entre os jogadores, buscando alguma coisa na outra linha lateral. Um despreocupado ciclista rompe o quadrilátero do futebol como se estivesse em uma ciclovia. E os garotos que brincam de pipa não ficam intimidados ao entrarem em campo para disputarem o despojo de alguma batalha aérea, ainda que o treino dos meninos do Inter se desenrole em sua seriedade. Só uma vez notei um choque entre esses dois universos, quando houve ameaça de um acidente com a linha de uma pipa.

A pelada³⁶ tem também seu espaço, ou melhor, compete pelo seu espaço. Ela existe dentro do campo. Engraçado ver os jovens chegando um a um, esperando pacientemente até às 4 horas. E, quando o momento chegava, jogavam a pelota no campo, ficavam trocando passes pelo alto, mandando uma mensagem tácita para o lado de cá. Quando isso não funcionava, havia uma intervenção mais direta com gritos de lá e respostas de cá. Até que um tempo extra era concedido para o Internacional, mas os cinco minutos eram cinco minutos mesmo. A pelada também coexiste no mesmo espaço. É comum ver meninos jogando bola nas margens, quase dentro do campo, enquanto o jogo ou o treino se desenrola. Parece que a qualquer momento um daqueles garotos vai entrar em campo, como se aquele quadrilateral inventado fosse uma espécie de almoxarifado, que a qualquer momento pudesse ser aberto e uma nova matéria prima para o universo do futebol vazaria para o centro do campo.

Todas essas dimensões interagem, se sobrepõem, se misturam. Há a impressão de que essa liberdade de movimentos, diálogos, pensamentos e atitudes cria uma espécie de zona utópica, antiutilitarista, de autoexpressão e comunhão. Contudo, os carros da polícia que, por vezes, passam por ali não deixam dúvidas de que a lógica lúdica e

³⁶Caracteriza-se pela noção de “bricolagem”: joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais. O tempo é o do não trabalho ainda que seus praticantes se empenhem com grande intensidade. A duração do jogo é variada. A divisão de tarefas no âmbito do jogo é praticamente inexistente. (DAMO, 2007, p. 41)

hedonista que parecia guiar o campo possui claras limitações. Valter chegou mesmo a dizer que os policiais da Policlínica ficam de “butuca” ligada no campo. Qualquer coisa que extrapole os padrões civilizados é reprimido de alguma forma. A lógica em um nível bastante racional e instrumental que guia o Internacional de Campina também mostra que o campo também é ambiente de gravidade.

É um ateliê aonde mestres e aprendizes se revezam na transmissão e assimilação progressiva de um jogo por nós adorado. Há um conhecimento dominado pelos “professores”, adquirido nos inúmeros jogos assistidos, na observação direta, nas intermináveis “resenhas”, enfim, em um amplo painel de saberes e experiências que os tornam “oráculos” da bola. E no Inter, uma organismo complexo e com uma fama de ser um portal para o universo fantástico, os “aspirantes” se entregam de bom grado, não obstante algumas resistências cínicas, a uma pedagogia aparentemente frouxa, mas dotada de uma lógica e seus valores específicos. E, assim, um conhecimento que também é prático, ou seja, só se adquire na labuta diária e repetitiva em busca de determinadas disposições, vai sendo absorvido lenta e progressivamente. É uma gestação silenciosa que os mais aficionados não desconfiam.

É obra coletiva. Longe da estrutura burocrática dos grandes, aquele futebol pequeno permite um fluxo e refluxo de modos de fazer horizontal. Personagens diversas se permitem dar contribuições pontuais. Se, no âmbito do futebol espetacularizado, todos esses treinadores só conseguem remoer suas insatisfações em conversas na vida cotidiana, ali, sobretudo, os pais, expõem suas preferências, sancionam negativamente ou positivamente e dizem o que acham. E isso é uma dimensão que ajuda criar uma atmosfera densa, quente abafada e, no sol da tarde, quase fantástica, aonde os garotos dão continuidade ao processo de forjamento. E os próprios garotos, nos momentos que comentam os lances da “escolinha”, quando se chocam ou trocam insultos, quando discutem um lance qualquer, eles mesmos contribuem para isso, são obras e artistas.

São artista “amadores” ansiando o estrelato, o dinheiro, os holofotes. Ou querem apenas ser reconhecidos ali, em um belo lance, recebendo uma tapinha nas costas de Valter ou um elogio de algum colega. E jogam como gente grande para isso. E devem ser fortes, “malandros”, “amadurecidos”, homens no sentido mais machista da palavra: aguentar dores, agravos, se lançarem sem medo nas coisas e falarem das meninas

gostosas que vagão por ali. Suas energias emocionais devem se adaptar aos diversos moldes. Devem se concentrar, “ter foco”, devem ser aguerridos em determinados momentos, lutarem com o coração na chuteira, mas um exagero, qualquer ato “indisciplinado” é repreendido na hora. Devem aprender a manter o equilíbrio em uma linha tênue entre o controle e descontrole das emoções. Grandes quantidades de recursos são despendidas ali.

E para quê tudo isso? Talvez para nada. Afinal eles são apenas jogadores do “Infantil” de um clube que talvez seja um trampolim para suas carreiras. E existe uma longa estrada para chegar às grandes arenas, cheias de torcedores apaixonados que gritam e homenagem seus ídolos. Até lá, qualquer acidente, qualquer contusão, má fase, qualquer desentendimento ou mesmo a constatação da inaptidão pode significar o fim de um sonho. Enquanto isso não acontece, eles, como uma criança que chuta a bola no muro de sua casa ou se embatem em peladas de “barrinha”, ainda continuarão sonhando com os Neymares e os Messis da vida. E o campo, onde cada drible parece jogar no ar uma nuvem mágica de areia, o campo que viu “Moacir” e “Caça-rato” jogarem, parece ser propício à manutenção desse ideal.

Capítulo III

Rituais³⁷ pré-treino

Se em um primeiro momento tentei localizar o Inter no contexto da dinâmica do futebol de clubes, especialmente o Santa Cruz, e suas relações ecológicas com o universo que o circunda, nesse segundo capítulo buscarei um olhar mais internalista da atividade que é realizada ali. Mas isso não é um trabalho fácil, pois embora toda instituição tenda a se fechar, algumas, com elevado nível de informalidade e ausência de limites físicos que ajudem a proteger o trabalho que é realizado, tornam mais problemático o estudo dos determinantes sociais do comportamento. Em Campina “dentro” e “fora” são categorias estanques quando confrontadas com a complexidade de atores que contribuíam para atuação de um *ethos*. Dentre eles, os “professores”, pais e amigos do Inter e os próprios garotos que treinavam para se tornar jogador de futebol.

Grande parte dos padrões que os garotos poderiam mobilizar para defender certas visões de mundo como roupas, apelidos, autoimagem no que se refere à gestão do próprio corpo e mesmo o conteúdo de muitos de seus discursos³⁸, eram influenciados pela necessidade de demonstrar vínculo com um dado “eu”³⁹, sacralizá-lo. Nesse contexto, um modo de captarmos elementos do fluxo comunicativo complexo que gerava a existência específica daqueles que formavam o Inter era a apreensão dos rituais através dos quais seus valores e regras eram reafirmados. Escolhi, portanto, começar a adentrar o campo através dos rituais pré-treinos, aqueles efetivados antes da realização das atividades mais claramente “futebolísticas”, mas que dizem muito sobre os requerimentos quando da participação naquela instituição.

³⁷Ritual para Goffman se refere a atos em que o ator, através de seu componente simbólico, de um dado fluxo expressivo, afirma seu compromisso com uma realidade social (2012, p. 26). Ele também fala em “sacralização confirmada através de atos simbólicos” (2012, p. 51).

³⁸Esses elementos são caracterizados por Goffman como “fichas simbólicas que carregam mensagens cerimoniais” e que se referem a componentes “linguísticos”, “gestuais”, “espaciais”, etc. (, 2012, p. 58)

³⁹Uma das definições de Goffman diz que o “O eu (...) é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. Ao analisar o “eu”, então, somos arrastados para longe de seu possuidor, da pessoa que lucrará ou perderá mais em tê-lo, pois ele e seu corpo simplesmente fornecem o cabide no qual algo de uma **construção colaborativa** será pendurado por algum tempo” (2009, p. 230)

Um recurso heurístico, ao mesmo tempo físico e simbólico, será usado: concentrarei minha atenção no “jogo de sombras” que ocorre debaixo do pé de chuva-de-ouro: estudaremos os rituais de chegada, o modo como os garotos articulam uma sociabilidade de bastidor, como elementos de uma masculinidade juvenil são atualizados e nos atentaremos para a relação com o “corpo” que é edificada naquelas areias. São dimensões distintas da vida, mas que quando confrontadas uns com as outras, podem facilitar um quadro para entendermos o trabalho invisível de gestação que ocorria nas areias de Campina.

A sombra

É de se supor que alguém preocupado com os deletérios efeitos dos raios UV tenha se dignado a semear as margens do campo do Centro Social. As jovens chuva-de-ouro, de dois metros, se erguiam nas duas margens do quadrilátero, formando borões pardos que se espriavam pela areia alaranjada do campo, sobindo pela arquibancada, criando abrigos para os espectadores, “maconheiros” e crianças. Seus galhos cresciam desavisados em direção ao espaço virtual do jogo. Em uma das partidas observadas, um representante do Internacional de Campina do Barreto lutou durante um bom tempo para podar com apenas as mãos uma dos exemplares que impedia a livre circulação do juiz e exigia outros malabarismos dos meninos que corriam atrás da bola. Trabalho inútil diante da dureza da natureza.

Uma dessas árvores, localizadas quase no meio do campo, possuía uma função importante para o processo de gestação que animava Campina. Sua copa era composta de ramos de folhas pequeninas, de milhares de ramos dessas folhas, criando uma massa verde que pendia para um dos lados do tronco levemente torto. Além das raquíticas vagens e flores amarelas, a árvore lançava uma grande sombra que se estendia pela arquibancada de concreto de três degraus. E é para lá, para esse amparo “natural” e estufa de boleiro, que afluíam os garotos quando margeavam o campo para iniciar os trabalhos do dia. Era uma sombra institucionalizada, legitimada pelo ajuntamento. Espécie de “zona livre”, onde os diversos atores que habitam Campina se encontravam,

mas, principalmente, espaço de ritualização dos valores e regras que eram evocados naquele lugar.

Os garotos, espalhados pelos degraus, sentavam-se muito próximos uns dos outros, às vezes, colados, abraçados em uma sociabilidade orgiástica. E os outros atores, espectadores, buscavam outorgar esse direito. Os garotinhos da escolinha ou os pequenos da vizinhança que ficavam por ali, antes do treino, em suas superfluidades afastavam-se do centro, se iam ou grudavam-se na borda do grupo do Infantil, olhando a vida se processando ali, participando esporadicamente do espírito que animava aquela sombra. Os pais e agregados também a respeitam, permanecendo em uma fileira no primeiro degrau – lugar mais próximo para a conversa com os “professores” – ou em um canto próximo da borda do grupo de garotos. E também participavam vez por outra de alguma conversa ou chiste. É porque o biombo fornecido pela árvore não possuía a dureza de paredes e a sociabilidade que existia ali dentro não era tão exclusivista, embora existisse a tendência à deferência através da evitação⁴⁰.

Mas eram especialmente os professores que forneciam o diapasão para a configuração daquele espaço. Deixavam-se embalar pelas conversas como se fossem eles mesmos os pequenos atores, como se existisse uma relação igualitária, brincante que unisse todos em um mesmo nível. Mas isso não era inequívoco. Em outra dimensão, eles, nos papel de “especialistas em treinamento”⁴¹, apareciam repentinamente e expunham aos garotos o que deveriam fazer e ser ou afastavam-se das linhas assumidas nos engajamentos e apresentam requisições e críticas que deveriam ser ouvidas com atenção e aprumo. Ou seja, participavam e animam o ajuntamento, mas ao mesmo tempo o observavam com olhos de lince e o utilizavam para ensinar aos atores como construir as impressões desejadas.

Na verdade não havia apenas uma sombra ali. Além da original, criada pelo patrono sem nome, outras surgiam sob formas diferentes, hora disfarçadas de brincadeiras, em alguns momentos, bastante pesadas, diretas como ganchos de direita ou “butadas” como se dizia em Campina. Em outros instantes as sombras se

⁴⁰Essa distância espacial é tratada por Goffman como “rituais de evitação” (2012, p. 65) que indicam uma forma de respeito, de deferência, em relação às definições da situação mantida pelos atores.

⁴¹Goffman afirma que “os indivíduos que desempenham este papel têm a complicada tarefa de ensinar ao ator como construir a impressão desejada, enquanto ao mesmo tempo assumem a função de plateia e ilustram, por meio de punições, as consequências das impropriedades” (2009, p. 146)

transfiguravam em narrativas que transportavam os ouvintes para um mundo que se interpunha ao mundo imediato, que o iluminava. Um jogo móvel, fluido, de sombras e luzes se passava. Assim, recebendo e criando esse alimento simbólico, um processo lento e invisível de “crescimento” acontecia. Podemos captar alguns espectros fugazes desse movimento, que juntos podem fornecer uma imagem parcial e precária.

Rituais de entrada⁴²

Quando os primeiros garotos do Infantil surgiam pelo lado do boteco, os meninos da escolinha ainda gritavam pedindo a bola, reclamavam alguma marcação de falta ou ouviam alguma bronca do “professor” Valter, que quase sempre estava tomando um pouco de ar na sombra da jovem árvore. Permanecia ali, a postos, cronometro no pescoço e apito na mão, observando através de seu *ray-ban* aviador. O encontro se dava através de um sorriso direcionado aos professores, algum cumprimento breve com algumas palavras trocadas, olhares intercambiados ou o garoto apenas tomava seu lugar diante da constatação de que o professor estava atarefado⁴³. Formavam-se, então, duplas, trios, em conversas paralelas, cada uma com um desenvolvimento diferente. Essas pequenas sociedades, às vezes, se desfaziam com a mesma rapidez com que eram formadas e seus componentes se engajam em outras interações no mesmo espaço da arquibancada. Era comum levantarem-se, sentarem-se, aproximarem-se do campo, sempre dispostos a uma nova brincadeira, a uma nova conversa.

Esses suaves rituais de entrada, às vezes, eram trocados por outras senhas. Com a mesma leveza, os professores faziam brincadeiras aparentemente inconsequentes sobre a constituição física dos garotos. Quando da aproximação de um desses meninos o professor da vez, já com o dito na ponta da língua e trejeitos cômicos, recebia-o com perguntas como “*tas malhando é fulano?*” (Diário de campo 02/08/2012) ou “*tas*

⁴²Goffman fala de “rituais de admissão” (2010a, p. 25) para se referir ao conjunto de atos que inicia a mortificação dos sujeitos nas instituições totais. Quando falo de rituais de entrada me refiro, ao contrário, a um momento em um processo de afirmação do indivíduo para uma vida.

⁴³“Quando a comunhão de um engajamento face a face é estabelecido (...) há cumprimentos, onde a comunhão é estabelecida e mantida por tempo suficiente para os participantes trocarem breves rituais interpessoais; e o mais breve de todos, olhadelas de reconhecimento e amizade” (GOFFMAN, 2012 p. 114)

fazendo academia na onde?” (Diário de campo, 02/08/2012) ou afirmações irônicas como *“Bicho forte da porra”* (Diário de campo, 17/07/2012). E, diante do sorriso amarelo ou mesmo antes de qualquer resposta, falava-se em *“academia para osso”* ou *“malhando osso”*, referência zombeteira ao raquitismo dos corpos. Diante desses enigmas, os garotos tinham que proceder um contorcionismo maior, uma maior elasticidade, para, talvez com um pequeno desconforto, um desconforto não notável, passar. E passavam sempre. Havia sempre alguns risos entre os sujeitos da audiência, os companheiros do garoto, mas tudo logo parecia ser esquecido. Os garotos postavam-se em seus lugares e iniciavam o processo de preparação para o treino que se seguiria.

Mas se for verossímil o dito que afirma que *“toda brincadeira tem um fundo de verdade”*, tais chistes pareciam apresentar um espectro de preocupação com a condição e desenvolvimento físico dos “atletas”. Entrevia-se, de fato, uma fugaz imagem que era contrária à crença de que graças à dedicação aos treinos, aos aprimoramentos técnico e tático, a constância, ocorreria uma “adequação” e a entrada para algum clube do futebol de espetáculo. Na *triste figura* que aparecia por trás das brincadeiras eles não eram os sujeitos cheios de hombridade e coragem que marchavam rumo a uma atividade que dava sentido a suas vidas, mas sim corpos magros demais, frágeis demais, ainda demasiadamente pequenos. Tinham um futuro a percorrer, um futuro que aparecia com um nível de incerteza elevadíssimo, no qual por algum motivo seus ossos não teriam o desenvolvimento normal, suas fibras musculares não se adensariam do jeito que seria preciso. Seriam corpos grotescos, risíveis, desvios a serem “dispensados”.

Em uma ocasião (Diário de campo, 07/08/2012), além da pergunta retórica, houve uma verdadeira dramatização da brincadeira, uma espécie de *sketch* de um programa humorístico. Alguns aprendizes já estavam em suas posições. Ney conversava algo com Valter, que tentava prestar atenção aos lances dos pequenos da escolinha. Ortigoza aproximou-se e, ao notá-lo, o professor Ney foi até ele, deu um efusivo abraço e, ainda com um braço sobre o pescoço do garoto, apertou com três dedos o frágil bíceps, o indicador e o médio em um dos lados e o polegar do outro como se agarrasse o resto de um moribundo, como para mensurar sua força. Os outros garotos, em outros momentos também vítimas da brincadeirinha, sorriram zombeteiramente. Mas logo tudo, como sempre, era “esquecido” em outros chistes em outras brincadeiras. O assunto não era abordado seriamente e os garotos não o recebiam seriamente.

De fato, segundo Goffman tal “*profanação de brincadeira*”, quando o receptor é questionado em seus motivos mais íntimos, serve para provocá-lo ligeiramente, testar seus limites ou demonstrá-los. No entanto, isso ocorre de forma velada, ainda que o véu tenha um grau elevado de transparência: ao reivindicar o estatuto de brincadeira para um ato expressivo o ator comunica que o “eu” que está por trás também não é sério (GOFFMAN, 2012, p. 28). Sempre há a possibilidade de uma ruptura nos termos da relação. Contudo, “o receptor recebe a oportunidade de agir como se nenhuma afronta séria à sua honra tivesse ocorrido, ou pelo menos nenhuma afronta mais séria do que a de ser definido como alguém com quem é possível fazer piadas” (GOFFMAN, 2012, p. 87). Dessa forma, o significado ameaçador se mantinha de forma velada e podia ser incorporado ao fluxo comunicativo da interação. Tudo se passa como se nada realmente tivesse sido dito.

Mas essas preocupações evidenciadas através dos chistes permaneciam reverberando em Campina. Em muitas ocasiões de conversas face-a-face, longe do ritmo normal de engajamentos, os atores revelavam mais explicitamente dúvidas a respeito do desenvolvimento corporal. Em uma ocasião (Diário de Campo 31/07/2012), da arquibancada, Ney comentava as características de um jogador e com alguma resignação comentou comigo “*se Pikachu tivesse um pouquinho mais de corpo, com a vontade que ele tem, seria muito bom*”. Nas entrevistas com os garotos ficou evidente essa preocupação. Kelvin afirmou que “*ainda sou pequeno e não tenho muito corpo (...) Tô fazendo academia*”. Já ao perguntar a Lekinho por que ele fazia academia, revelou “*Por causa do treino mesmo. Poder pegar massa muscular (...) E também para o meu crescimento. Eu tô muito pequeno ainda para Infantil*”.

Essas preocupações eram justificadas à medida que a base fundamental para o sucesso na carreira de jogador profissional, que os garotos almejavam, é a manutenção de níveis ótimos de preparação física e de adaptação da compleição física as posições específicas em campo. Embora não houvesse os implementos nem os profissionais necessários à produção racionalizada dessa máquina, os garotos eram adestrados a se preocuparem com o modo como estavam fazendo essa gestão de seu corpo. Especialmente a “academia” era vista como uma necessidade premente. E através dos chistes, mas também de outras maneiras, eram dotados de uma responsabilidade moral sobre a imagem que transmitiam de seu principal instrumento de trabalho. Um encargo

que observamos de modo característico no mundo do futebol grande, através da hipereposição dos corpos que não se adaptam aos padrões necessários.

Em Campina, os corpos “deformados” também não passavam em branco. Enviavam mensagens que não se adequavam ao padrão de forma física que existia como ideal para os garotos. De um lado, os “gordos” apareciam como exemplos ruins. Em um dos dias de observação (Diário de campo, 19/04/2012) Valter, ao receber a visita de um antigo atleta, contou um caso para a diversão de quem ouvia, em que o “*gordinho*” cometera 8 pênaltis em um jogo. O professor também se referia a um dos goleiros com o apelido carinhoso de “*goleiro gordinho*”, deferência diferente da dada ao outro “arqueiro” do time, tratado pelo primeiro nome. Um dos jogadores da escolinha, com uma enorme pança, se chamava “Geleia”, referência a uma substância sem “firmeza, mole”, uma alcunha que o ridicularizava e que também era usada dessa forma pelos garotos do Infantil em suas brincadeiras. Os magros, como já notado, eram chamados de “papel”, referência à leveza do corpo e “osso”, realçando a dimensão visível do esqueleto dos garotos, etc.

Desse processo de “estigmatização” (GOFFMAN, 1988)⁴⁴ também participavam os espectadores que rondavam o grupo. Um dos pais trazia sempre um tamborete de plástico para o campo, sentava-se nas margens do gramado, nas proximidades da chuva-de-ouro, e de braços cruzados se punha a observar os treinos ou participava das interações que ocorriam. Em um dia (Diário de campo, 09/08/2012), quando da chegada de um dos garotos mais pequenos e habilidosos do grupo, ele o cumprimentou e afirmou “*oxe tu tá no peso pena é? Bicho forte da bexiga!*”, referência a uma das categorias baixas do boxe. Mas o peso pena não jogou a toalha. O ataque foi recebido com firmeza⁴⁵, sustentada por um quase sorriso e uma atenção displicente. O garoto se dirigiu para a arquibancada. Em uma ocasião ouvi um diálogo sobre uma história ruim que deixava entrever esse fato:

⁴⁴Estigma para GOFFMAN (1988) se refere a uma característica negativa (falhas morais, marcas no corpo, étnicas) que deprecia certos grupos ou atores sociais em determinados contextos interativos. Nossa análise considera os corpos desviantes como passíveis de estigmatização, de diminuição, quando comparado a um “padrão normal” de adequação corporal. Trataremos melhor dessa conceitualização em um momento posterior.

⁴⁵Segundo Goffman para manter a fachada, “imagem do eu delineada em termos e atributos sociais aprovados” (2012, p.14), é necessário aprumo através do qual “o indivíduo controla o seu constrangimento e, assim, o constrangimento que ele e os outros poderiam sofrer por causa de seu constrangimento” (2012, p. 20). Veremos como a imagem de “eu”, a definição da situação, dos garotos é constantemente invadida em várias ocasiões. Nessas ocasiões precisam demonstrar força, aprumo.

O diretor do Inter comentou: “Beto, quando eu jogava as preliminares... o bicho jogava que só. Todo mundo dizia que ele era um craque, um jogado fora da média. Depois sumiu... ninguém mais ouviu falar... Era muito pequeno”. O diretor do Santa concordou “é muito difícil o cara se dar bem no futebol. Hoje em dia dependendo da posição, o cara tem que ter pelo menos 1,85 metros.” (Diário de campo, 29/05/2012)

Um garoto em particular havia se tornado material para essas elaborações devido a sua “biografia”. Ortigoza é um meia clássico, daqueles que dão fluidez ao padrão de jogo correndo com a bola colada ao pé, fazendo toques curtos e lançamentos com muitos acertos e realizando dribles providenciais que desanuviavam o emaranhado, criando espaços. É um “artista da bola” e, quando da entrevista com Valter, ele não deixou de atribuir ao garoto aquela marca positiva (mas pouco clara) que é considerada reveladora da predestinação do sujeito para o mundo do futebol, o “dom”⁴⁶. Segundo algumas informações coletadas, depois de passar alguns anos treinando em Campina, ele resolveu ou foi induzido a não esperar mais que a oportunidade de entrar em um grande clube surgisse por esse canal. Foi diretamente ao Santa Cruz e conseguiu ser aceito para as categorias de base. Contudo, depois de um período de treinamentos, fora dispensado devido a sua condição física precária.

Fora “devolvido”, segundo Ney, pois estava “*sem força, sem explosão*”. E essa fábula de insucesso permanecia no ar de Campina, embora o garoto aparecesse sempre na posição de vítima e o clube como o vilão, pois não investira suficientemente em seu talento. Valter comentou a situação do garoto:

Então o treinador lá depois achou que ele não tinha força e... Que era um **craque**, como é de fato, mas **não tinha força**. Então eu acho que força pode se adquirir. Técnica é mais difícil, mas força pode se adquirir. Aí não quiseram ele. Então ele veio falar comigo. Foi humilde até para... Não teve... Não foi homem para pedir que... Ele não é homem, ele é adolescente... Não foi adolescente daquele mesmo rochedo, para pedir para ir, mas foi um adolescente **de caráter** para reconhecer o erro. E foi humilde para vir pedir se podia voltar. Pode voltar para sua casa. Essa é sua casa aqui. E ele veio e a gente, agora com muita dificuldade, tá tentando dar essa força que o clube não deu. (Entrevista, 31/07/ 2012)

Como se vê pelo relato, Ortigoza ganhou a possibilidade de se redimir quando reconheceu o erro e pediu para voltar. Para facilitar esse processo de reparação, Valter

⁴⁶Damo faz uma discussão interessante sobre esse termo. E diante da complexidade do termo ele afirma que o “desafio não está veiculado a definição do dom, mas à interpretação do seu uso como categoria nativa” (2007, p. 185)

ainda atribuiu a atitude do garoto a influência de algum adulto⁴⁷, pois como “*adolescente que era*” não teria a “*cabeça para fazer isso*”. Mas se houve esse perdão oficial da instituição, Ortigoza pagava seu preço de outras formas, através das velhas formulas de “tirar onda”. Não parecia ser à toa o fato de ele ser um objeto daqueles inocentes rituais de aproximação de Campina: em uma ocasião, Ney o cumprimentou, deu um abraçinho e ainda segurando na mão do garoto disse “*tas malhando é?*”. Ortigoza, já cômico da intenção do outro, só respondeu com um sorriso, demonstrando domínio de si. Ney prosseguiu “*Academia para osso*” (Diário de campo, 09/08/2012).

Mas é um engano pensar em termos de “vítima” X “algozes” como essas descrições podem deixar transparecer. Era verdade que os professores, como oráculos do futebol, se configuravam como os meios mais refinados para a execução dos supremos valores vigentes nesse campo. No entanto, o processo de adaptação dos garotos ao *ethos* do lugar os dotava dos padrões necessários para o autojulgamento e o julgamento de outrem e eles mesmos eram veículos de tais chistes⁴⁸. Demonstravam, assim, uma “conversão” na qual o participante confirmava estar no domínio de certo vocabulário, de certa postura e padrões de deferência e porte. Quando brincavam a respeito dos corpos desviantes, eles mesmos incertos a respeito de seus corpos, além de demonstrar um valorizado autocontrole, também se apresentam como portadores dos valores daquela instituição. O maior exemplo disso é Ortigoza, vítima e algoz:

Ortigoza, olhando para o campo, começou a crítica: “*ele nem corre... oxe que **bicho fudido** da porra, que é que ele tá fazendo aí?*”. Monstro corroborou “*Ele tá andando em campo. Não toca nem na bola*”. Ortigoza prosseguiu “*parece que aquele boy tem asma pow*” (Diário de campo, 21/06/2012); “Ortigoza mexeu com Kelvin “*Kelvin tá foda viu... O cara não fez nada e já está cansado!*” (Diário de campo, 12/07/2012).

Outra referência à compleição física foi feita mais tarde. Kelvin batia bola com um dos garotos. A audiência, então, percebeu algo e um dos garotos insistiu para Kelvin “ficar de lado”. Kelvin, com

⁴⁷Goffman fala que uma das formas de preservar a fachada é “dar informações para mostrar que o criador estava sob a influência de algo, e que não era dono de si, ou que ele estava seguindo ordens de outra pessoa e não agindo por vontade própria” (2012, p. 26). Ao atribuir a atitude do garoto à influência de terceiros, Valter permitiu manter sua autoridade e um retorno sem mais prejuízos para o “adolescente”. Nota-se também em sua fala que ele alterna e quase se confunde ao usar as categorias “homem” e “adolescente”. Se no cotidiano dos treinos eles são “homens”, ou seja, sujeitos responsáveis e disponíveis, que devem executar com seriedade os trabalhos, naquele momento o garoto foi infantilizado.

⁴⁸Para Goffman os indivíduos estigmatizados tendem a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós (os normais) temos (...) os padrões que ele incorporou da sociedade maior tornam-no suscetível ao que os outros veem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que ele ficou abaixo do que deveria ser” (...) (1988, p. 17)

alguma relutância, obedeceu. O que se viu foi uma rajada de risos e os comentários “*dá para vê o coração do cara*”. (Diário de campo, 02/08/2012)

Assim, através dessas brincadeiras e chistes, quando do início dos trabalhos do dia, os garotos se assentam em seus tradicionais lugares na arquibancada da Rua Constança. Já estão integrados ao grupo e a partir desse momento ficam disponíveis para uma série de interações que envolvem a afirmação de um conjunto de elementos que funcionam como fichas simbólicas como uma masculinidade juvenil, uma hombridade e presteza no e para o jogo e, especialmente, uma disposição para estarem sempre com suas personalidades abertas. Fala-se muito em Campina, fala-se alto. Os garotos empurram-se, agridem-se de brincadeira, fazem piadas uns com os outros, etc. Mas para demonstrar que já estão dentro da sombra, entre outras coisas, é preciso apresentar uma linguagem de corpo, especialmente através de suas roupas, que dizem se estão ou não envolvidos na atividade que se realiza. É esse aspecto que analisaremos agora.

Vestindo-se

A sombra da chuva-de-ouro é ambiente de sociabilidade de bastidor (GOFFMAN, 2009, p. 106) para a atividade iminente. Espaço, portanto, de reparo, preparação, reparação, retoques, acompanhados pelos pais, agregados e pessoas da vizinhança. Daí ser um bastidor volúvel, fugaz, com cara de palco, nos qual as ações dos garotos são escaneadas com grande atenção⁴⁹. Os professores aproximam-se e permanecem por ali na beira do campo trocando confidências tácitas, rindo de algo ou misturados ao grupo

⁴⁹No livro “a representação do eu na vida cotidiana” (2009) Goffman fala de “regiões” específicas aonde a representação se desenvolve. Destacam-se: 1) Palco, local aonde os atores buscam efetivar determinada representação. E para tanto devem ser circunspectos, disciplinados e leais aos companheiros de equipe. Desenvolvem certa solidariedade e familiaridade; 2) A plateia, é formada pelo “outro referencial”. É a formação para o qual se dirige a representação dos atores. Devem estar dispostos a tomar como realidade a definição da situação que o outro grupo procurar manter; 3) bastidor, é o local de preparação para o espetáculo, de concerto, de discussão dos erros, de preparação, etc. As relações são caracterizadas por uma maior informalidade. O que implica um afrouxamento dos controles sociais e uma sociabilidade mais “violenta”.

de pais e agregados. Por vezes, isso dá a impressão de que estão ausentes da vida do pequeno grupo, que os garotos podem relaxar na manutenção de suas fachadas. Ilusão. Além de ter “*olhos nas costas*”, como expressou Valter, eles, auxiliados pelos pais, desde o início intervêm no rumo que a sociabilidade toma, fustigando-o, reconduzindo-a, aquecendo-a.

Assim que passavam pelos leves e não tão leves rituais de aproximação, os garotos iniciavam esse processo de “vestir a fantasia”. De suas portas-chuteira ou mochilas retiravam seus apetrechos de trabalho: as chuteiras, bandagens, meiões velhos, bermudas, luvas, no caso dos goleiros. Escondiam suas coisas nesses mesmos compartimentos, que permaneciam em uma pilha, descansando na sombra da chuva-de-ouro, esperando o fim do trabalho do dia para novamente desvelarem os elementos da apresentação pessoal que ocultam: os bonés, as bermudas coloridas, os brincos, as camisetas. Em um dia chuvoso, meio vazio de espectadores, Ortigoza, que aparentemente estava sem nenhum artefato para esconder suas coisas, pediu: “*professor, o senhor pode segurar para mim, por favor,*” (Diário de campo, 17/07/2012). Nessa ocasião servi de guardião de uma surrada camisa preta.

Calçavam-se ritmados, cada um em um compasso diferente, com diferentes elementos. O pé era limpo primeiro, com rápidos esfregões na sola, no espaço entre os dedos, quase uma esterilização. Alguns elementos de proteção ou de reparação eram postados nas saliências do “instrumento de trabalho”: gazes, faixas, esparadrapos, pedaços de algodão até coisas estranhas como “plástico bolha”, um tipo de invólucro sugestivamente usado para proteger produtos frágeis. Os meiões, em bolinhas arredondadas ou enrolados, eram desenrolados, apumados e com algumas sacudidelas, limpos de resíduos de outros dias de treino. E mesmo que o ambiente fosse aberto, às vezes sentia-se um odor de suor ressecado misturado com chulé que emanava e permanecia sobre o grupo. Vestiam-se, então, os meiões e por fim os calçados.

O fato de não existirem limites físicos entre os que estavam dentro e os de fora não impedia que os garotos fruissem o ambiente como de bastidor. O linguajar pesado que usavam era cheio de gírias, termos escatológicos e com referências sexuais explícitas. Às vezes, seus atos eram acompanhados por músicas “bregas” saídas de algum celular, com letras que descreviam algum tipo de dominação masculina. A

própria mobilização do elemento corpóreo parecia livre, pois não era incomum aparecerem com os dorsos nus ou mesmo trajando apenas roupas de baixo. Contudo, esse *ethos* mais livre era reconduzido a níveis de pudor e recato mais restritos devidos àquela mesma ausência de paredes. Isso fazia com que tomassem alguns cuidados para evitar alguma exposição constrangedora ao desfazerem-se de suas roupas ou a usarem algum linguajar considerado ofensivo:

Lucas, zagueiro, chegou com um pouco de atraso, mais isso lhe facilitou uma parede humana para seus preparativos. Imiscuiu-se no grande grupo sentando na arquibancada e, parecendo proteger-se atrás do biombo que os companheiros ofereciam, tirou a bermuda colorida, botou o calção. Com alguma lentidão, manejou os materiais dentro de sua pequena porta-chuteiras. Primeiro um dos meios brancos desbotados foi desenrolado e espanado como que para tirar resíduos de algum treino anterior. O mesmo com o outro. Depois as chuteiras pretas, adidas, calçou uma (trocou palavras murmuradas e risinhos contidos), colocou uma faixa velha no pé direito, calçou a outra. (Diário de campo, 02/08/2012)

A conversa dos garotos vez por outra assumia um tom erótico. Em um diálogo, um dos garotos falou *“ei Antônio foi ele quem botou no teu cú?... ei Ney... Ei Ney... Os dois são frangos. Ele disse que foi buscar o meio na casa dele”*. Ney respondeu *“esse negócio não vai dar certo”*. Em outro instante os garotos comentavam sobre menina da escola que tava usando saia curta *“a nega tava toda assim (imita a garota)... A buceta dela parecia uma melancia!”*. Kelvin, devido à proximidade de uma senhora, mãe de um dos garotos, recriminou as brincadeiras dos garotos dizendo *“ei! Respeita”* e fez um gesto mostrando a presença da *“tia ali”* a um metro de distância. (Diário de campo, 31/07/2012).

Em uma ocasião, quando um garoto deixou de cumprir sua obrigação em dispor de seu material “profissional”, ou seja, deixando de estar preparado para a dramatização, houve um reboiço no grupo. Alguém avisou a Valter que Antônio havia esquecido o material em casa. Para se justificar o garoto afirmou que havia pegado a mochila errada, que seu irmão levava a mochila com suas chuteiras para a escola. Ney afirmou *“Tu é foda né... Um medico não vai esquecer o estetoscópio, um pedreiro não vai esquecer a colher de pedreiro, como é que um jogador esquece as chuteiras?”* (Diário de campo, 28/06/2012). Era visível o desconforto do garoto naquela situação. Mas logo se achou uma solução. Alguém emprestou uma bicicleta e ele foi pedir emprestada uma chuteira de um conhecido do bairro.

E essa montagem para o treino tinha uma hora exata para terminar, momentos em que os treinadores iniciavam a divisão de times por cores de coletes, amarelos, vermelhos e laranjas. Quando o tempo de preparo se estendia além do necessário, com o

garoto deixando de apresentar a presteza para o trabalho, quando requisitada, havia o confronto direto e a recondução a uma postura mais adequada. Aos retardatários era exigido que retirassem as “*camisas de baile*”, roupas comuns, referindo-se ao fato de que pertenciam a outras ocasiões sociais, portanto incompatíveis para ritualizar os valores defendidos naquele ambiente. Os que apresentavam um completo atraso em relação aos outros, eram submetidos a uma ridicularização e a um envergonhamento que tinham como pressuposto demonstrar qual era a regra a ser seguida e que deveriam ser enfrentados como “homem”, com o aprumo devido. Um exemplo disso:

“Depois de alguns instantes conferindo o “material disponível”, dois jogadores foram escolhidos. Um dos quais se levantou, já sem camisa, e se dirigiu para o campo. O outro, contudo, recebeu algumas broncas devido ao modo como estava se apresentando naquele instante. Valter, em seu estilo desbocado, falou “*Tira o brinco, tira o Modess (referência a uma antiga marca de absorvente), tira essa camisa de frevo (camisa do Boca Juniors)*”. Ney para arrematar a ridicularização pública do garoto completou “*Tira o batom*”. (Diário de campo, 17/07/2012)

Parte dos equipamentos expressivos fixos e não fixos que os garotos traziam consigo ajudavam a ritualizar seu envolvimento com o universo do futebol⁵⁰. As chuteiras novas, por exemplo, eram objetos cultuados, recebidas com um misto de inveja e de admiração compartilhada até pelos treinadores. E, de fato, ao lado de marcas pouco conhecidas havia as famosas *Nike, Adidas, Lotto, Penalty*, que simulam ou eram da mesma forma daqueles calçados hiperdesenvolvidos que os craques desfilam nos gramados da vida e que dão um colorido especial as suas peripécias. Os comerciais estrelados por jogadores do porte de Cristiano Ronaldo e Kaká deixam claro o efeito de “sapatinho de cinderela” que possuem. As performances dos futebolistas que as usam são aprimoradas: tornam-se mais rápidos, mais habilidosos, com uma pontaria mais ajustada, enfim, mais aptos. Os designers modernos servem para os garotos expressarem seus estilos que remetem aos atores jogadores dos comerciais. Daí o sucesso desses calçados entre os garotos. São elementos de fachada massificados.

Neymar possuía uma de dois tons verdes e modificou ao seu estilo com um cadarço alaranjado trançado em pequenos quadradinhos para a brincadeira de Ney: “*tem*

⁵⁰ Aqui a referência é o conceito de “fachada pessoal”, que segundo Goffman se refere aos “itens do equipamento expressivo que identificamos com o próprio ator”, especialmente a ideia de “aparência” ou “aqueles estímulos que funcionam no momento para revelar o status social do ator. Tais estímulos nos informam sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação informal, se está realizando, ou não, uma nova fase no ciclo das estações ou no seu ciclo de vida” (2009, p. 31)

um cadarço mais discreto não?” (Diário de campo, 26/06/2012). Mas era outro jogador, Caio, que parecia possuir um maior sortimento dessas preciosidades. O vi com uma *Adidas* novinha em folha, preta com riscos e detalhes alaranjados. A ponto de um dia virar motivo de conversa entre os pais. Carlito assumiu um tom nostálgico para falar da diferença em relação ao seu tempo de jogador de futebol. Falou: *“hoje em dia é tanta tecnologia que o cara nem sente a bola, nem sente o peso... No meu tempo a gente se lascava. Usava era Kichute”* (Diário de campo, 26/06/2012). Em outro dia com uma nova chuteira, laranja com riscos em azul, Caio provocou o seguinte comentário em seu treinador: *“Capitão é foda! Cada treino é uma chuteira nova, se garante”* (Diário de campo, 12/07/2012). Parecia que o pai desse garoto, um “jogador frustrado”, não poupava dinheiro quando o assunto era equipar seu filho com as melhores ferramentas de trabalho.

Outro elemento do equipamento pessoal que os garotos traziam para o campo e que se coadunava ao fluxo expressivo que ali se processa era o cabelo. Os estilos dominantes eram os baixinhos e asseados e os cortados mais baixos nas laterais da cabeça, deixando uma faixa maior no meio. Essa tira variava de tamanho e espessura, desde as mais tímidas até as que se aproximam do famigerado moicano, marca registrada de grandes jogadores como Beckham e Neymar. Havia ainda algumas particularidades, dependendo do gosto de cada um: respingos de tinta que davam “luzes”, uma tirinha deixada bem maior do que o resto na parte de trás ou riscos feitos por mãos hábeis que seguiam os limites do desenho do cabelo dando um acabamento sofisticado. O fato é que os garotos selecionavam entre uma gama limitada de sinais alguns que remetiam a um vínculo com a vida de jogador de futebol.

Os cabelos ajudavam a compor uma imagem que facilita o batismo dos garotos com apelidos que se remetiam a essa vida⁵¹. “Ortigoza”, tal como o seu homônimo, possuía densas madeixas que formavam uma espécie de casulo na cabeça, com fios caindo pelos lados. Neymar, quando de minhas primeiras incursões, apresentava um

⁵¹Goffman também fala sobre apelidos: “um exemplo rotineiro desse contato contaminador é o sistema de apelidos para os internados. As pessoas da equipe dirigente e os outros internados automaticamente adquirem o direito de empregar uma forma íntima de chamar a pessoa, ou uma maneira formal e truncada para fazê-lo; pelo menos para uma pessoa de classe média, isso nega o direito de manter-se distante dos outros, através de um estilo formal de tratamento (GOFFMAN, 2010a, p. 36)

projeto de moicano, que se queria semelhante ao do seu “colega de trabalho” mais famoso. Depois, com Ney, ele virou “Pikachu”, referência a um jogador do Paysandu franzino, habilidoso e rápido, que havia feito um gol no jogo, em Recife, contra o Sport pela copa do Brasil de 2012. Lekinho, volante, que até então adotava um corte mais ortodoxo, uma grande faixa no meio e reduções nas bordas, um dia resolveu radicalizar. Sob os comentários brincalhões dos seus colegas, surgiu com um corte de cabelo à la Guíñazu , uma faixa estreita que partia do fim da testa até na nuca (Diário de Campo, 26/06/2012).

E, assim, as sombras dos grandes craques apareciam sempre nos treinos. Pelo menos seus nomes se atrelavam aos garotos devido a tais cortes de cabelo, a certa estatura ou um jeito de bater na bola. E os nomes eram acompanhados de uma representação específica, de sentidos diversos, de material para a fabulação que de algum modo parecia contribuir na edificação do “eu” daqueles batizados nas areias de Campina. E isso devia ocorrer também por uma questão quantitativa: o volume de garotos que afluía para o campo tornava impossível discriminar pelo “nome próprio”. Deste modo, visando especificar as habilidades demonstradas, os “professores” assumiam o papel de sacerdotes da bola e atribuíam essas alcunhas de jogadores consagrados. Também os garotos se valiam desses nomes seja para mostrar deferência por uma qualidade demonstrada pelo colega, seja para realçar o contraste entre alguém que “desejar ser” e o que é:

Um galego sofreu um tranco de um amigo que tentava retirar a bola e caiu no chão. O colega da arquibancada gritou “*levanta Fumagali (jogador que fez sucesso no Sport), foi nada, foi o vento*”. E quando o goleiro da escolinha esguio, magro, negro, demorou a cobrar o tiro de meta, Ney gritou “*Bora Tiago Cardozo (goleiro do Santa Cruz), Bora! Bate logo!*”. Messi (Jogador argentino) partiu para o pênalti e viu a bola morrer na mão do goleiro Tiago Cardozo. Ney mandou que ele “pagasse dez” (flexões). Agora imaginem só, o “melhor do mundo” quase beijando o chão de Campina em flexões mal feitas. Já alguém chamou Lucas de “Dedé” (jogador do Vasco) e tem um garoto que é uma mistura de Neymar com Pikachu (Diário de campo, 31/05/2012).

Podemos dizer que a atualização de fachadas também inclui uma pauta específica para os diálogos: um dos tópicos centrais das conversas girava em torno do futebol profissional. “Resenhavam” jogos do campeonato pernambucano, do campeonato brasileiro, da libertadores, da liga dos campeões e dos jogos amistosos da seleção. Pareciam estabelecer uma disputa mimética dando provas do domínio de um capital

cultural próprio do universo do futebol. Ritualizavam, assim, o domínio de categorias de entendimento autóctones. Discutiam, por exemplo, se Carlinhos bala “ainda prestava” para o Santa Cruz ou se já “estava fudido” (Diário de campo, 26/04/2012) se Neymar estava jogando mais do que Bernard (Diário de campo, 02/08/2012). Julgavam a lastimável cobrança de pênaltis de Cristiano Ronaldo em uma rodada da Liga dos Campeões (Diário de campo, 26/04/2012), etc.

Os treinadores também participavam dessas conversas entre duas, três pessoas, que ocorriam dentro do grupo de garotos na sombra da árvore. E quando envolvia essa relação entre não iguais, a fim de manter uma hierarquia, a última palavra parecia ser sempre do “professor”⁵²:

Os garotos repercutiram o jogo do dia anterior entre Corinthians e Santos pelas semifinais da Libertadores das Américas. Lucas, goleiro, disse “*Foi cagada o Corinthians ganhar. O time é ruim... O Santos era bem melhor*”. Ney aproveitou a deixa e tentou decifrar o feito vitorioso do “timão”. “*Melhor do que o Corinthians? Os caras fizeram duas linhas de marcação, segura. Lascaram o Santos*”. E completou “*Você viu o lance direito? Aquela dupla de volantes não tem igual não. Segura para caralho (referia-se a Ralf e Paulinho)*”. (Diário de campo, 21/06/2012)

Além de reafirmar o vínculo com a vocação que eles buscavam seguir, isso tinha um sentido de identificação forte, pois ao analisarem as questões táticas e técnicas de jogadores e jogos profissionais, eles projetavam-se como pertencentes ao metiê do futebol profissional, um universo que parecia estar ao alcance de Campina, ao alcance dos garotos. Mas esse vínculo com o futebol espetacularizado se dava também através da exibição de uniformes de clubes de elite. Camisas ou calções possuíam o escudo do Vasco, do Corinthians, do Santos, do Barcelona, do São Paulo, do Real Madri, do Boca Júniers, etc. E apesar dos símbolos do Santa Cruz, que remetiam ao vínculo débil, mas significativo com o grande clube, serem os únicos legítimos e adequados, esses outros eram tolerados entre jogadores. Pelo menos respeitados até o instante em que deveriam iniciar os preparativos para o jogo.

Assim, através desses sinais, vultos “das chuteiras imortais”, mas também dos cabelos da moda, dos times e jogos mais importantes, que apareciam quando daquele

⁵²Segundo Goffman nas situações de conversa “uma definição compartilhada da situação acaba prevalecendo. Isto inclui o acordo em relação a relevâncias e irrelevâncias perceptuais, e um consenso de trabalho, envolvendo um grau de consideração mútua, simpatia e um abafamento de diferenças de opinião” (210B, p. 109)

instante de preparação para o treino, os garotos consagravam uma existência particular. Com tais esforços expressivos, os garotos pareciam reivindicar uma pertença ao universo de sua atividade. Iluminavam-se ao se inspirarem em elementos presentes no futebol espetacularizado. Outro elemento do futebol atualizado ali era um tipo de sociabilidade aberta, no qual uma consciência coletiva ia sendo moldada ou o que se chama de “grupo fechado”, com elevada solidariedade. Para tanto era necessário que os garotos se dispusessem a uma abertura constante de suas personalidades. É o que veremos mais detalhadamente.

Bastidor

A sociabilidade de bastidor também envolve uma atmosfera bufônica: posturas desleixadas, irreverência descarada, observações de ordem sexual, resmungos, gritos, simulações de briga, caçoadas, atitudes físicas menos controladas, etc. Segundo Goffman é aquele tipo de conduta que admite “pequenos atos, que podem facilmente ser tomados como símbolos de intimidade e desrespeito” (2009, p. 120). As pessoas engajadas em tais atos, muitas vezes invasivos, expressam a ideia de que podem participar das coisas dos outros e de que os outros podem participar de suas. A sombra parecia comportar um “sistema de região de fundo”, no qual todos os garotos podiam bulir com todos e todos tinham que aceitar serem ridicularizados e envolvidos em alguma brincadeira. Inclusive o pobre do pesquisador, que, em algumas ocasiões em que se postava em um lugar estratégico muito próximo do ajuntamento, teve que se livrar dos corpos que lhe tocavam em um empurrão, de um punhado de areia jogado em revide a uma bolsada na cabeça, de um punhado de folhas jogadas ao acaso para ar.

Isso incluía a negação verbal do outro através da exposição de alguma característica que o tornava ridículo. Um moicano mal feito era distorcido, dilatado, em algo risível como um pedaço de vassoura velha na cabeça: “*Ei... ei.. Vê só... Olha o moicano de Antônio! Negócio feio do caralho... É um moicano de lado... ele só deu 5 contos ao cara*” (Diário de campo, 12/07/2012). Um relógio grande e de cor berrante parecia se tornar mais estranho do que era “*mas fresco... O relógio do cara é de ouro. E*

que hora é? Meia noite” (Diário de campo, 10/05/2012). Uma coxa fina murchava e virava uma canela e uma cabeça ganhava muito em proporções, um “*cabeção da porra*”. Um garoto com marquinhas no rosto sofria sob caçadas de seus colegas: “*esse bicho é todo reimoso... (risos) Tu sabe o que um cara reimoso otário? Um cara cheio de coisa, cheio de espinhas, donzelo*”. E os hábitos higiênicos de um companheiro eram julgados duramente: “*Bafo de merda do caralho! Tu não escova o dente não é?!*” (Diário de campo, 21/06/2012).

Essa alegre agressividade punha em marcha a utilização de armas de ataque e de defesa, objetos que serviam para fustigar o companheiro, o próprio corpo, muitas vezes, servindo como objeto. Alguns se valiam, às furtadelas, das tapinhas nas costas, dos petelecos, dos cascudos ou o irritante matinho no ouvido. Quando o alvo tentava encontrar o agressor, normalmente esse fazia cara de inocência ou fingia que entabulava alguma conversa com outro garoto. Quando descoberto, às vezes, levava uma tapa de vingança e algum “*deixa de ser tabacudo*”, ainda que os dois rissem muito. Mas isso também podia ser enfrentado com um pouco mais de seriedade, muito embora sempre permanecendo dentro da camaradagem masculina apresentada:

Alguém jogou uns carrapichos em Kelvin, que prometeu “*botar para fuder*” se pegasse o “*safado*”. Ortigoza avisou: “*Kelvin vai dá-lhe visse... o cara tá quieto... Se ele jogar um tijolo, tá pensando que a Policlínica é longe?*”. Algo que chamou a atenção foi o uso do nome de uma personagem da Novela das oito nos brincadeiras “*Iai Tufão!*” ou “*o que é Tufão*” ou “*ei Tufão tão jogando o quê? Vou dá-lhe*”. (Diário de campo, 12/07/2012)

Havia também a exposição das capacidades técnicas do outro, a autopromoção fingida ou não, a ameaça de violência que não se concretiza. Na verdade era um jogo mimético no qual as fachadas dos outros eram desafiadas diretamente, enquanto o desafiante queria ganhar pontos para si (GOFFMAN, 2012, p. 30). “*Na moral, eu sou demais... Toquei uma bola do carai para Antônio e o otário jogou por cima*”, comentou um garoto (Diário de campo, 12/07/2012). Outro garoto, questionado em suas habilidades para driblar, afirmou: “*Eu sou zagueiro pai! Eu tenho que trabalhar a bola fácil. Eu não tenho aquelas frescurinhas de atacante*” (Diário de campo, 21/06/2012). Um dos garotos brincou sobre o estilo de jogar de um colega. Disse: “*é dizer: Pega! Quix quix quix quix (barulho de instigar cachorro) e ele ia lá no boy e fazia a falta (risinhos)*” (Diário de campo, 17/05/2012). Ouvi também uma brincadeira com um tom

de desafio “*Vou te marcar hoje. Vou botar pra fuder em tu. Vou botar tu na Policlínica...*” (Diário de campo, 17/08/2012). Um dos garotos falava, ou melhor, demonstrava a alguns colegas o que havia feito em um jogo de futebol de salão:

Em pé no solo, sob os olhares dos colegas, ele interpretou alguém que dominava uma bola na coxa, em um dos limites laterais da quadra, abafando a pelota com o peito do pé e dando aderência ao piso. Driblou, então, o marcador mais próximo jogando rapidamente a bola pelo espaçozinho que sobrara rente a linha lateral e deu um chutão (ele disse “*Tum!!!*”). Completou a descrição dizendo “*meu irmão, bicho, pense num gol da porra*”. (Diário de campo, 28/04/2012)

As esferas ideais, que segundo Goffman servem para os sujeitos zelarem suas fachadas, suas linhas de ação, eram desfeitas nesse trabalho coletivo (2012, p. 65). O mesmo tecido que era retirado da película que separava um indivíduo dos outros servia para coser a vida do “grupo fechado” que estava se formando ali. A violência simbólica e o companheirismo machista desses instantes aparentemente contrastavam com a lógica que se queria sóbria e racional vigente em outros instantes da preparação. Ao mesmo tempo, contudo, completava esses outros momentos. Os desafios de ordem moral que os garotos se faziam, além de estabelecer uma democracia mambembe fazendo com que os laços do grupo se reforçassem, os aqueciam “espiritualmente” para as exigências do treino, nos quais a cobrança, o envergonhamento, a negação direta e pública eram estratégias usadas pelos treinadores. Por isso, essa esperteza, vivacidade, disposição para tudo eram permitidas e até, em algum nível, estimuladas como uma autorização para a radicalização da informalidade que aliviava e preparava para o processo de treinamentos.

Em vários momentos observei os professores iniciando as pilherias ou participando delas como qualquer outro do grupo. Por exemplo, em uma ocasião Valter e Ney conversavam na frente do grupo de jogadores que se trocava na arquibancada. Valter dirigindo-se aos garotos falou: “*Lequinho arrumou uma nega aí dentro na favela (risos, risos de outros), se apaixonou... Agora ele vai tirar o queijo*” (Diário de campo, 28/04/2012). Um mote importante para essas intervenções, como já discutido, era a compleição física dos garotos:

Valter entra nesse universo carnavalesco. Um pouco antes do início do treino ele estava conversando com um garoto, depois virou para um de seus pupilos: “*Visse Lequinho, aquele pirrãia que chegou com o coroa aqui?*”. Depois disse com ar de admiração seguido de um risinho “*Porra, ele tem 17 anos...*”. Ney completou “*E ele chegou falando grosso (deixou a voz mais rouca) ‘meia-esquerda’*”. Referiam-se a magreza, ao porte físico acanhado do candidato a atleta do Inter (Diário de campo, 10/05/2012)

Na entrevista Ney evidenciou sua opinião sobre isso:

Existe uma pressão muito grande (...) então você tem que descontraír, soltar eles um pouco para que eles... Porque uns chegam ali (apontando para o campo), quando chegam no campo e vê a figura do treinador, já se borra ‘o professor vai chiar hoje. Olha a cara do professor’. Uns avaliam (parte não compreendida) se você tiver sério eles já não brincam. Se você estiver descontraído aí vem um e vem outro e brinca. Então eu acho que esse.... Que essa descontração é válida justamente por isso, porque eles estão em uma fase de indefinição. Porque desse grupo pode ser que dois ou três cheguem no profissional ou um ou dez ou nenhum.

Aquele que não participasse desses “rituais de contaminação”⁵³, que ficasse silencioso, parado, sofria uma reprimenda que, por contraste, mostrava a importância do padrão. Isso acontecia nos dias entediantes, nos dias chuvosos, quando o peso daquelas rotinas parecia maior. Por exemplo, em uma ocasião um dos garotos apareceu meio tristonho, silencioso em um canto e Valter, ao seu modo, expressou preocupação “*que cara é essa rapaz? Batesse punheta hoje não?*” (Diário de campo, 28/06/2012). O garoto respondeu que não tinha nada, que só estava calado. Ney, então, corroborou com Valter dizendo “*o que é que esse menino tem... Ele vai melhor logo, logo (sorriso). Vou te esquentar no treino*”. Em outro dia de observação Ortigoza comentou com um dos garotos que estava com dor de cabeça. O professor se aproximou e perguntou: “*o que é que tu tem?*”. Depois da resposta do garoto, Valter disse: “*abre as pernas que a cabeça entra! Isso é doença de jogador?!*” (Diário de campo, 31/07/2012). Notas de um dia chuvoso:

Ainda que não chovesse naquele instante, o tempo meio frio, com alguns ventos que farfalhavam a chuva-de-ouro, parecia deixar alguns garotos sonolentos, preguiçosos para os trabalhos que se seguiriam. Um cachorrinho da vizinhança, buscando calor, sentou-se colado ao meu corpo na arquibancada. Logo escorraçado. Tentando deixar os garotos na necessária disposição para o treino, Ney perguntou “*tem alguém com sono? Tô vendo gente quase dormindo...*”. Em outro momento ele se dirigiu a um garoto que estava calado: “*tá com sono? Deita aí e pode dormir porra!*”. O garoto respondeu “*eu não, eu não*”. Em outro momento Kelvin, parecendo querer fazer uma brincadeira com um colega, disse a Ney que o garoto estava com dor de cabeça. Ney falou: “*tá doente? Dor de cabeça? Significa que tu tá vivo!*”. (Diário de campo, 21/06/2012)

⁵³Goffman fala de um “sistema de toques simétrico” (2012, p. 77) que envolvia uma exageração dos rituais de apresentação, aqueles em que os indivíduos demonstram através de elogios, cumprimentos, convites, presentes, etc, que apreciam outrem. Aqui, uso a ideia de rituais de contaminação em uma direção parecida: são aqueles sinais expressivos que servem ao mesmo tempo para demonstrar apoio, reconhecimento, igualdade entre os garotos, mas ao mesmo tempo “contamina”, invade suas esferas ideais.

Essa facilidade de desenvolver uma sociabilidade livre, muito adequada às idades dos garotos, não era gratuita. A confiança no outro, a criatividade surgida, a calma surgidas nesses instantes deveriam também refletir em campo. Parecia haver uma afinidade entre algumas características apresentadas no bastidor com aquelas exigidas nas apresentações. Caso isso não ocorresse, a liberdade poderia ser usada como elemento de cobrança para que os jogadores se adequassem a uma imagem de jogador esperto, disponível, com presteza para o jogo, nas palavras de Valter, uma imagem de “jogador maloqueiro”. Em um dia de observação, Valter exigiu atenção dos garotos, solapando o burburinho que então era reinante e falou:

“Vocês são muito engraçados. Fora do campo é um conversado da bexiga, cheio de onda, mas dentro de campo nada... Nada. Todo mundo se cala, parece que comeram a língua... Quero ver maloqueiro de bola, maloqueiro dentro de campo, não fora de campo. Não pode ser calado! Moises, tu tem que orientar... Eu tô vendo os caras muito mais malandros do que vocês” (Diário de campo, 26/04/2012)

Vimos, portanto, como um tipo específico de sociabilidade de bastidor era animada na sombra da chuva-de-ouro, embora, como já enfatizado, não houvesse biombos que separassem o que os garotos faziam do exterior. Uma masculinidade juvenil, cheia de energia e lúdica, se desenrolava em vários momentos. Talvez, para mim, como observador, esses eram os momentos mais agradáveis de participar, pois me traziam uma nostalgia de uma existência que alguma medida eu havia experienciado em minha adolescência. Mas existe uma outra dimensão dessas relações de camaradagem, que também era atualizada ali: um machismo que colocava a outra categoria de referência como um polo oposto para afirmação de valores masculinos. É isso que discutiremos brevemente a seguir.

Cabras machos

O que se faz ali é um trabalho de “homem” executado por garotos. De fato, há um conjunto de valores e práticas que afirmam uma masculinidade juvenil. A imagem feminina aparece recorrentemente como um outro referencial importante, como contraste para os comportamentos dramatizados. Um dos conteúdos principais das conversas é a análise de características físicas de mulheres. Xinga-se as mães uns dos outros, chamando-as de “gostasas”. E, enquanto estão por ali pela arquibancada, os

garotos prestam atenção nas meninas da vizinhança, que viram conteúdo de suas afirmações machistas como “*é só chegar com uma moto, que pego*”(Diário de campo, 26/04/2012) ou “*elas moram ali visse... Ali perto... Aquilo ali é puta porra... Elas ficaram encarando eu e Diego*” (Diário de campo, 17/05/2012). Nota de um dia de observação na qual eu atentei mais para essa dimensão:

As mulheres também eram conteúdo das interações. Ortigoza contou um feito quase heroico “*bicho, tá ligado na dançarina de Shevchenko (cantor de brega, morador do Arruda). Eu tirei uma foto com a nega. Porra, bicha boa do caralho... Os boy ficou apostando que eu não tinha tirado*”. Em outro momento, quando duas garotas atravessaram o campo ali pela lateral, ambas usando roupas curtas e justas, monstro comentou “*Porra, a nega tá sem calcinha velho*”. Ortigoza, “*admirando*” as meninas, cutucou um companheiro e disse “*ei porra, olha para ali. A nega tá foda!*”. (Diário de campo, 21/06/2012)

E a rejeição demonstrada no modo como eles se referiam ao gênero feminino, também era apresentada em relação à homossexualidade. Havia uma categoria que foi requisitada algumas vezes durante as observações, funcionando como um polo de negação: “boneca”. Ou apenas se atribuía características negativas como moleza, frescura, que eram vinculadas ao homossexual. Essa caracterização também era usada nos chistes para fustigar os companheiros chamando-os de “frangos”, de “veados” para o riso da plateia e dos próprios “professores” que também participam desses momentos. Perguntava-se se o companheiro estaria “*comendo algum franguinho*”. Para desmoralizar um adversário se disse que “*Fábio gosta de dá beijinho né? Olha para isso... Vê só Lekinho*” (Diário de campo, 12/07/2012). Até alguns causos foram expostos durante aquele momento de sociabilidade:

Meu pai deu uma atolada da porra na cara dele (...) o frango tava me ligando e disse que ia me dar R\$ 800,00 contos para mim ficar com ele, né foda? (...) Meu pai foi lá para falar com ele na moral, meu pai é tranquilo. Mas o frango veio estarrar, aí meu pai deu-lhe”. Em outro instante um dos garotos tentou uma gozação com o outro “*Se tu tem um cachorro chamado Nabunda e vai atravessar um rio, tu deixa Nabunda ou leva Nabunda? (risos)*”. (Diário de campo, 31/05/2012)

Mas se em um nível ideal a representação feminina é importante como elemento de contraste. No cotidiano do clube, um ambiente de sociabilidade aberta, há uma esporádica presença feminina. Especialmente das mães e outras parentes que frequentam os treinos, demandando que os garotos constrangessem essas demonstrações de masculinidade:

Em outro instante os garotos comentavam sobre menina da escola que tava usando saia curta “*a nega tava toda assim (imita a garota)... A buceta dela parecia uma melancia!*”. Kelvin, devido

à presença de “uma dama”, recriou as brincadeiras dos garotos dizendo “*ei! Respeita (e fez um gesto mostrando a presença da “tia” ali)*”. (Diário de campo, 02/08/2012)

Assim as garotas, às vezes, hipersexualizadas que habitavam o lugar e passavam pela Rua Constança, que fica atrás da arquibancada da chuva-de-ouro, ou mesmo vagavam por ali por dentro da área do campo do Centro Social, forneciam imagens para afirmação de uma certa cultura masculina juvenil. Feminilidade negativada que também era transferida para características que se desviavam da dureza de caráter e presteza para a atividade que deveriam ser atualizadas quando do cotidiano dos treinos. Os erros e falhas de caráter eram punidos com expressões como coisa de “boneca” ou de “menininha”. E uma forma sutil de violência simbólica era atribuir essas designações aos companheiros durante os chistes. Isso contribuía para a edificação de uma autoimagem em que o estoicismo, a força moral e a afirmação pessoal, apesar de todas as dificuldades, eram os ingredientes principais. E havia uma tecnologia de disciplinamento (FOUCAULT, 2010, p. 144) bastante eficiente que contribuía para a atualização dessas características.

Disciplina

Na virtualidade da distancia guardada entre os grupos e na ausência de paredes e biombos, olhos e ouvidos ou impressão de olhos e ouvidos espalhavam-se por todos os lados: na beira ou dentro do campo, perscrutando seus movimentos, dentro da sombra, na arquibancada. E a qualquer momento os desvios dos garotos eram apontados, deletados ou interpelados diretamente pelos seus professores. Aplicavam-se corretivos duríssimos “em público” que possuíam uma estrutura ritual discernível e cujo objetivo era moldar os comportamentos dos garotos de acordo com as definições que vigoravam em Campina. Nesses instantes, os faltosos tinham a obrigação de acomodar-se as estratégias de reparação de suas condutas desculpando-se em seu constrangimento ou demonstrando firmeza quando do “esporro”.

Embora não houvesse “prontuários”, nem mãos específicas que os preenchessem, esse aparelho coercitivo era atualizado através de um acompanhamento informal e

contínuo de suas performances no cotidiano da instituição. Havia, em certo nível, uma violação das regras de privacidade e separação tal como ocorria em instituições "fechadas". E na ausência de protocolos de acompanhamento, qualquer elemento do curso de atividade dos garotos em Campina podia ser medido, pesado, avaliado. Apontava-se desde erros de performance dentro de campo até os elementos de obrigação moral e disciplina dramatúrgica.

Um incidente narrado por Valter pode nos ajudar a visualizar esse sistema a partir do que Goffman chamou de "intercâmbio" (GOFFMAN, 2012, p. 26). Começou com o "desafio", no qual Valter chamou a atenção para a falta de circunspeção que um dos garotos demonstrou na corrida de aquecimento: iniciou conversas e brincadeiras com companheiros. Seguiu-se com a "oferta", oportunidade de correção da ofensa e de reestabelecimento da ordem expressiva. Contudo, ao invés de admitir o erro com presença de espírito ou envergonhar-se, o garoto rejeitou-a, questionando o modo como foi apresentada, pedindo para o professor "*falar baixo*". A sequência foi um reforço de tom na reprimenda: o professor respondeu "*falar baixo um caralho!*". E apesar de Valter apontar para outros a responsabilidade do ato ("*Ney e Claudemir tão muito moles com eles*"), sinalizando assim uma possibilidade de "perdão" do garoto, nos dias seguintes e no resto da observação tal garoto não apareceu mais em Campina (Diário de campo, 07/08/2012).

Em outra ocasião, um acontecimento interessante se passou com outro jogador. Ele havia chegado na hora certa, mas não participou do processo de vestir a fantasia para o treino que se seguiria. Em um instante Valter se aproximou do grande grupo e com um tom duro, de reprovação, entabulou uma conversa pública com o garoto. Disse: "*Monstro que história é essa... tu tá com hérnia nada. Deixa de mentira! Né foda... Joilson tá com hérnia, tu tá também?!*". Esse desafio direto a definição que o garoto procurava manter foi recebido com algum envergonhamento, suas palavras saíram um pouco entrecortadas e a audiência formada por seus colegas permaneceu atenta, séria. O jogador tratou de responder do jeito que pode. "*Não... Não. Se eu quisesse sair eu não tinha nem vindo. Amanhã vou confirmar lá... Vou confirmar se to com hérnia de disco*

mesmo”. Valter retrucou “*tu tem que ficar inscrito. A competição é até dezembro*”!⁵⁴. (Diário de campo, 02/08/2012).

Vejam os outros exemplos. Em uma ocasião Valter participava da atmosfera carnavalesca, que guiava grande parte do tempo pré-treino. Contudo, em um instante o seu discurso adquiriu um tom mais sisudo e, apesar de falar-se dirigindo a todo o grupo, ele elegeu um garoto como alvo de suas críticas, como para corporificar um exemplo de comportamento inadequado. Improriedade que não deveria ser seguida:

*(...) Vê só... O cara quer ir para um clube... Dois dias apenas de treinamento, dois dias... E ele falta um! (...) Tá pensando que Ronaldo Fenômeno já nasceu rico? Romário pulava a catraca do ônibus para ir para o treino. Ronaldo se virava para pegar o metrô. Os caras aqui ficam com essa frescura, dizendo que não tem passagem. Não tem passagem pede... Chega lá pede a alguém. Explica o cara a situação que tenho certeza que ele vai deixar passar... Agora para fumar um baseado e ia para um piquenique ninguém tem vergonha. Seguiu, centrando fogo no alvo específico: “Lequinho mesmo... **Lequinho** vi tu dia desses ali no Bar da Bica. Aí vem e me diz que não tem dinheiro (...) Esses caras são muito engraçados... Aí eles veem um colega se dando bem, subindo e vem dizendo logo ‘foi peixada, foi peixada’ (...)” (Diário de campo, 10/05/2012)*

O envergonhar-se parecia central nesse processo. Em um artigo interessante sobre os processos de constrangimento (2012, p. 95), Goffman afirmou que cada situação social possui seus pressupostos sobre a habilidade, domínio físico, a forma de apresentação, etc. Quando ocorre alguma contingência ou falha pessoal, o sujeito não consegue atualizar as expectativas morais e sente-se envergonhado. A vergonha em si, seus sinais visíveis, é uma forma do ator demonstrar que está sintonizado com as regras que devem ser seguidas e que deseja participar de uma forma mais eficaz na interação social. Tese que se coaduna com a revisão que Goudsblom (2008, p. 22) fez da teoria de Norbert Elias no que se refere à vergonha. Segundo ele a vergonha tem a função de demonstrar que os laços de solidariedade e hierarquia foram corroídos por algo e a face visível da vergonha é um tributo pago à ordem cerimonial vigente.

A eficácia desse mecanismo que pairava sobre Campina residia também no fato de ser “difuso”. Não eram apenas os professores que executavam esses processos de

⁵⁴Referência ao **O Campeonato Pernambucano Aberto de Futebol Infantil e Juvenil**, disputado sob a organização da [Federação Pernambucana de Futebol](http://www.fpf-pe.com.br/pdfs/abertura_aberto_2011.pdf), é uma competição que reúne não apenas os clubes de futebol filiados à FPF, mas também colégios, comunidades e clubes amadores. Em sua XV edição, em 2011, Reunia 120 equipes (60 categoria Infantil / 60 categoria Juvenil), somando 3.600 atletas (1.800 Cat. Infantil / 1.800 Cat. Juvenil). É a principal competição do Inter de Campina, para qual as outras são preparação. Infelizmente pela falta de tempo, não acompanhei. Disponível em: <http://www.fpf-pe.com.br/pdfs/abertura_aberto_2011.pdf> Acessado em: 29/12/2011, às 16:13:20.

correção. Os pais e agregados, apesar de em vários momentos formarem um grupo fechado em suas discussões paralelas e terem a tendência de respeitar os trabalhos que se desenrolavam, também tinham sua função nesse processo. Não era raro ver algum dos garotos se tornarem o centro da atenção desse grupo e sua performance boa ou ruim ser julgada. Testemunhei um exemplo bastante interessante. Soube que um dos garotos havia saído de um jogo no fim de semana anterior, alegando que estava doente, com cólicas intestinais. E como isso era um sintoma de que o garoto havia “amarelado”, algo muito ruim para o universo do futebol, ele foi submetido a um escrutínio público que, apesar de sua suavidade, não deixava de ser edificante:

(...) Em outro momento esse mesmo homem ao avistar um jogador do Inter disse “*eu conheço um bocado de caras assim que dá dor de barriga quando o negócio aperta!*”. O garoto do Inter disse “*Foi não! Foi a pizza que eu comi*”. O diretor do Inter entrou na brincadeira e disse “*bora ver se isso vai dar de novo...*” e completou segurando no ombro do garoto, “*meu velho eu já joguei com dor de barriga. É foda... O cara tem que aguentar. Eu conheci um cara que se mijava todinho quando tinha alguma coisa grande*”. (risos de todos). O jogador tentou se explicar “*Painho disse isso também, mas não amarelei não. Foi a pizza da sexta*” (Diário de campo, 29/05/2012)

Em um dia, durante a corrida de aquecimento ao redor do campo, um dos pais, notando a artimanha de um dos garotos do infantil, chamou Valter onde estava e disse “*Valter Bota aquele espertinho para correr...*” (Diário de campo, 19/04/2012). Referia-se ao fato de que um garoto descansava na sombra de uma árvore do outro lado do campo, imaginando que estivesse escondido. Valter, então, entrou alguns passos dentro do campo e gritou pelo o garoto. Este inicialmente parecia não ter escutado, mas no terceiro grito, saiu da sombra e se reinseriu no grupo de corredores, ainda ouvindo alguns improperios de Valter “*esses caras são foda! Fica dando migué... Tu vai se ferrar visse!*”. A ameaça se referia a um possível aumento na carga de treinos. Em outra ocasião um pai expressou assim, ao se modo, como ele concebia esse sistema de correção e como orientava seu filho a se adaptar:

“*digo a ele... tu tem que se adaptar no ritmo de lá. Não é mole não. Tem que botar para fuder (...)* ele na, na praia, começou a andar (na corrida). Eu disse, se ligue... Se ligue que ele pode dar uma sacada... **Dar uma butada em você. Ele não tá olhando, mas tá vendo**”. (Diário de campo, 07/08/2012)

E se, como vimos, a característica principal da sociabilidade pré-treino é a informalidade e o espírito lúdico, com os desafios não sendo levados muito a sério, às

vezes, essa chave da interação social era mudada. Surgiam conversas mais sérias que punham em circulação essas informações ruins e constrangimentos. Isso foi visível em um dia em que um dos garotos da equipe Juvenil fora observar o treino dos garotos do Infantil. Ao terminar a primeira etapa do treino coletivo a conversa que ocorreu se concentrou no modo intranquilo que um dos garotos estava apresentando em campo. O garoto falou: *“Vocês tão carregando muito a bola. Vai ver o treino da manha... Se passar mais de 5 segundo com ela chega logo um e dá logo uma rapada”*. Depois, se dirigiu especificamente a um garoto, dizendo *“tu tá muito nervoso... (olhou para os outros garotos) o bicho é bom que só, mas não sei por que tu tas ficando nervoso. Tem calma porra!”*. Um outro comentou: *“A gente é tudo amigo aqui...”* (Diário de campo, 28/04/2012).

As imagens de eu, a imagem de dignidade pessoal que os garotos animavam, sofria, nesse contexto, uma correção constante. Isso fazia com que se vissem como sujeitos ainda incompletos, com um grande caminho a percorrer, pois “não eram nada ainda”. Impossível manter qualquer “orgulho”, “soberba”, pois a qualquer momento, vindo de qualquer lado, o garoto podia sofrer um revés e ter essa ideia questionada, com o ônus de grande sofrimento. Para, quem sabe, ser bem sucedido é preciso humildade e perseverança. E as histórias boas e ruins de garotos que, como eles, tentaram a sorte nessa atividade estavam sempre à mão para exemplificar o que deveria ser feito ou, ao contrário, completamente evitado.

Histórias

A incerteza que rondava todo aquele processo, como um animal a espreita querendo dar o bote e dissolver um possível curso de vida, se mantinha longe, distante, latente, a maior parte do tempo. Mostrava seu rosto em chistes, mas logo se encobria de ludicidade. Estava no espelho de palavras diante de um corpo “pequeno”, magricelo, em um imprevisível processo de desenvolvimento, mas evaporava-se em um instante. Localizava-se, especialmente, na mentalidade do pesquisador, o *cínico-mor*, dentro e fora da trupe, que procurava desvelar tacitamente seus segredos. Contudo, qualquer dúvida manifesta a respeito da frágil tentativa cotidiana de coser e recoser uma

existência poderia jogar os atores em um estado de meditação que os afastaria da disposição necessária para o jogo, para a vida. Era preciso rir, falar, brincar, correr, treinar, jogar. O pessimismo era sinal de fraqueza de caráter e de pouca fé em Deus, de pouca perseverança na vocação escolhida.

Contudo, havia instantes em que a assembleia penetrava em discussões graves em que a dúvida era chamada, esticada, pincelada em cores fortes. Atores que já passaram pelo campo deixaram rastros quase indeléveis fixados na memória coletiva daqueles que habitam o universo do futebol e que pairavam como sombras sobre o campo⁵⁵. Era como se a instituição possuísse um estoque de conhecimentos sobre o comportamento ritualístico não aceitável, especialmente daqueles que ali, em um nível talvez maior de desafios a moralidade vigente, deixaram uma “má fama”⁵⁶ evocada esporadicamente. Seus atos desviantes não eram mais exemplos a serem rejeitados como os que vimos, mas *exemplares* do que se devia evitar. Eram “estigmas” que tinham um poder no círculo social específico e possivelmente na comunidade dos atores.

A dramatização desses “causos ruins” parecia ter uma estrutura discernível. A propósito de uma discussão qualquer, os mais “velhos” roubavam para si o papel de oradores legítimos e, em um tempo que se estendia um pouco mais do que as frases rápidas características da sociabilidade pré-treino, eles narravam suas histórias. Embora o campo seguisse sua vida agitada de barulhos, os olhos e ouvidos mais próximos eram transportados para essa outra vida que a fala instaurava. Deveriam ser transportados e viver por alguns instantes uma vida que, para seu pesar, não tivera um final feliz.

Uma ocasião pode exemplificar isso. Durante as interações debaixo do pé de chuva-de-ouro, Valter abandonou a desatenção e, abordando o problema de atrasos de alguns de seus pupilos, disse:

Os caras pensam que a vida é fácil. Lequinho mora ali e chega atrasado. Tem outros que meia noite estão por aí (apontando para um lado do bairro) na rua... Vê Mikelo. O cara tava comigo lá no Sport, foi até para Santa Catarina, mas voltou, por quê? Por causa de bebedeira e mulher!

⁵⁵Segundo Goffman toda vez que “um indivíduo entra em uma instituição ou numa comunidade, ocorre, mudança na estrutura do conhecimento sobre ele – sua distribuição e caráter – e, portanto, mudança nas contingências de controle de informação” (1988, p. 78)

⁵⁶Goffman usa o termo fama para se refere “ao círculo amplo de pessoas que tem informações sobre o indivíduo sem conhecê-lo pessoalmente” (1988, p. 79). Aqui, contudo, eu uso no sentido mais abrangente da informação sobre a existência social do indivíduo que permanece no lugar mesmo depois de não estar mais presente. Especialmente a “má reputação ou infâmia (...) tem a função de controle social” (1988, p.81).

*Agora tá aí fudido com um filho e se lascando numa distribuidora (de bebidas). **Ele passa de cabeça baixa.** Por quê? Porque não ouviu o que eu falava. (Diário de campo, 10/05/2012)*

A dimensão da vida do indivíduo que sofreu uma mácula foi a “moral”, ou seja, o ator deixou de cumprir os supremos valores defendidos pela entidade, no caso, o respeito à hierarquia, a acuidade, a tenacidade. Deixou, assim, de participar do clube dos “aptos”, dos “normais”. Essa má fama, a partir de poucas características que Valter, o *portador da moralidade e da memória*, relacionou como dignas de nota, possuía um caráter pedagógico direcionado especificamente a um garoto, mas que foi ouvida por muitos outros. A imagem de derrota que um ator cabisbaixo, ganhando a vida em um trabalho precário, com esposa e filhos para sustentar, tem o poder de reverberar na cabeça dos jogadores, deixando-os acesos, atentos para o que se deve evitar para não ter a mesma sina. Essas histórias ruins eram como espelhos embaçados que refletiam uma imagem grotesca, mas que ajudava a reforçar os laços do grupo.

Em outro instante, eu estava conversando com Valter e alguns garotos. Valter, notando a ausência de um de seus pupilos começou a falar sobre os que se “desviavam”:

*É porque os caras são foda... Tem um menino, Negão. Nereu quando tava no Sport subiu ele direto para o profissional. Mas a mãe lascou ele... Foi inventar de arrumar um empresário. O cara levou ele para o Náutico. Ficou 5 meses sem receber. Tirou ele... Brigou com o empresário e levou ele para o Rio de Janeiro.... **Hoje tá fudido, tá velho já!**” (Diário de campo, 28/06/2012)*

Mas não só o campo serve para o compartilhamento desses casos. Em um dia encontrei o preparador de goleiros no ônibus. Cumprimentamo-nos brevemente e durante todo o trajeto ele seguiu falando com um garoto. A certa altura sua fala se referiu a um conhecido deles que estava jogando nos Juniores do Central de Caruaru. Depois de sofrer uma lesão na perna e ter que engessá-la, tal jogador não respeitou o tempo de recuperação: *“bicho doido da porra, tirou o negócio em casa”*, disse o “preparador”. Pior: além de fazer isso inventou de pegar uma moto e sair para beber. O resultado foi um acidente que afetou a sua perna já contundida. Essa “irresponsabilidade” poderia custar a permanência no grupo de atletas no rubro negro caruaruense e talvez a própria carreira do jogador (Diário de campo, 19/05/2012).

Os pais também eram guardiões das tradições corretas do futebol e conscientes do tipo de existência que não se coadunava com a exigida. Também tinham muitas histórias pra contar. Suas conversas, ali na arquibancada, falavam sobre os garotos que eram promessas, analisando as qualidades técnicas. Comentavam as dificuldades da carreira de jogador como as constantes lesões ou a “moleza” de alguns jogadores que buscam fugir da dura rotina de treinamentos e jogos. A respeito desse fato, em uma ocasião, se detiveram na história de uma “promessa” do Juniores do Santa Cruz, atacante “*bom, driblava bem e tinha um chute!*”, mas que em vez de se “*poupar*”, aproveitava o Domingo para “*bater pelada e beber cachaça no Pascoal (bairro do Recife)*”, chegando tarde aos treinos da segunda. Um deles falou “*escolheu o caminho errado, acabou desistindo da carreira*” (Diário de campo, 26/04/2012).

Se os fatos ruins se tornavam de domínio público e eram evocados, também notei a narração de uma história boa. E para além de louvar o personagem dessa história, tal fala servia também para mostrar quais os tipos de comportamento eram necessários para o sucesso no métier. Novamente quem falava era Valter:

Até hoje Vitinho tá lá no Sport. Ele vinha de bicicleta não sei de onde. Às vezes, chegava e dizia 'professor to sem dinheiro'. Aí eu dava um dinheiro para passagem, porque ele era um menino esforçado. Papai do céu vê tudo, tudo. Os caras pensam que a vida é fácil. (Diário de campo, 10/05/2012)

Fica claro, assim, o conjunto vasto de imagens, de valores e regras que eram atualizadas ou, como dito, o “jogo de sombras” que ocorria nas arquibancadas da Rua Constança. E apesar da compartimentalização em tópicos e da análise mais detida, na verdade havia uma sobreposição de sentidos, uma rápida passagem de um elemento para o outro. Os garotos, desde a “entrada” na sombra, se viam arrastados para um universo que, guiado pelo objetivo de torná-los aptos para o futebol profissional, oferecia atividades específicas e uma imagem de “eu” específico. O que tentei fazer foi dar alguma noção de conjunto a um fluxo diverso e móvel de sinais expressivos existentes naqueles rituais pré-treino. O próximo capítulo irá tratar de outros elementos, das ocasiões de fala, e alguns elementos de uma linguagem corporal, que ajudaram a visualização desse complexo mosaico.

Capítulo IV

Dentro de campo

Como observamos, grande parte dos rituais pré-treinos são caracterizados por uma vibração intranquila. Uma infinidade de estímulos são criados e recriados difusamente, exigindo elasticidade cognitiva e autocontrole para que os garotos atuem em unissonância com essas várias notas do lugar. E dessa “ebulição” que ocorria debaixo da sombra da chuva-de-ouro poderiam participar todos os pais que frequentavam o treino e ficam por perto fazendo intervenções pontuais, os próprios treinadores que participam (ou não) da dinâmica de bastidor daqueles instantes e mesmo elementos da vizinhança que por ali perambulavam. Não obstante vermos a atuação de regras bastante discerníveis nesses rituais, às vezes, havia a sensação de uma desordem e caos no trabalho que se realizava. Mas as aparências não enganavam, o que se fazia ali era um trabalho sério, ainda que de caráter difuso.

Os jovens observados, garotos da categoria Infantil, sub 14 e sub 15, do Internacional de Campina, reuniam-se no começo das tardes das terças e quintas-feiras para os treinos técnicos e táticos, além dos treinos físicos realizados na praia na segunda e dos jogos sempre realizados no sábado ou no domingo do vindouro fim de semana. E, retirando os 20 ou 30 minutos iniciais retratados no capítulo anterior, eles, coletivamente, gastavam parte do seu tempo e energia se adestrando e absorvendo as práticas mais estritamente futebolistas, que envolviam a ritualização através de outros sinais. Desse processo de racionalização no qual se media a performance, cronometrava-se, cobrava-se individual e coletivamente, participam um pequeno grupo de “profissionais”: O treinador Ney⁵⁷, responsável direto por essa categoria; Valter que o ajudava esporadicamente; um preparador de goleiros, Rafael; e um estudante de educação física, Givanilson que ajudava e “pegava experiência” no Internacional.

Nesse capítulo, portanto, esqueceremos um pouco os elementos externos que “contaminavam” aquela instituição informal e nos atentaremos a três momentos em que

⁵⁷Ney Eloi, assim como Valter, é um ex-jogador de futebol. Diferentemente do segundo, Ney conseguiu um diploma de treinador de futebol e chegou a treinar clubes profissionais com um relativo sucesso. Seus principais feitos como treinador são ter sido campeão estadual pelo Fortaleza e o Icasa. Em Pernambuco trabalhou na comissão técnica do Sport de 1987. Como preparador físico pelo Juniores do Náutico foi campeão em 1989. Me falou que tinha parado um tempo com o futebol, mas que decidira retornar para ajudar Valter. Ele disse que aquilo para ele era “uma terapia” *“fico feliz quando volto para casa”*. Além de campina, na época da pesquisa ele trabalhava em uma escola como professor de Educação Física.

processos de ajustamento primário⁵⁸ se concentravam, justificando e dando sentido aquele universo. Inicialmente, ainda na sombra da árvore, nos ateremos as “preleções”, instantes em que o professor discursava para os aprendizes. Veremos como esse engajamento conversacional reforçava e atualizava uma “pedagogia do excesso”. Depois sairemos finalmente para o sol. Daremos voltas ao redor do campo com os garotos, buscando captar a luta entre o que deveriam fazer com seus corpos com aquilo que de fato cinicamente⁵⁹ faziam. Por fim, acompanharemos treinos nos quais um sistema de punição e recompensa era atualizado.

Focando

Segundo Goffman um encontro conversacional bem sucedido transporta seus participantes para um mundo diferente (2012, p. 110). Instaura uma *unio mystico* cujos elementos básicos são as palavras que emergem ininterruptas, de uma fonte central, de fontes alternadas, símbolos partilhadas por aqueles que integram o grupo. Assim, quando por intermédio de um giro de corpo, um olhar direto para o grupo, quando anteriormente se estava alheio ao que se passava, ou mesmo um “*ei bora*” ou “*um presta atenção aqui*”, os “professores” acenavam com uma passagem para uma dimensão diferente do processo interativo que se desenrolava ali na sombra da chuva-de-ouro. O barulho do burburinho dos pais e agregados, a brincadeira inquieta, os meninos do bairro que brigavam ou fingiam brigar, o próprio campo com tudo o que há nele, e, como vimos, há muita coisa, tudo deveria se afastar, ainda que se permanecesse no mesmo espaço físico.

Os meninos dispersos aproximavam-se. Agregavam-se a um ajuntamento já esboçado na arquibancada. Os que já por ali estavam, silenciavam suas algazarras e

⁵⁸Goffman afirma que um ajustamento primário em relação à organização ocorre “quando um indivíduo contribui cooperativamente com a atividade exigida por uma organização e sob condições exigidas (...) se transforma num colaborador, torna-se o participante normal. Ele dá e recebe, com o espírito desejado, o que foi sistematicamente planejado, independente do fato de isto exigir muito ou pouco de si.” (2010a, p. 160)

⁵⁹Sobre o ator cínico Goffman afirma: “ao executante pode ser levado a dirigir a convicção de seu público apenas como um meio para outros fins, não tendo interesse final na ideia que fazem dele ou da situação. Quando o indivíduo não crê em sua própria atuação e não se interessa em última análise pelo que o público acredita, podemos chamá-lo de cínico, reservando o termo sincero para os que acreditam na impressão criada por sua representação” (2012, p. 110).

recondicionavam seus movimentos: não levantavam e sentavam de acordo com seu interesse, não esticavam os braços para dar tapas ou piparotes, não viravam o rosto para direita, para esquerda de forma muito exagerada, não emitiam ruídos, não falavam. Eles se sentavam calados. Assentavam em uma fachada de indivíduos sérios e disponíveis para uma etapa importantíssima do trabalho⁶⁰. Admitia-se um olhar perdido como de um sujeito que reverberava uma revelação importante. Admitia-se mexer na meia, na chuteira, alisar o calção, demonstrações de engajamento marginais, distrações visíveis e aceitáveis quando os sujeitos estão muito imersos em um foco central da interação. A postura correta, contudo, era olhar para o centro. Ali que estava o orador.

O professor não mais ria, não mais estava em outro lugar conversando com outras pessoas, não mais dialogava. Em pé, monologava, ou melhor, lançava suas palavras importantíssimas para ouvidos que deveriam ser atentos. Nesses instantes, o tom de voz de Ney era constante, as palavras bem claras, falava com a serenidade de quem sabia o que estava dizendo. E as sentenças, às vezes, eram acompanhadas com movimentos contidos com uma das mãos. Ou ele colocava as duas mãos, uma segurando a outra na frente do corpo, numa postura de pároco. Em alguns momentos de questionamento, ele duvidava com os dois braços abertos, duvidava com um leve desafio de tronco, de rosto que se erguia. Em momentos de tensão elevada, de desafio aberto, seu corpo poderia pender levemente pra frente com uma das mãos parada no ar com o indicador levemente erguido como que para dar mais peso ao que dizia. Ou seus gestos se agitavam, velozes, rápidos certos⁶¹.

Ainda que o discurso não fosse ordenado, havia uma ordem no que se dizia. Guiava-os, através de caminhos tortuosos, para “*daqui a 3, 4,5 anos (...) alcançar o seu lugar.... na nata.*” (Diário de campo, 28/04/2012), em um dos “*clubes*”. Lugares onde eles seriam “*reconhecidos*”, categoria que poderia se referir tanto ao conhecimento público quanto ao reconhecimento simbólico através de outros recursos. Reconhecidos como os conhecidos Caça-rato e Moacir, porque “*quando dá certo tudo é muito bom*”. Apontava-se, assim, para uma hierarquia em que o futebol grande, com seus estádios

⁶⁰“Através da ordem cerimonial que é mantida por um sistema de etiqueta, a capacidade do indivíduo de ser levado por uma conversa se torna socializada, assumindo uma carga de valor ritual e função social” (GOFFMAN, 2012, p. 111)

⁶¹Sobre a dramatização da autoridade Goffman afirma que “qualquer tipo de poder deve estar revestido de meios eficientes que o exibam, e terá diferentes efeitos, dependendo do modo como é dramatizado” (2009, p. 219)

lotados, imprensa esportiva e recursos diversos, seria o estágio final. E ali, em Campina, no campo que estava a sua frente, apenas uma inicial etapa até essa meta derradeira. Era uma imagem que dizia que eles eram da mesma substância que aqueles jogadores revelados pelo Internacional pelas mãos de Valter. Eles também eram garotos “bons”, de “qualidade”, se assim não fosse os professores os aconselhariam a participar de outro universo.

E o futuro deveria ser construído com uma determinação presente e uma disposição para acatar tudo o que os professores diziam, pois tudo o que diziam era alegadamente para o “bem” dos garotos. Na corte do futebol os treinadores são reis, pois podem ser determinantes no sucesso ou não da empreitada a que os garotos se expõem. Portanto, deveriam ouvir todas as orientações táticas e técnicas com atenção, pois era no campo que eles provariam serem adequados ou não. Na conversa, havia a exposição das falhas individuais, das quedas de performances, exposição pública, diga-se de passagem, exposição que todos deviam sentir, pois todos passariam em um momento outro. Era preciso que os garotos tivessem um nível de reflexividade constante a respeito do modo como jogavam e o modo que os outros individualmente ou coletivamente jogavam. Era preciso estar sempre disponíveis às críticas e ouvi-las, ali, no engajamento conversacional, com retidão, com sangue-frio. A soberba nunca era justificada, pois não eram nada ainda e nem sabiam se seriam algum dia.

Era preciso transcender-se sempre, buscar a perfeição, extrair o máximo de si e aguardar com fé, pois os desafios eram muitos. Em um nível imediato havia uma competição interna que poderia resultar no banco de reserva, no esquecimento do “professor”. Por isso, eles tinham que ser fortes, ter “perseverança”, no sentido de ter firmeza diante dos desafios e frustrações da vida. E trabalhar, frequentar os treinos pontualmente, treinar com afinco, ouvir tudo até as duras reprimendas com sangue-frio, e continuar trabalhando, desejando ganhar, sendo forte. E mesmo que isso não garantisse o sucesso, no entanto, tinham que ter fé que *“Deus dava a quem merecia”* (Diário de campo, 12/07/2012). Tais discursos pareciam encerrar uma “teologia” que queria abarcar toda a vida dos garotos, tornando seus atos sinais visíveis, ainda que não garantidos, do possível sucesso no campo específico. Isso requeria uma motivação psíquica elevada.

Para isso, era preciso ter “*foco*”, condicionar sua energia cognitiva, seus pensamentos, sua existência para o resultado e a performance imediata, o que se relaciona diretamente com o possível sucesso na carreira de booleiro. Os garotos deveriam “*mentalizar sábado (jogo)*”, “*botar na cabeça*” o que queriam, se organizar, se planejar, “*ter objetivo na vida*” (Diário de campo, 17/05/2012). É um discurso que se quer total, que quer penetrar na vida toda do sujeito. É difícil prever quais os efeitos desse processo de concentração temporal no que se refere ao desenvolvimento das estruturas das personalidades, com o aperfeiçoamento de um “talento em desenvolvimento”. Mas parece ser claro, que desde uma etapa tão inicial quanto a que procuramos retratar aqui, ao indivíduo que se entrega a tal prática é exigido grande quantidade de energia⁶².

E mesmo quando não há nada que possa suscitar esse enredo cheio de imagens, cria-se um factóide que permite uma nova rodada na conversa cotidiana. Ney afirmou na entrevista:

Às vezes na resenha na preleção não tem nada para conversar, mas você foca em cima deles aí você vê um vacilo deles em uma palavra, uma conversa, uma brincadeira aí você pega e encaixa a... O que eu quero falar com eles, às vezes, encaixa naquilo que eu peguei né, que eu pesquei com eles e começa a soltar. Quando chega... E é uma fase que você tem que conversar. Se é no profissional você tem que conversar. O atleta profissional não é muito diferente daqui não. É muito pouco diferente do que a gente vê aqui. A diferença é que eles ganham bem para trabalhar, os meninos não ganham. Mas a conversação é a mesma. Lá também tem um bocado de menino... Menino homem grande. E aqui tem um bocado de homens grandes meninos. Então a gente procura a conversa para... Conversando ali, tá alisando aqui para se encaixarem.

Trata-se aqui também de outro tipo de “foco”: é preciso ter foco visual no encontro conversacional⁶³. O universo ao redor, contudo, às vezes emitia estímulos ou iniciava processos que invadiam o grupo e desviavam a atenção dos garotos. Um garoto passando correndo, um movimento diferente em algum canto da arquibancada, uma moto com um barulho diferente, podiam provocar desatenção. Sem falar em algumas

⁶²Elias tratou desse processo de “focalização” em uma atividade específica quando escreveu sobre Mozart, afirmou: “Mozart visivelmente se focalizou na execução e composição de peças musicais. Suas energias foram concentradas, desde muito cedo, em processos específicos de sublimação, em expandir áreas especializadas da consciência e de conhecimento, que ampliaram o fluxo de fantasias instintivas” (1995, p. 83).

⁶³“tendemos a manter e legitimar um único foco de pensamento e atenção visual, e um único fluxo de fala, como sendo oficialmente representativo do encontro” (GOFFMAN, 2012, p. 40); “esteja ele com um envolvimento intenso que não é perturbado facilmente ou com um envolvimento leve (...) o tópico da conversa pode formar o principal foco de sua atenção visual” (GOFFMAN, 2012, p. 110).

conversas paralelas que surgiam, quase inaudíveis no ajuntamento, mas que, contudo, não passavam despercebidas pelo professor. E Ney fazia questão de aparar os desvios, reconduzindo os garotos ao universo que ele pintava com traços dramáticos. Havia uma representação da decepção: o “agressor” era identificado; havia um desafio a esse desvio com Ney questionando-o diretamente, dizendo coisas como “*presta atenção aí, que eu não vou falar mais não Caio*” (Diário de campo, 12/07/2012) ou “*Galo, a resenha é aí?*” (Diário de campo, 21/06/2012). Poderia haver alteração de voz, braços cruzados, etc; era dada, então, a chance e o garoto se reajustava.

Em uma ocasião (Diário de campo, 17/07/2012) a desatenção provocou uma dramática ruptura na interação. O grupo havia se formado ali, na sombra da Chuva-de-ouro, e Ney tratou de eliminar os últimos vestígios da participação dos garotos em outras dimensões do campo. Nesse instante, estava ocorrendo o treino da “escolhinha” e alguns garotos prestavam atenção e faziam comentários sobre o jogo. Ney, em pé nas margens do campo, de frente para os garotos e de costas para o campo, abriu os braços e disse “*Ei! Esquece lá... Ou vão ter que virar para cá (de costas para o campo) e ficar em pé*”. Continuou com uma ameaça “*Se eu pegar um olhando para lá, tá fora do jogo, tiro do treino logo hoje...*”. Iniciou, então, a preleção:

Oia... Amanhã tem um jogo que é... Clássico do bairro que a gente... Pelas duas campanhas, se a gente for analisar, nossa campanha, um empate, 7 pontos. E a deles: 3 jogos, 3 derrotas. Aí meu time vai entrar igual a entrou no jogo passado... Aquele jogo que a babinha também tomou de 7, de 5. Aí a gente entra para ganhar de 1 a 0 e tem que colocar Monstro e Pikachu para resolver a parada. Tá faltando alguma coisa em vocês. Tá faltando alguma coisa no grupo. Tá faltando alguma coisa no pensamento... Da equipe, a parte coletiva. E... Não é fácil não. Não é fácil não. A gente tem que se programar, se planejar para fazer um trabalho nas competições. A competição mais importante é o Estadual. Que essa que é o... O fim da goiabinha. Um... A gente perdeu... A gente tá perdendo a oportunidade de se aprimorar na Copa Olinda... De pegar conjunto, de pegar ritmo de competição... Por que quando a gente chega no Pernambucano, nos vamos chegar igual com o Náutico, com o Sport, com o Santa Cruz e outros que vem trabalhando nesse mesmo ritmo. E a gente fica triste porque a gente vê dois laterais novos como seu Jonas e seu Wagner. Jonas nem tanto, porque Jonas já tem a... Jonas parece que já sabe o posicionamento... (parte não compreendida) joga tudinho em cima de Wagner. Tanto que hoje eu já estava com o pensamento de começar a mudar, testar uma nova formação de zaga, uma nova formação de meio de campo (parte não compreendida). E... Infelizmente os irmãos açúcar não vieram. Aí eu tive que continuar com o grupo que veio, que é o grupo de amanhã. Mas o meu questionamento com Wagner o que é? Que Wagner tá querendo resolver as coisas por todo mundo e tá esquecendo de resolver por ele. A liberdade que é dada para Wagner trabalhar, se posicionar dentro de campo, ele pode trabalhar na diagonal, pode na paralela, pode entrar... Trabalhar por dentro. Mas que essa volta ele tenha a colocação dele. Na parte ofensiva ele tá indo do jeito que é para fazer, agora na parte defensiva ele tá querendo resolver por todo mundo e às vezes não resolve por ninguém, nem por ele mesmo. Então tem que melhorar essa condição... Por quê? Porque acho que já tem bem na cabeça de vocês que nós estamos trabalhando com dois esquemas com variação para dois: O 3-5-2 que nos vamos trabalhar em cima da RPA, na Copa dos Campeões e o 4-4-2 com variação para o 4-4-1 na copa Olinda. E eu vou definir qual sistema nos vamos usar no Pernambucano. O tempo que a gente

achava que era longo, já está diminuindo e o progresso de vocês em relação a... Esses elementos que eu estava falando...

Em um dado instante ele notou algo e parou abruptamente a palestra. O silêncio parecia pesado e ninguém se atrevia a quebrar a tensão que havia se instalado. Ney, apoiado com o braço esquerdo na árvore, olhou para um dos garotos por alguns segundos e falou: *“puta que o pariu, conseguiram... Conseguiram me irritar, pode continuar...”*. Ney afastou-se totalmente do grupo, se autodegredando para longe. Alguns jogadores começaram a esbravejar: *“os caras são foda”*. Outros pareciam “levar na brincadeira” a situação, rindo, talvez para ocultar a tensão. Perguntei a Caio o porquê daquela atitude radical, ele me respondeu: *“os caras estavam olhando para o campo”*. Formou-se, então, uma comissão de “diplomatas” com a tarefa de contornar a situação. Os garotos se aproximaram devagar do professor, Ney permaneceu olhando para o campo com um braço suspenso na altura do peito enquanto o outro segurava o queixo. Os emissários falavam, Ney dizia alguma coisa, mas agora sem esbravejar nem falar alto, parecia sereno, só que “magoado”.

As novas, mas não tão boas, foram publicizadas: *“Ney disse que não tem conversa”*; *“Prepara os ouvidos... Ele disse que ia abrir e cuspir dentro”*. Logo os garotos já estavam na algazarra e brincadeira, que invertia, destorcia os sentidos daqueles instantes do processo de preparação, os afastando das tensões e ameaças que aquilo envolvia. Quando alguém avistou Ney caminhando a passos lentos de volta a sua antiga posição, gritou *“lá vem ele, lá vem ele”*, outro completou *“parou, parou”*. Sisudo, Ney apenas mandou os garotos irem para o campo *“bora, todo mundo para o campo”*. Até o usual aquecimento com voltas ao redor do campo foi esquecido. Era uma situação fora da rotina.

Esse acontecimento exemplifica as elevadas expectativas e o sistema de etiqueta que é atualizada nos momentos de “preleção” dos professores. A quebra da ordem cerimonial, através de uma negligência em relação ao foco de atenção prescrito, gerou uma desordem. Os garotos, olhando para o campo, se afastaram daquilo que estava se discutindo no momento. Ofenderam Ney, que reagiu de uma forma radical interrompendo a interação. Um estado de anomia temporária se estabeleceu. Alguns garotos fingiram não ser nada sério com seus gracejos outros resolveram

diplomáticamente tentar contornar a situação. Ouviram apenas novas reprimendas, pois devido ao caráter voluntário da desatenção (Ney já havia alertado) cometeram uma falta com um elevado grau de ofensa.

E se as ocasiões de fala, como vimos, são importantíssimas para o fluxo expressivo que ocorria em Campina, havia um outro elemento que também se coadunava com a dramatização que ocorria ali: o corpo. Não o corpo como organismo biológico capaz de aprender os malabarismos com a bola. Mas sim, o corpo como portador de sinais expressivos que dizem sobre o cumprimento ou não de regras e ideais, sobre a atualização ou não de ideais. Observaremos uma etapa aparentemente inócua, mas muito carregada de sentidos, da preparação dos garotos: as corridinhas de aquecimento. Observaremos como agem, quais são as regras a serem seguidas e como a dimensão difusa, com a participação dos pais, novamente é atualizada.

Correndo

A afinação do espírito, então, sedia lugar a do corpo, que se tornava o principal instrumento de expressão no fluxo de informações que tomava lugar no Campo. Depois que a preleção terminava, Ney, sem dar repouso aos ouvintes, decretava “*Caminhando! Já descansaram demais! É caminhar, não é andar não... Depois de duas voltas, corrida*” (Diário de campo, 10/05/2012) ou “*Bora, vamo dar cinco volta! Bora! tá andando é Diogo, porra!*” (Diário de campo, 21/06/2012). Givanilson, preparador físico, também poderia dar a senha “*bora fazer a digestão correndo... Se vomitar é problema de vocês*” (Diário de campo, 05/06/2012). Os garotos, incitados nesses termos quase da caserna, abandonavam o antigo posto na sombra da chuva-de-ouro e deixavam para trás a antiga fachada usada, de ouvinte atentos. Erguiam-se, saltavam para a areia do campo e vagarosamente iniciavam um andar pelas margens. Iniciavam voltas. Dariam voltas e mais voltas. Voltas que pareciam intermináveis.

Saindo da velha paragem em passos de marcha atlética, os garotos percorriam uns 15 metros até a meta da sede do Internacional. Depois atingiam a outra arquibancada, no

lado da Policlínica Amaury Coutinho. Passavam, então, pela meta da Rua Iguatu e recomeçavam novamente. Marchavam diante dos pais, que quase sempre tagarelavam sobre coisas outras, passavam pelos professores, desviam de alguns peladeiros que ocupavam seu itinerário ou garotos da vizinhança que corriam atrás de alguma pipa. Eles também brincavam: era um eterno carrossel de garotos que girava, girava e girava. A cada giro parecia reforçar o seu eixo central. Pois aquilo não enganava. Eram voltas que testemunhavam seus vínculos com os valores e ideais que eram animados em Campina⁶⁴:

O ritmo no início não é tão intenso, apenas uma caminhada acelerada. Os desgarrados passam silenciosos, autômatos, com passos nem firmes nem frouxos, necessários. As duplas conversam às vezes, mas voltam apenas a correr. Giram, giram, giram incontáveis vezes. Havia um grande grupo retardatário. Nesse pelotão os garotos pareciam mais animados, havia mais interação. Em uma das voltas, ao passarem por um dos fios de água que cortavam o campo devido a chuva então recente, um deles deu um grande salto jogando água sobre um dos colegas, alguns riram, outras apenas seguiram. Ortigoza parou a corrida e caminhando de braços abertos falou, “*Porra, pera aí... poxa.. ei*”. Ria da palhaçada do companheiro. (Diário de Campo, 28/06/2012)

Os movimentos deveriam seguir um repertório estabelecido. Deveriam estar prontos quando o treinador largava a senha do início dos giros. Exigia-se roupas e calçados adequados. Exige-se concentração e comprometimento em cada etapa. Os movimentos deveriam ser lentos, um trote quase se arrastando só para “soltar” o corpo. Mas também podiam ser rapidíssimos com “disparos” de 30 metros. O corpo deveria se voltar para a atividade legitimada evitando-se engajamentos laterais⁶⁵, sem brincadeiras como piparotes e chutes nos outros, tão comuns em outros momentos da ritualização. O silêncio era valorizado e espera-se que a linha de ação fosse mantida em outros termos: havia uma trilha específica tradicionalmente conhecida que deveria passar bem pelas margens do campo. Isso significa uma maior trajetória a ser percorrida. O preparador de goleiros, às vezes, assumia a frente na ordenação do processo:

Em pé na sombra da Chuva-de-ouro, ele observava como uma ave de rapina os giros dos garotos ao redor do campo e constantemente fazia intervenções que visavam se inscrever diretamente nos

⁶⁴A corrida aqui é considerada como uma oportunidade dos garotos demonstrarem comprometimento. Demonstrarem nos termos goffmanianos estarem “envolvidos”: “manter algum tipo de absolvição cognitiva e afetiva, alguma mobilização de recursos psicobiológicos (...). O termo “envolvido” é usado em dois outros sentidos: o de compromisso, no sentido de se tornar responsável por certas ações; e o de ligação, no sentido de investir sentimentos e identificação em alguma coisa” (GOFFMAN, 2010b, p. 46).

⁶⁵“um envolvimento principal é aquele que absorve a maior parte da atenção e interesse de um indivíduo, formando visivelmente o determinante principal atual de suas ações. um envolvimento lateral é uma atividade que um indivíduo pode realizar de modo abstrato sem ameaçar ou confundir a manutenção simultânea de um envolvimento” (GOFFMAN, 2010b, p. 54)

movimentos repetitivos dos garotos. Apesar de iniciar o carrossel como um grupo compacto, os garotos foram se dispersando já durante as primeiras voltas. Uma dupla vinha ao longe. Givanilson falou: *“Bora aí! Deixa de miguê⁶⁶, os dois awe!... Lucas e Antônio, tiro até na barra! Quem chegar por último vai pagar viu! Vai pagar os dois!”*. Em outro momento disse *“Negão, tiro até na barra! Tá aguentando não é?! Vai jogar vídeo game!”*. E, nesse processo de lapidação da ação, recebeu apoio de um dos pais, que dali de perto gritou para um dos garotos *“bora Elias, tá de ressaca é?”*. Valter também dava suas tiradas sarcásticas e engraçadas *“Kinho esqueceu da praia não foi? Tá pensando que tá de férias é?”*. (Diário de campo, 26/06/2012)

Durante algum tempo o preparador físico tentou utilizar o apito para indicar o momento que os garotos deveriam acelerar o movimento. Depois, contudo, passou a usar sua voz, seus ditos como meios do adestramento. Assim que avistava um garoto se aproximar do local demarcado para acelerar, um dos postes de iluminação, ele gritou *“Bora goleiro, sai, vai, vai, vai!”*, elevando inicialmente o tom de voz no início do disparo. *“Vai, acelera essa passada, vai. Pode ir!”*, já com o tom de voz decrescendo até que o garoto chegava ao final da trajetória. O mesmo depois: *“Bora pai (tom de voz elevado) Bora! Vai, vai, vai (tom de voz moderado)*. Mais alguns comandos: *“Bora Caio, já dá para soltar! Vai soltando, vai soltando. Isso, vai soltando, isso!”*; *“Vai, vai boa, vai! Agora tudo vai!”*. Quando viu o goleiro Lucas em um ritmo parecido com os que haviam comparecido ao treino da praia ele falou *“bora Lucas, bora!”*, o goleiro respondeu *“menino, eu treinei hoje de manhã que só!”*. (Diário de campo, 26/06/2012)

Como se percebe na descrição, parecia haver um jogo de gato e rato entre os formadores e seus pupilos. E se a atenção se desviasse um pouco, fosse um pouco mais indulgente, os professores sabiam, os garotos usariam diversas artimanhas para ludibriar e driblar a marcação de zagueiros invisíveis encarnados também nas figuras dos pais e agregados que por ali ficavam. Quando os garotos se aproximavam da parte mais vigiada, próximo à chuva-de-ouro, seus movimentos podiam demonstrar uma polidez maior, executados com maior precisão, ausentando-se de brincadeiras e conversas maiores, mantendo a linha determinada. Contudo, parece que longe da sombra os garotos relaxavam e tinham mais liberdades de demonstrar estratégias de “ajustamento secundário”.

Dois exemplos desse “jogo” aconteceram no dia 10/15/2012. Ney, ao observar Caio conversando e rindo com um companheiro, parou a conversa com os pais e disse: *“Caio, bora, bora, velocidade... Vamo, vamo, solta, não quero conversa não”*. Em outro momento um garoto escapou sorratamente do trote e estava levando a garrafa de uma deliciosa água gelada a boca quando foi pego em flagrante. Valter gritou: *“Quem mandou parar para beber água? Bora! Bora! Vai beber não... Se beber não vai*

⁶⁶“Miguê” é uma categoria nativa para se referir aos ajustamentos secundários dos garotos. Goffman afirma que esse conceito se refere “a qualquer disposição pelo qual o participante de uma organização emprega meios ilícitos, ou consegue fins não autorizados, ou ambas as coisas, de forma a escapar daquilo que a organização supõe que deve fazer e obter e, portanto, daquilo que deve ser” (2010a, p. 160).

treinar.” Enquanto o garoto já fugia para acompanhar os outros, completou com uma história: *“Dia desses tinha um menino do time de baixo que a cada volta ia para perto da mamãe tomar água. Dava uma voltinha e ia tomar água. Eu cheguei, reuni o grupo e disse ‘se beber água não vai jogar’”*. Surpreendente foi o fato de que apesar do que o professor falou, o garoto agarrou uma nova oportunidade e dessa vez conseguiu engolir a água. Valter novamente surpreendeu o infrator e deu uma dura mais forte: *“já veio beber água de novo? Na tua casa tu faz o que tu quer? Tu bagunça do jeito que tu quiser? Então para com isso.”*

Em outra ocasião isso também ficou visível (Diário de campo, 26/04/2012). Valter assumira a preparação. Depois de uma rápida preleção, ele enviou os garotos para a corrida. Enquanto isso permaneceu ali na beira do campo conversando com algumas pessoas. Depois de algumas voltas, alguns garotos, percebendo a desatenção do professor, pararam a corrida em um canto próximo a baliza da sede e se puseram a fazer alongamentos como se preparando para o coletivo que viria. Valter percebeu a “armação” e deu uma dura reprimenda: *“É engraçado não é? De repente aparece um bando de treinador aqui. Jogador é foda! Bora, bora! Quem mandou vocês pararem de correr!”*. Comentou posteriormente com os pais na arquibancada: *“os caras pensam que me enganam. Mas eu vejo tudo, tudo... Eu deveria era tatuar um olho nas minhas costas, bem aqui (apontando para região um pouco abaixo do pescoço)”*.

Mas parece haver uma ambiguidade em relação a essa capacidade de distender os determinantes sociais coletivos e criar outros mais pessoais. A “malandragem” por partes dos jogadores e a “negligência” em relação a esses fatos são elementos usuais. Deixa-se que os garotos exerçam sua criatividade e habilidades de navegação social que abrem fendas na sociabilidade e a tornam mais agradável. Embora o desvio fosse sempre objeto de atenção, tais ocasiões de distensão sempre retornavam, mesmo em outros momentos do trabalho realizado ali⁶⁷. Isso nos faz pensar sobre uma possível afinidade entre elementos alegadamente presentes em nossa sociabilidade, o “jeitinho

⁶⁷O “filho de Valter” olhava para os garotos dos 98, sorrindo, com os braços cruzados, como se dissesse “estou vendo, seus safados”, enquanto um trio de garotos emprega as usuais brincadeiras e gozações. A ambiguidade é que mesmo aparentemente gostando da “resenha” dos garotos, ele disse “Eu vou dizer a Valter. Eu to só olhando esses cabras safados”. Os garotos olharam e diminuíram um pouco as brincadeiras, mas ainda assim continuavam na bufanice. O homem chamou Ney e disse “Ney olha para li”. Ney respondeu “E eu não to vendo!?”. Neymar disse a respeito de Lucas “vi o otário lá na parada. Eu chamei ainda, mas ele nem escutou. Tava todo tabacudo” (Diário de Campo, 02/08/2012).

brasileiro”, e nosso “estilo de jogo”, alegadamente possuidor da fama de ser dionisíaco, fantástico, inovador, avesso a racionalizações mais radicais.

Um dos que mais “inventavam” durante aquela parte do treino era Ortigoza. Era difícil vê-lo correndo só. Sempre estava no meio de um grupo de garotos ou com algum companheiro. E os músculos responsáveis pela expressão da voz pareciam que trabalhavam mais do que o resto do corpo, pois pareciam estar sempre trabalhando em um murmúrio direcionado a alguém. Seus braços também falavam em um desafio a um companheiro ou em um empurrão de ombro. E seu próprio jeito de correr tinha uma leveza e um domínio, nem muito exigente nem muito relaxado. Parecia que o corpo era um instrumento ou um veículo que ele usava com virtuosismo, embora sem o esforço máximo que poderia dar. Essa abertura de sua personalidade para criar novas dimensões em um labirinto como aquele tinha uma afinidade com sua disposição em campo. Jogava na posição de “meia”. Era habilidoso, dava fluidez e abria espaços no padrão da partida. Chegava a ser até arredoio:

Em um momento, Ney chamou os garotos que estavam fora do jogo. Conversou algum tempo com eles e pediu para que procurassem o jogador que seria substituído. Neymar era um desses que iria entrar. Ele chamou uma vez “Ortigoza!”. O meia, contudo, pareceu não escutar e seguia dominando a bola. Alguém dentro do campo parece ter dito algo. Ele falou “*Perái!*”. Ney respondeu “*ei rapaz, que parai o quê! É treino! Que porra nenhuma de perái! Oxe! Quem resolve aqui sou eu. O jogo é domingo. O jogo é sábado. Tem esse negócio de perái aqui não. A gente ainda vai ter treino depois ainda aí. A gente ainda vai treinar ainda*”. Ney falou isso enquanto caminhava em direção aos dois jogadores que trocavam os coletes, o amarelo pelo vermelho. Ortigoza trocou a camisa e saiu meio cabisbaixo em direção à sombra da Chuva-de-ouro. (Diário de campo, 12/07/2012)

Vê-se que apesar das ferramentas conceituais facilitadas por Goffman levar a um entendimento funcionalista, integrador da realidade social estudada, essas fugas cínicas, de ajustamento secundários, individualistas, realizadas nas corridas são paradigmáticas. Fica claro que ao longo do trabalho eu devo ter negligenciado esse movimento dialético entre os determinantes sociais da atividade e as interpretações individuais e pessoais desses mesmos determinantes. No último tópico novamente retornaremos a esse processo de enquadramento dos sujeitos em modos de ser e fazer pertencentes às areias de Campina. Veremos como um sistema rudimentar de punições e gratificações balanceava o engajamento dos garotos às regras animadas no Inter. Esse último mosaico serve aos mesmos propósitos das outras etapas estudadas ao longo do

trabalho: forma um quadro parcial e pessoal do trabalho que ocorria na Campina do Internacional.

Treinando

Há quem diga que o futebol é uma encenação da vida sem os perigos reais que a vida possui, permitindo, especialmente aos assistentes, a fruição de uma gama de emoções reais suscitadas pela prática mimética⁶⁸. Nessa versão o futebol ritualizaria o mundo da vida cotidiana. Uma imagem de boleiro com suas normas e modos de fazer também pode ser ritualizada pelo jogo em si ou pela encenação do jogo. Aqui o futebol encena a si mesmo ou sacraliza-se nos momentos que servem para a exibição das disposições adequadas ao reconhecimento do “boleiro”. Em Campina, essas demonstrações de vínculo a uma existência específica eram apostas com resultados imediatos, reconhecimento ou não daqueles com os quais se entrava em relação, e resultados a longo prazo, pois, como se disse, era através do ato de fé cotidiano que alguma ideia do sucesso poderia ser alcançada.

Os treinos coletivos de 40, 50 minutos realizados no fim do “dia de trabalho” eram os momentos que os garotos demonstravam seu ajustamento à prática que era fecundada ali. Talvez mais do que em outras ocasiões, os determinantes sociais confundiam-se com os desejos e motivações individuais. Na verdade, os outros momentos eram como preâmbulos para o momento principal em que corpos testemunhavam uma sacralização, fusão do sujeito com o coletivo. Alguns falavam da intensidade daqueles momentos justificando “*porque é simulação de jogo*” (Entrevista João Paulo, 10/08/2012), “*porque todo mundo gosta de bola*” (Entrevista Caio, 10/08/2012) e apontavam para a facilitação da manutenção dos padrões ótimos de preparação física e técnica que eles permitem. Kelvin falou que era tão “securto” que

⁶⁸Segundo Norbert Elias, o esporte tem uma função “complementar” à nossa vida cotidiana altamente “civilizada”, onde há uma forte contenção dos sentimentos, no sentido de preservarmos “um controle regular firme e completo dos impulsos, afetos e emoções” (ELIAS & DUNNING, 1985, p.69). Segundo essa tese, o esporte pode proporcionar uma agradável excitação mimética, que é suscetível de “contrabalançar essas tensões, normalmente desagradáveis, das pressões derivadas do stress inerente às (nossas) sociedades, proporcionando uma forma de restauração das energias” (ELIAS & DUNNING, 1985, p.73).

mesmo nas férias não deixava de treinar e jogar, para não “*perder o ritmo*” (Diário de campo, 21/06/2012). Olhemos alguns “lances”:

A bola começou com um do time verde, que assim que conseguiu deixá-la rente ao solo e sentindo a sombra de um adversário a um metro de distancia, dialogou com um companheiro. Em sua trajetória, o objeto esférico, chocou-se duas vezes contra o solo, deixando umas marcas na areia fina, tornando a recepção duvidosa. O garoto, contudo, deixou a bola chegar a seu pé, revolveu o corpo para a esquerda e empurrou o jogo para aquela direção. O companheiro, mais ao meio de campo, acompanhou esse trajeto com pulinhos pra frente, para atrás, buscava o melhor posicionamento, dizia com o seu ser que estava pronto, focado. Parecia um animal bem adestrado pronto para executar uma tarefa, cuja recompensa seria um petisco. A recompensa era a própria bola. Uma recompensa fugaz. (Diário de campo, 31/05/2012)

Como se percebe, os garotos eram colocados em disputas fingidas com seus colegas cuja punição pelo erro ou falha podia ser a não participação no jogo. Quando, por algum erro, eles saíam do treino cedendo lugar a outros, reclamavam entre si, procurava-se culpados e “resenhava-se” a derrota recente. Quando novamente tinham oportunidade de serem reconduzidos ao jogo, saíam em disparada para dentro do campo. Alguns se lamuriavam do pouco tempo disponível para prática direta do futebol devido à necessidade de ceder o campo para os peladeiros do bairro às 4 horas da tarde. E, no padrão do jogo, alguma falha mais grave podia ser punida com a expulsão. Os garotos estavam tão envolvidos com a prática naqueles instantes que era como se eliminassem qualquer elemento perturbador da existência que procuravam afirmar, conseguindo fruir a dimensão lúdica e prazerosa da atividade. Seus corpos ao mesmo tempo que eram o ponto culminante de todos os esforços difusos de gestação de uma realidade, silenciavam essa realidade⁶⁹.

Não obstante, não havia engano, aquilo não era uma brincadeira pura e simplesmente. Suas performances em campo emitam sinais de sujeitos ainda em nível incipiente de domínio dos elementos necessários para à prática. Eram informações distorcidas que precisavam ser rearticuladas. Na verdade as duas dimensões discutidas anteriormente, o corpo e a fala, nessa etapa do treino, eram fundidas na busca da perfeição da dramatização. A fala orquestrava, acelerava, reduzia, se fixava em um movimento. Sob a supervisão de Ney, os garotos esforçavam-se em suas performances

⁶⁹A “experiência corpórea” em si como afirma Pierre Bourdieu (1990, p. 219), possui o caráter de não ser completamente acessível ao intelecto e suscetível de descrição. Há uma aprendizagem do corpo e através do corpo, que aquele não iniciado em determinada atividade esportiva como, por exemplo, um etnógrafo apenas observador, não conseguirá ter acesso. Esse silêncio e integralidade da ação não são possíveis a partir da teoria de Goffman.

dentro de campo. No entanto, devido a contingências como o solo arenoso, sem demarcação das regiões específicas ou mesmo a falta de desenvolvimento motor dos garotos, a ocorrência de erros era muito alta. Nesses momentos em que os corpos “falhavam” o discurso reorganizador entrava em cena buscando aprimorar a prática.

Em um treino enquanto o jogo se desenrolava, Ney permaneceu na beira do campo. Às vezes, ele intervinha naquele emaranhado buscando refinar as ações dos garotos. Preocupava-se muito com as posições em campo. Alguns trechos de suas intervenções: (1) “*(apito forte) oh lulinha... Bora, marca individual, marca individual no campo deles! Não sai não, bora! (mãos na cintura) Acerta o posicionamento... tá errado!*”; (2) “*Ei, oh, Lekinho entrou... Deixa lá (aponta e abre os braços demonstrando insatisfação resignada). Lulinha sai daí de dentro (intermediária). Ei Guilherme tá fazendo o quê aí dentro Guilherme? É aqui na Frente Guilherme. Fecha lá oh, fecha lá (apontando para o meio).* (3) “*Rômulo, dois volantes Rômulo! Você e Lekinho*” (Diário de campo, 31/05/2012).

Em outros momentos ele apenas demonstrou frustração com uma jogada não tão bem executada. Em um lance, o garoto chamado de Neymar perdeu a bola depois de tentar uma corrida em direção à linha lateral, Ney falou “*Eita Pikachu! E agora aí, e agora? Tudo tá aberto!*” (Diário de campo, 31/05/2012). Mesmo quando os lances saíam parecidos com o esperado ele dava orientações pontuais a respeito da postura corporal, como, por exemplo, “*Levanta a cabeça caio!*” (Diário de campo, 17/05/2012). O professor movimentava-se para frente e para trás, de um lado e de outro, sempre perscrutando as performances, apitando, apontando defeitos, incentivando ou fazendo caretas e colocando a mão na cintura como se dissesse “não tem jeito não”. Havia orientações individuais e coletivas. Aqueles garotos que permaneciam fora dos lances, ficavam sérios, acompanhavam também as jogadas, esperando a sua vez de mostrar habilidade.

Outro exemplo desse jogo pode ser verificado na atuação de Valter. Em um dia de treino, Valter a todo instante parava alguma jogada, “explicava” os detalhes e pedia que tudo fosse repetido. Além disso, algumas intervenções pontuais, na base de gritos e palavrões, visavam sancionar negativamente ou aparar as arestas daqueles “diamantes brutos”: “*tá errado a marcação Lucas, puta que o pariu! Se o cara der um banho em tu,*

coloca o corpo na frente, não deixa ele passar” (Diário de campo, 19/04/2012). Em um momento ele apitou, parou o lance e se dirigiu a um “meia”: *“Calma, domina a bola e olha os dois lados (abriu os braços mostrando o ângulo de visão que esse garoto tinha).* Usou outro método também: bem na entrada da área, um garoto preferiu um drible a um passe curto, Valter apitou e se aproximou *“Com quem é a jogada? Com quem?”*. O garoto disse *“foi mal”*.

Como se vê a fala (também os gestos) dos professores expunham de forma imediata as “distorções” que determinados garotos (ou o grupo) possuíam, uma publicização que tinha como objetivo a correção rumo a níveis ótimos de performance. Na maioria das vezes os garotos pareciam responder a esses estímulos: faziam um sinal de positivo, balançam a cabeça, movimentavam-se para um determinado lugar. E mesmo quando fingiam não escutar, agindo como se nada tivesse acontecido, a omissão também era um modo de se relacionar com os editos do “professor”. É de se imaginar que com a repetição desses processos, uma lenta, gradual e invisível “maturação futebolística” ocorra com e nos “aspirantes”. Seus corpos-instrumentos repisando ações específicas, impulsionados por discursos específicos, remodelavam-se em direção a um nível maior de integração ao universo do futebol. Mas ali o que via era um desenvolvimento incipiente, cheio de tentativas e erros, que parecia escapar a movimentos de intelectualização.

Nesse processo de lapidação parecia haver um claro sistema de recompensas e punições⁷⁰. O imediato do treino dava sentido e alimentava a disposição para o vínculo com aquele universo. Como já notado, para os garotos, só participar já era uma alegria e participar bem, ser elogiado pelo professor recobria a dramatização de um retorno positivo cheio de significado emocional. Diante de boas jogadas ou de uma marcação executada com força, os professores não deixavam de emitir monossílabos como *“boa boa”* ou *“é isso”* que se dirigiam a todo o time. E em jogadas específicas, como, por exemplo, em um lance em que um garoto conseguiu executar uma marcação dura e roubar a bola do adversário, ouviu-se um *“boa Guilherme”* (Diário de campo,

⁷⁰Incentivos ou prêmios para Goffman são “pagamentos indiretos que francamente atraem o indivíduo como alguém cujos interesses finais não se confundem com a instituição” (2010, p.152). Aqui eu uso no sentido de um reconhecimento público da adequação dos garotos às expectativas dos professores. Uma valorização simbólica imediata importante. Já castigos uso no sentido de uma exposição pública das falhas que é igualmente importante como um meio de provocar a atividade desejada.

17/05/2012). Os pais e agregados, vez por outra, também emitiam esses ruídos incentivadores que provavelmente chegavam diluídos aos ouvidos dos garotos dentro do jogo, mas que, mesmo assim, deveriam ter consequências em suas autoimagens.

Os castigos envolviam também um discurso mais duro com um tom de voz mais elevado e alguns palavrões que enfatizavam o “erro”. Em um lance, Ney observou uma demora na execução de um passe no meio de campo e, por isso, iniciou o processo de correção afirmando “*Ortigoza, Ortigoza, bora virar o jogo...*”. O garoto respondeu esse lance inicial com uma máxima bastante usada pelos garotos quando da demonstração de arrependimento, disse “*foi mal*”. Ney, ao invés de aceitar essa desculpa, aumentou o tom da coerção negativa, expondo o garoto com gritos e palavrões: “*bora acabar com esse negócio de dizer que foi mal, foi mal. Foi mal é um caralho, foi mal é uma porra!*” (Diário de campo, 17/07/2012).

Havia também uma dimensão física nesse sistema de punição. Como o trabalho corporal mais instrumentalizado não era muito bem visto pelos jogadores, uma forma de puni-los era interromper o jogo quando de algum erro como levar gol rápido, perder a bola rápido, não recuperar a bola em 30 segundos. As punições eram referidas como “pagar” algo, pagar flexões ou abdominais. Um exemplo pode ser verificado no castigo que o goleiro levou por não conseguir repor a bola com destreza. Depois de interceptar um cruzamento, ao tentar enviar a bola para frente sob os gritos de “*bora Lucas, bora Lucas*”, ele deu um chute errado caindo na sua intermediária defensiva. Teve sorte, pois sobrou para um jogador do seu time que tentou dar continuidade à jogada. Ney esqueceu um pouco do jogo e disse “*Lucas, Lucas, paga dez aí!*”. O garoto se agachou e fez o que deveria fazer (Diário de campo, 17/07/2012).

Existe uma doutrinação do excesso que levava os garotos a aturem no limite de sua capacidade técnica e de presteza para o jogo, o que muitas conduzia a um embate físico mais ríspido. Valter chegou a falar em “*libertadores de Campina*” (Diário de campo, 26/07/2012), uma referência ao estilo aguerrido da competição sul-americana. De fato, havia um *ethos* que implica em uma atitude de bravura frente ao adversário e de resiliência quando da dor. Mas se por um lado essa tendência gerava um comportamento mais “descontrolado” por parte dos garotos, isso possuía limites específicos. Quando ocorria algo grave como uma “mão no rosto” ou uma jogada “por

cima” mais dura, havia uma coerção externa. Era nesse equilíbrio instável, resolvido no ato em si e reatualizado na interação com os professores e companheiros, que os garotos atuavam. Não se pode “amarelar” ou “dormir em campo”, mas também não se pode ser um “lutador de UFC”:

Em uma disputa, houve um “tranco” em um garoto que tentava dominar a bola. Ele se dirigia a Valter e de braços abertos gritou “*professor, bora apitar!*”. Valter respondeu “*não quer levar empurrão, então vai brincar de boneca!*”. Em outro instante, ao perceber que um jogador tentava “deixar a mão” no rosto do outro, Valter repreendeu “*Henrique, você não está no UFC. Toda hora vai no rosto do outro cara. Já tinha levado vermelho (caso fosse um jogo)*”. (Diário de campo, 26/04/2012)

O comportamento “aguerrido”, embora sempre levado a níveis aceitáveis era visto com bons olhos pelos professores⁷¹. Em uma ocasião, um jogador corria em direção à bola e para evitar a pressão que o outro exercia sobre seu corpo, jogou o braço em direção ao rosto do outro, tentando atingi-lo. Um dos pais gritou: “*ei rapaz... o que é isso!*”. Valter, desatento no momento, perguntou a Ney o que havia acontecido. Ney explicou-lhe em tom de galhofa, como se zombasse da audácia do pupilo, o que havia acontecido (Diário de campo, 17/05/2012).

Exigia-se um “estoicismo” por parte dos garotos⁷². As dores do treino físico mais puxado devem ser suportadas e o indivíduo deve mostrar resiliência diante dos choques, encontrões, chutes na canela. É preciso erguer-se o quanto antes e sem a ajuda de ninguém. “Amarelar”, demonstrar medo, tensão e recuar diante dos desafios, seja de um lateral “pegador” ou de uma partida importante, é um pecado punido com jocosidade e pago com uma boa dose de vergonha externalizada. Em um dia de treinos, um dos lances resultou em uma queda sofrida por um garoto. Ney falou “*levanta, levanta! Não é jogo não, é treino!*”. O garoto, com alguma dificuldade, levantou-se e, depois de uma caminhada lenta, retornou ao ritmo frenético e truncado do treino daquele dia chuvoso (Diário de campo, 21/06/2012).

⁷¹Na formação do jogador há um equilíbrio precário entre a exigência que joguem com o máximo de disposição ou com o “coração na ponta da chuteira” por um lado, mas por outro que se adaptem às regras e às técnicas corporais adequadas a tal prática. (FREITAS, 2010)

⁷²Mauss afirma que os atos montados pelas sociedades no indivíduo visam adaptar o corpo a determinados usos. Isso envolve, sobretudo, a instalação de “uma resistência à perturbação invasora”. Chega a afirmar que “as grandes provas de estoicismo etc. que constituem a iniciação na maior parte da humanidade, têm por finalidade ensinar o sangue-frio, a resistência, a presença de espírito, a dignidade”. Assim, ao deixar o jogo se desenvolver livremente, testa-se a capacidade de domínio, de “frieza” por partes dos jogadores. (MAUSS, 2003, p.421)

Em um outro dia de treino, Kevin pediu para sair do jogo, pois havia sentido alguma coisa. O garoto caminhou com dificuldade para a sombra da chuva-de-ouro. Sentou, livrou-se do colete laranja, jogado na perna direita, e enquanto tentava encontrar uma melhor forma de minimizar suas dores, hora esticando um pé, olha acolhendo, cuspidando no chão algumas vezes, começou a soluçar de forma quase inaudível. Valter se aproximou e vendo o sofrimento do garoto perguntou: “*que foi Kevin?... Coluna?*”. A resposta foi um meneio de cabeça. Valter não teve demora, com um sorrisinho no rosto, disparou: “*Eu vou chamar ali um pedreiro para dar um jeito (trocadilho com “coluna”)*”. O outro continuou impassivo em seu sofrimento. Valter se virou para o campo, olhou-o por alguns segundos depois retornou para o garoto “*Bora ali botar um spray... Botar um gelo*” (Diário de campo, 17/07/2012).

Pudemos, portanto, verificar essa e outras etapas da navegação social que era atualizada naquelas paragens. A fala, o conteúdo da fala, o *corpo-símbolo* que efetuava evoluções no gramado inexistente, a sanção positiva ou não do comportamento imediato, enfim, um leque amplo de fichas simbólicas servia para expressar um modo de ser e fazer. Os garotos eram “atletas”, “jogadores” em formação. E a introjeção desse papel, com todos os valores e ideias, implicava um compromisso cuja uma das consequências mais radicais era o exagero da disposição corporal para a prática. Um pouco de “firmeza” e hombridade diante do desafio corporal eram características valorizadas, embora o exagero recebesse uma imediata sanção negativa. Os garotos eram tratados como se fossem “homens de verdade”, não obstante o afago, a conversa animadora, a brincadeira, etc, também estivessem presentes, pois, de outro modo, eram apenas “bons meninos”.

Considerações Finais

Percorreu-se um bom caminho até chegarmos aqui. Tais como os garotos, aparamos pela beirada do campo, sentamos na arquibancada sob a proteção da chuva-de-ouro, demos algumas voltas de aquecimento e entramos no campo propriamente dito, embora já estivéssemos nele. Ao fim, parece que foi pouco o tempo despendido no acompanhamento do processo de formação de jogadores no Internacional. Nesses meses que frequentei o bairro de Campina do Barreto fiz uma observação participante que se queria etnografia. Quero dizer com isso que, talvez, um tempo mais dilatado e uma frequência maior ou mesmo uma imersão total no bairro como “morador” gerasse uma massa de dados mais consistente e uma análise de maior fôlego. Mas é preciso seguir os protocolos institucionais e um mestrado que se preze não deve passar de dois anos. O que me traz alento foi que fiz o que foi possível fazer.

Mas mesmo se tivesse desenvolvido um trabalho de campo mais duradouro, o resultado teria sido o mesmo: inócuo. Não que esteja desprezando toda a energia investida no processo de pesquisa, as horas de estudos, os deslocamentos, as reuniões de orientação, a interminável e angustiante escrita, etc etc. Pelo contrário, o que tentei fazer foi espremer ao máximo os frutos colhidos e produzir um líquido com alguma consistência. Mas um trabalho que parte da esfera do “lúdico”, do “não sério”, ou seja, do polo negativo de um tipo de pensamento dicotômico que ainda é bem forte nas Ciências Sociais, não pode criar nenhuma panaceia. Ou, pelo menos, algum alívio prático, objetivo, para a vida dos interlocutores de pesquisa com o qual eu me relacionei, embora, em alguns instantes, dessem a entender, direta ou indiretamente, que desejavam algo em troca de meu acolhimento.

Poderia pensar que o fato de ter “jogado luz” em uma dada fração da realidade social tornará tal fração visível para outras pessoas, talvez pessoas engajadas em políticas públicas na área do esporte. Aqui o pressuposto é uma espécie de “sociologia das emergências” (SANTOS, 2002) e/ou o valor de que o objetivo das ciências sociais é conhecer, ampliar o estoque de símbolos sobre práticas, ideias e valores de agrupamentos humanos. Mas duvido muito que uma pesquisa nesse nível de formação intelectual e de titulação acadêmica possa ter alguma difusão de maior monta. Além das

dádivas aos mais próximos e dos avaliadores que atribuirão um conceito ao trabalho, provavelmente, o destino das versões depositadas para uso digamos, em um arroubo iluminista, da “humanidade”, será mofar nas prateleiras mal iluminadas de alguma biblioteca.

Deixando os muxoxos de lado, poderia perguntar, então, quais as consequências de tal empreendimento? Uma resposta imediata é a importância para treinamento de um pesquisador em formação. Como tentei mostrar no primeiro capítulo, o processo de feitura desse trabalho contribuiu grandemente para a minha afirmação como “sociólogo”. Aprimorei o uso que faço das técnicas de pesquisa “observação participante”, “entrevistas” e “dados audiovisuais”. Refinei o modo como lido com dados e escrevo o campo.

Mas e, sociologicamente falando, qual é “relevância” desse escrito? Afinal de contas esse é um trabalho que se vincula a uma disciplina específica e, dentro dessa disciplina, a um ramo de estudos particular, a partir de uma dada perspectiva teórica. E como “ciência”, aprendemos desde sempre, se faz com um aprimoramento que os anões fazem a partir dos ombros dos gigantes que os auxiliam, todo novo empreendimento deve tentar demonstrar algo diferente do já feito, olhar mais além. Efetivamente, isso é impossível (se é que um dia isso possa ser possível) no atual estágio de meu desenvolvimento como pesquisador. Creio, contudo, que alguns aspectos de meu trabalho possam merecer algumas linhas, pois, se bem que não trazem nada de “inédito” para a sociologia, demonstram algum engenho no desenvolvimento metodológico e na transferência teórica de conceitos para a realidade estudada.

Começamos pelo primeiro. Ao revelar a voz por trás do discurso, ou melhor, ao assumir a primeira pessoa do singular (na maior parte do tempo), o trabalho permite que o leitor veja alguns dos valores e da história de vida de quem fala. Se as ciências são feitas dessa atitude aberta em relação ao modo que se conduz a pesquisa, então um trabalho feito nesses moldes permite a checagem e o escrutínio do processo que conduziu a uma versão sobre uma dada realidade social. Essa “forma” de apresentar os dados, de fazer pesquisa, certamente não é nova, mas ainda não é estabelecida. Recordo que minha monografia foi feita como se um ator positivista onipotente olhasse do alto de uma colina o mundo lá embaixo.

A partir de uma série de intercâmbios sociais e teóricos, vi que era possível botar os pés no chão. A atualização desse paradigma de pesquisa aqui e a aceitação pela instituição é ínfima, mas uma importante contribuição para minimizar os aspectos místicos e formais que orientam os trabalhos nas ciências sociais. Sem me alongar muito, aqui o que está subjacente é aquele velho debate “objetividade” X “subjetividade”. Debate que em grande medida é falso, pois, do ponto de vista que adoto, a sociologia só é feita dentro de níveis ótimos de objetividade. Isso é um valor, embora impossível de realizar. O que conta é o “jogo de cintura” do pesquisador, que mesmo dentro de regras claras, consegue driblá-las ou criar a partir delas de uma forma dionisíaca. Uma pesquisa que tenta deixar claro essa coisa de “se virar” provavelmente é um relato interessante para outros pesquisadores.

Há ainda algumas coisas a dizer sobre isso. Ao revelar quem falava, revelei também como falava. Tentei desvelar as condições objetivas do trabalho de campo e o conjunto de expectativas e valores em relação ao que seria produzido. Especialmente, como já dito, tentando espelhar a noção de “carreira” atribuída aos interlocutores da pesquisa, busquei mostrar como o campo e a escrita ajudam a edificar uma autoimagem de pesquisador ainda em formação. Ou seja, apesar dos limites e riscos dessa empreitada, quis deixar claro a relação humana que ocorria no processo de pesquisa: o campo precário, os atores diversos, pais, garotos, professores, também forneciam um espelho, vivendo com o qual eu me transformei. Aqui, ultrapasso as diferenças que existem entre garotos treinando em um clube de bairro e um sociólogo em formação, pois ambos buscam afirmar sua existência a partir de uma série de relações, a partir de sua relação.

Julgo também que algumas das formas que trabalhei as teses de Goffman devem ser sublinhadas, pois podem ajudar outros pesquisadores. Busquei dar substância a realidade estudada compondo uma espécie de colcha de retalhos a partir dos conceitos desse autor. Isso permitiu que o campo “falasse” ao invés de ficar amarrado com uma camisa de força teórica. Seguidamente e, às vezes, de forma reiterativa elementos distintos foram sendo requisitados na composição do que eu chamei de “instituição”. Isso me trouxe uma grande flexibilidade no trato com os dados. Embora a insegurança de se ver perdido dentro de um fato social total foi constante durante o trabalho de campo e durante a escrita do campo.

Algo que me ajudou a tecer as ligações entre os retalhos ou peças do mosaico foi o uso que fiz da ideia goffmaniana de “Instituição Total”. Embora o Inter não fosse nenhum manicômio ou prisão, na verdade, longe disso, o tratei como uma instituição, pois tinha objetivos alegados e “reais”, roubava um pouco de tempo de seus participantes para a execução de tais objetivos, possuindo uma hierarquia clara, etc. A diferença principal com o tipo ideal de instituição fechada, era que não havia fronteiras, biombos, muros que separassem a “sociedade civil” e o “mundo do internato”. Isso trouxe uma série de desafios para o modo de identificar e apresentar os limites em relação ao “exterior” e o conjunto de rituais próprios da instituição. Aquela gama de conceitos referenciada antes serviu para “preencher”, para dar substância à consagração de uma existência que ocorria naquela “instituição aberta”.

Quando adotei o termo “**Futebol Total**” para caracterizar o trabalho que se realizava em Campina, foi uma referência a matriz original do conceito que uso no trabalho, mas também para por em relevância uma força que os “manicômios”, lugar de reclusão dos loucos, haviam perdido: a integração à vida social, ao mundo da vida cotidiana. Pois nosso futebol, ou o sistema coletivo de identificação social que se criou a partir de tal esporte, é um importante meio de ligar ou separar as pessoas, de fazê-las navegar socialmente. É apenas tendo em mente esse caráter difuso e quase geral que o futebol tem, que a existência daquele pequeno clube pode ser entendida. Cada um de nós que torce, que discute, que joga bola, que pesquisa sobre futebol, contribui para o surgimento e a existência de instituições tão sublimes e precárias quanto aquela que aqui analisei.

Referências Bibliográficas

- ANGROSINO, M. & PÉREZ, K. A. M. 'Rethinking Observation: From Method to Context'. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. (Org.) *Collecting and Interpreting Qualitative Materials*. Thousand Oaks/Londn/New Dheli: Sage Publications, 2003, p. 107-154.
- BARRETO, Túlio V. *Gilberto Freyre e o futebol-arte*. São Paulo: Revista USP, 2004, n. 62, 233-238.
- BAUER, Martin W. & GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BOURDIEU, P. Compreender. In _____. (coord.). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.
- CERVANTES, MIGUEL DE. *O Engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*, Primeiro Livro. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- COURY, Guillaume. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU & LACROIX (org.). *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Lisboa: Difel, 1990.
- DA MATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: futebol e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei. *Do dom a profissão*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.
- ELIAS, Norbert. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, A. & WOUETRS, C. (orgs.). *O controle das emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- _____. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. *Introdução à sociologia*. Lisboa / Portugal: Edições 70, 2005.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, N. & DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985.
- FIFA, *Players' Agents regulation*. Zurich, 2011.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCALT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2010C.
- FREITAS, Altieri Dias. *Corações nas pontas das chuteiras? Controle das emoções nas categorias de base de clubes pernambucanos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- FREYRE, Gilberto. O negro no futebol Brasileiro – prefácio à primeira edição (1947). In: MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GIULLIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010A.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009
- _____. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes, 2010B.
- _____. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.13-38.
- GOUDSBLOM, Johan. La vergüenza como dolor sócial. In: Miño e Dávilla. *La civilización em cuestión*. Argentina/Madrid: Miño e Dávilla, 2008
- GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.
- HEINICH, Nathalie. *A sociologia de Norbert Elias*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.) *Teoria Social Hoje*. São Paulo: UNESP, 1999, p.321-357.
- MILLS, C. Wright. On intellectual Craftsmanship. In: *The sociological Imagination*. Oxford University Press, 2000. p. 196-226.
- MAUSS, Marcel. *Marcel Mauss: sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MORAIS, Jorge Ventura & Barreto, Túlio Velho. *Aprendizes de Futebol: as regras do futebol, sua flexibilidade e “recriação” pelos jogadores de base*. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq, 2008.
- MORAIS, Jorge Ventura et all. *Ritual e dramatização nas interações sociais de jogadores de futebol em categorias de base*. Política & Trabalho, n. 33, 2010, 187-209.
- SANTOS, B. de S. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, 2002, 237-280.
- SIMMEL, George, *As grandes Cidades e a vida do espírito*. Mana, n. 11(2), 2005, 577-591.
- WACQUANT, Loic. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- WHYTE, William Foot. *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Anexos

Anexo I: Do Campina, um *sketch* (14/08/2012)

Fiquei por ali, no meu usual posto de observação, na sombra da chuva-de-ouro. Apenas vivenciava o lugar, em um só tempo reafirmando minha temporária presença, mas colocando minha energia cognitiva em *standby*. E isso não foi um daqueles momentos em que o etnógrafo entediado, enquanto toma uma água de coco e faz cafuné em algum vira-lata local, aceita a naturalidade dos processos cheio de sentidos que o campo oferece. Isso acontece. Ninguém é de ferro. Minha passividade, contudo, era de outro tipo. Na verdade, eu me predispus a observar outro fragmento de tempo na vida dos garotos que afluíam para Campina de outros bairros da Região Metropolitana do Recife. Assim como eu, seu meio de transporte básico era uma das linhas que abasteciam o bairro, o Campina do Barreto, linha 722 da empresa São Paulo, que ligava o centro do Recife àquele bairro, percorrendo 7 quilômetros em aproximadamente 30 minutos.

Eu já havia acompanhado, na qualidade de “passageiro”, geralmente entediado, alguns desses deslocamentos. Sempre me encontrava com um ou outro garoto em uma das paradas do centro do Recife, na Praça do Diário ou em uma das avenidas que cruzava. Especialmente um deles, Kelvin, morador da mesma cidade que a minha, chegou a me acompanhar em quase todo o trajeto que fazíamos para chegar a campo (na dupla acepção do termo), saindo da Integração de Camaragibe. Conversamos longamente e, não negligenciando a sorte que o acaso oferece ao observador atento, isso já havia gerado algumas boas linhas para o meu diário de campo. Já na “volta”, em algumas oportunidades, aguardávamos o ônibus e subíamos juntos, mas aí terminava nossa experiência comum.

Lá dentro eles se agrupavam em um local diferente de onde eu sempre ficava. Mais do que isso: eles desenvolviam um tipo de definição da situação diferente da atitude comum assumida pelos passageiros. E foi observando o comportamento dos garotos, em comparação com o dos outros passageiros do ônibus (inclusive eu), que resolvi fazer uma espécie de etnografia móvel e instantânea. Uma espécie de “descrição

densa”, buscando captar a cadeia de sentidos obtida que, vista em seu conjunto, possibilitava aquele acontecimento. E além de tentar captar as ações do garoto, o que procurarei fazer, é mostrar como elas se vinculam aos elementos da paisagem urbana. O ônibus, os opacos viandantes de uma tarde recifense, os barulhos, sons, enfim, a energia pulsante da cidade será requisitada na composição dessa etnografia fugaz.

Aquele agrupamento parecia uma tropa em paragem de descanso. Atirados na calçada ou zanzando entre os colegas, disparavam um dito ou outro só para quebrar o aborrecimento da espera. Isso foi solapado de uma vez com o aparecimento de uma daquelas figuras humanas estigmatizadas. A mulher rota, desgrenhada, vinha pelo canto da calçada e fez menção em aproximar-se de Carlos Henrique, que rapidamente se afastou. Esse acontecimento gerou uma série de chistes: *“hehe ganhou a pirraia!... ei pow da um beijinho vai, um beijinho nela, já ganhasse... tu é frango é? Tá correndo da mulher...”*. A alienada falou algo meio *nonsense* e para minha sorte deu uns passos em minha direção. Os garotos ficaram olhando qual seria o desfecho dessa situação e minha ansiedade aumentava diante da ameaça de humilhação que aquela pessoa trazia. Por sorte, depois de balbuciar algo, ela fez um movimento desavisado e seguiu pela Rua Iguatu.

Já nós ficamos na mesma parolagem vã de parada de ônibus. *“Leva Nabunda ou deixa Nabunda?”*, eis o tema levantado por um bufão. Apontou um Via Derby. Um dos garotos se ergueu e ficou no aguardo para esticar o braço, convenção de parada. Quando esboçou tal gesto, dois colegas, com gritos e puxões convincentes, impediram-no de seguir. O pobre-diabo maldisse seus algozes, meio combatendo, meio comemorando a brincadeira: *“Tu tem que ir é com a gente pow...”*, um dos camaradas falou. Alguns minutos depois a máquina da viação São Paulo aportou. Retardatário, fiquei observando o embarque: Kelvin e Carlos Henrique, guerreando pela primazia da apertada porta; Neymar atrás empurrando; um outro ergueu a porta-chuteira e com um gesto, rápido, seco, apenas por diversão, tacou na cabeça de Kelvin. Enquanto passava pela roleta, tive tempo de ver o olhar ameaçador de Kelvin para o outro, predizendo vingança.

Dobramos à direita na Rua Constança e duas quadras depois dobramos à esquerda. Seguimos, com poucas paradas, pelas ruas asfaltadas, margeadas pelos armazéns, mercearias, oficinas, lojinhas de todos os tipos, etc. No começo da Rua das Moças, as habitações ainda não haviam se agigantado no formato dos grandes espigões que teimam em brotar do solo do Recife como por encanto - como logo veríamos ao aproximarmos da sombra do José do Rego Maciel. A não ser por alguns conjuntos habitacionais, as resistentes casas de alvenaria, práticas, asseadas, racionais, de cores e muros diversos, formavam a paisagem básica que atravessávamos em segunda, terceira marcha. O apinhamento daquelas construções, contudo já havia tornado o verde em borrões no cenário de fim de tarde. Naquela hora, alguns transeuntes buscavam seus afazeres: uma mulher seguia com uma pequenina, o mecânico conversava com algum conhecido, duas jovens caminhavam, um cachorro seguia sem rumo.

O ônibus avançava quase vazio pelo corredor suburbano. Apenas eu e mais quatro pessoas ocupávamos a parte mais dianteira, a partir da cadeira elevada, meu instável trono e eventual posto de observação. Duas fileiras de cadeiras à frente, havia uma moça vestida com a farda da Academia da Cidade. Pelo distintivo da Prefeitura do Recife e sua compleição física, imaginei que deveria ser alguma instrutora. Impossível ver seu rosto, sempre oculto atrás da frieza de um enorme óculos escuros. Duas senhoras com duas crianças entraram na parada após a nossa na Rua Constança. Uma delas, embora quebrando a regra de falar “apenas o indispensável”, permaneceu junto da tampa do motor, conversando com o motorista. Sua companheira tentava domar os dois moleques do lado de cá da roleta. Além desses, havia um rapaz com uma mochila no colo, mão no suporte de ferro dos assentos da frente e fones no ouvido – eu mesmo em outros itinerários.

A trupe do Inter, por sua vez, se concentrou na parte traseira do coletivo. Pus, então, em movimento os meus olhares de soslaio, recebidos inicialmente com algum sorrisinho e depois com indiferença. Neymar, usando uma camisa do Vasco da Gama, havia se postado em uma das últimas cadeiras, no lado direito, assentando seu antebraço na janela do ônibus como para avisar que aquele quinhão era seu. Ao seu lado estava o “primo do jogador do Santa”, sempre observador e sempre disposto a gargalhar alto, enfatizando a hilaridade com certo estrebuchado de todo seu ser. Na cadeira do meio, sentado meio de pernas abertas e com uma das mãos segurando em um dos ferros da

frente estava Kelvin, que contribuía com constantemente na tessitura daquela pequena figuração. Ao seu lado, na outra janela, estava outro garoto. Antônio permaneceu o tempo todo em pé, às vezes, segurando no suporte, às vezes, apenas se equilibrando encostado de costas em um dos ferros. Diferentemente dos outros dois garotos, que formavam uma parceria em um dos restantes assentos geminados.

Os “campinenses” diziam ditos sobre a irmã de alguém, falavam palavrões em tons homoeróticos e homofóbicos, e negavam-se uns aos outros, tudo para a irritação fingida e o prazer prolongado. Quando Antônio aumentou o som que saía de um pequeno “cubo”, espécie de caixinha de som *Made in China*, a algazarra tomou proporções carnavalescas. Cantavam, gritavam, conversavam, simulavam brigas, tudo ao mesmo tempo e com alguma movimentação no espaço que ocupavam - protegidos pela placa publicitária, biombo da porta traseira, cadeiras elevadas. Em um instante Neymar se desligou da sociedade e gastou alguns segundos observando o que flanava lá fora. Em algum ponto da Rua das Moças captou um fugaz objeto digno de atenção: “*ahê, ei novinha*”. Por um momento esse berro ecoou no espaço do ônibus chamando a atenção de um ou outro garoto, que logo se esquecia em outras coisas mais importantes.

O fato de estarem trafegando parecia facilitar a excitação que demonstravam. O atrito das rodas com o tapete de piche por si só já gerava uma vibração constante, cuja intensidade era maior ali onde estávamos. Os solavancos, repartidas, freadas, guinadas para direita ou para esquerda, de um veículo guiado quase no limite de ligeireza que o *tacógrafo* permitia, geravam uma instabilidade prazerosa. Kelvin, no mais das vezes, permaneceu encostado no ferro central do biombo sem se agarrar em nada e fazendo evoluções para um lado e para outro, ou dando giros para responder algum questionamento de um colega. Antônio usava apenas uma das mãos para segurar no ferro de segurança. Equilibravam-se como um skatista apenas com o peso do próprio corpo ou movimentava-se com pequenas ameaças de tombo, praticantes de *parkuor* móvel. E a vibração externa que chegava aos corpos dos garotos somava-se e potencializava a agitação expressada através de palavras e gestos.

O cubo, apesar das reduzidas dimensões, produzia um som agudo, alto, imperfeito. As batidas, rápidas, repetitivas de um funk cantado por alguns e as conversas gritadas, inadiáveis, criava uma atmosfera ritualística. Só potencializada pelo

barulho urbano. A enorme massa de ferros, materiais sintéticos e motores produziam por si só um rude barulho, só interrompido nas paradas e nos sinais vermelhos. E nesses instantes outros instrumentos ecoavam: motores outros, vozes ressoando, o vento no rosto e toda uma série de ruídos dissonantes. Harmonizavam-se, de fato, com os bits do ritmo carioca.

E a letra também se referia a uma viagem igual a que estávamos fazendo. Jovens homens, cheios de dinheiro, carros e motos de marcas (Azzeera, Kawasaki, Sonata, Bandit, etc), davam um volta pela cidade em busca de garotas. Cativados pelo som, Antônio e outro garoto ensaiaram uma dança sensual. Os corpos se aproximaram meio no atropelo, perna entre pernas. Um dos pares ergueu o braço esquerdo para o alto, movimentando no *beat* da música, enquanto com a outra mão ele tentava segurar as costas de Antônio. Esse, por sua vez, fazia caretas fingindo gozo, e procurava o outro com uma das mãos. A dança não durou mais do que alguns breves segundos, tempo permitido para tal manifestação. Esses segundos foram acompanhados com grande atenção e comemoração por parte dos espectadores: gritavam “*awe... Oi, Oi, Oi*” e gargalhavam muito alto.

O ônibus rasgava a Avenida professor José dos Anjos. Em alguns instantes, especialmente Neymar e outro garoto, puseram-se novamente a observar os transeuntes que percorriam as sofríveis calçadas da grande reta. Em alguns instantes, quando eles avistavam alguma garota mais bonita, gritavam e tentavam chamar a atenção usando o recorrente termo “*novinha*”. Provavelmente as garotas não ouviam esses clamores ou, se ouviam, a velocidade com que seguíamos as impediam de dar qualquer resposta aos paqueradores. Algo acontecia na fração de um olhar, rápido, desligado. O movimento dava poder aos garotos para estabelecerem a definição de uma situação que parece que servia para aumentar a comunhão de símbolos que efetuavam ali naquele espaço de fundo. A expressão do desejo pelo sexo oposto servia para reafirmar laços cujo um dos fundamentos principais era a masculinidade.

E se há alguns minutos acontecera um rito de entrada cujo meio foi uma leve violência, também haveria um rito de saída. Assim que desaguamos na Avenida Norte o “*primo*” pediu parada. Contudo, prevendo o ataque, postou-se meio de lado, repelindo uma tentativa de soco de brincadeira e alguns xingamentos de seus camaradas. Assim

que o ônibus estacionou e abriu a porta traseira, ele esforçou-se ao máximo para escapular rapidamente, não sem antes tomar um chute nas costas, algumas cusparadas e ter de ouvir a imagem de sua mãe atacada por um palavrão. Respondeu com um gesto não tão amigável e com ameaças de “*eu vou te pegar Kelvin*”, mas com um ar de riso no rosto. O mesmo repetiu-se com mais dos garotos que ficaram por aquela avenida.

Havia uma ambiguidade nessa estratégia de “filmar” os garotos “fora” do seu cenário usual: era o fato de estarem juntos naquela instituição, O Inter de Campina, realizando movimentos pendulares cotidianamente, que possibilitou a criação de um tipo de sociabilidade juvenil, masculina e pungente, típica de garotos que estão naquela fase de vida. Um tipo de sociabilidade que, ao mesmo tempo e em níveis diferentes, se opunha e complementava o processo de formação que se passava no Inter.

A instituição da qual se saía no sentido “subúrbio/cidade” e se fugia temporariamente era a “religião secular do brasileiro” com suas noções, valores e regras. Era um escape móvel e temporário. Uma lacuna entre o mudo do jogo e o mudo do jogo da vida, que os esperava em seu destino. Ali não haveria Valter com seu “olho atrás da cabeça”, não haveria Ney e nem ninguém que atualizasse a autoridade difusa em nome do processo de gestação que se desenrolava em Campina. Os atores faziam as regras ou a falta delas e vivenciavam a magia da vida imediata.

E não parecia acaso o fato de se dirigirem para o “fundão” do ônibus. Agrupavam-se na região onde se localizam aqueles que não querem ser vistos em flagrante em seu trabalho de perturbação da “definição da situação” (GOFFMAN, 2010a). É uma espécie de bastidor dentro do palco ou audiência, a parte dos fundos. A ordem era questionada por sons, gestos e comportamentos que faziam parte de padrões expressão que instauram uma “subcultura” que se diferenciava e, em diversos níveis, se contrapunha ao tipo dominante de expressão presente no ônibus: o passageiro blasé diante da “grande cidade” (SIMMEL, 2005).

Esse sítio parecia facilitar um *ethos novo*. O grande vidro retangular na traseira do ônibus, que poderia servir de entrada para iluminação e olhares curiosos, estava coberto com alguma publicidade de uma loja de sapatos, e, portanto, criava uma impressão de blindagem. Havia o biombo de ferros e vidro fincado na frente dos assentos próximos a terceira porta, provavelmente uma estratégia dos projetistas para proteger passageiros de alguma freada brusca. Isso se arranjava com as cadeiras mais elevadas, localizadas sob as rodas traseiras. Esses implementos criavam, como consequência não pretendida pelos projetistas, uma proteção natural para os olhares alheios das pessoas do outro compartimento do ônibus. Se bem que em suas diversões os garotos pareciam pouco preocupados se estavam sendo captados ou não pela câmera “canguru” postada no alto do painel.

Anexo II: Fotos

Nos “bastidores” – 31-05-2012



Correndo – 28-06-2012



Pais e agregados – 29-05-2012



“Professores” em ação – 28-06-2012



Peladeiros disputando espaço (ao fundo, sede do centro social) – 26-06-2012



Ney conversa com um pai e Valter com um “conhecido” – 21-05-2012



“Cafuné” na cabeleira de Ortigoza na sombra da Chuva-de-ouro - 26-05-2012



Treino em dia chuvoso – 17-07-2012



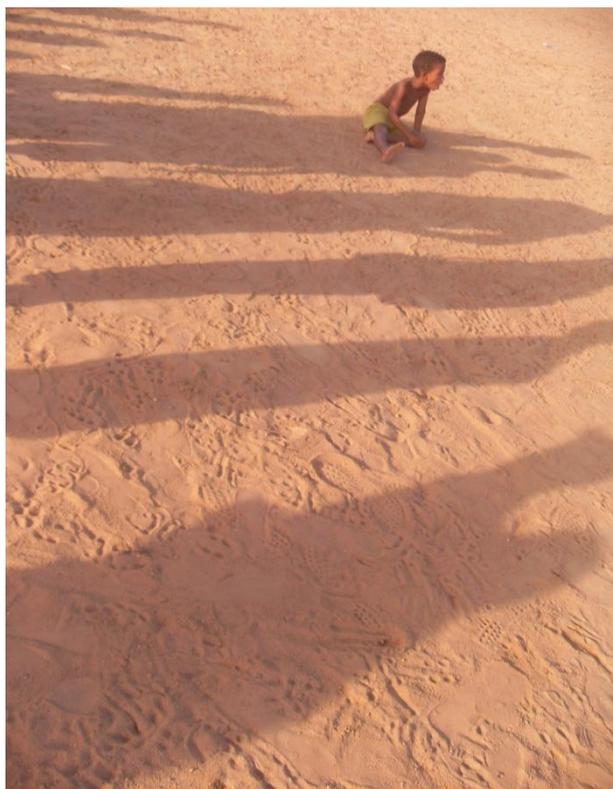
“Materiais” – 17-07-2012



Dando gelo – 17-07-2012



Sombras de “jogadores” sobre garoto da vizinhança – 09-06-2012



Sede do Inter de Campina – 09-06-2012

